

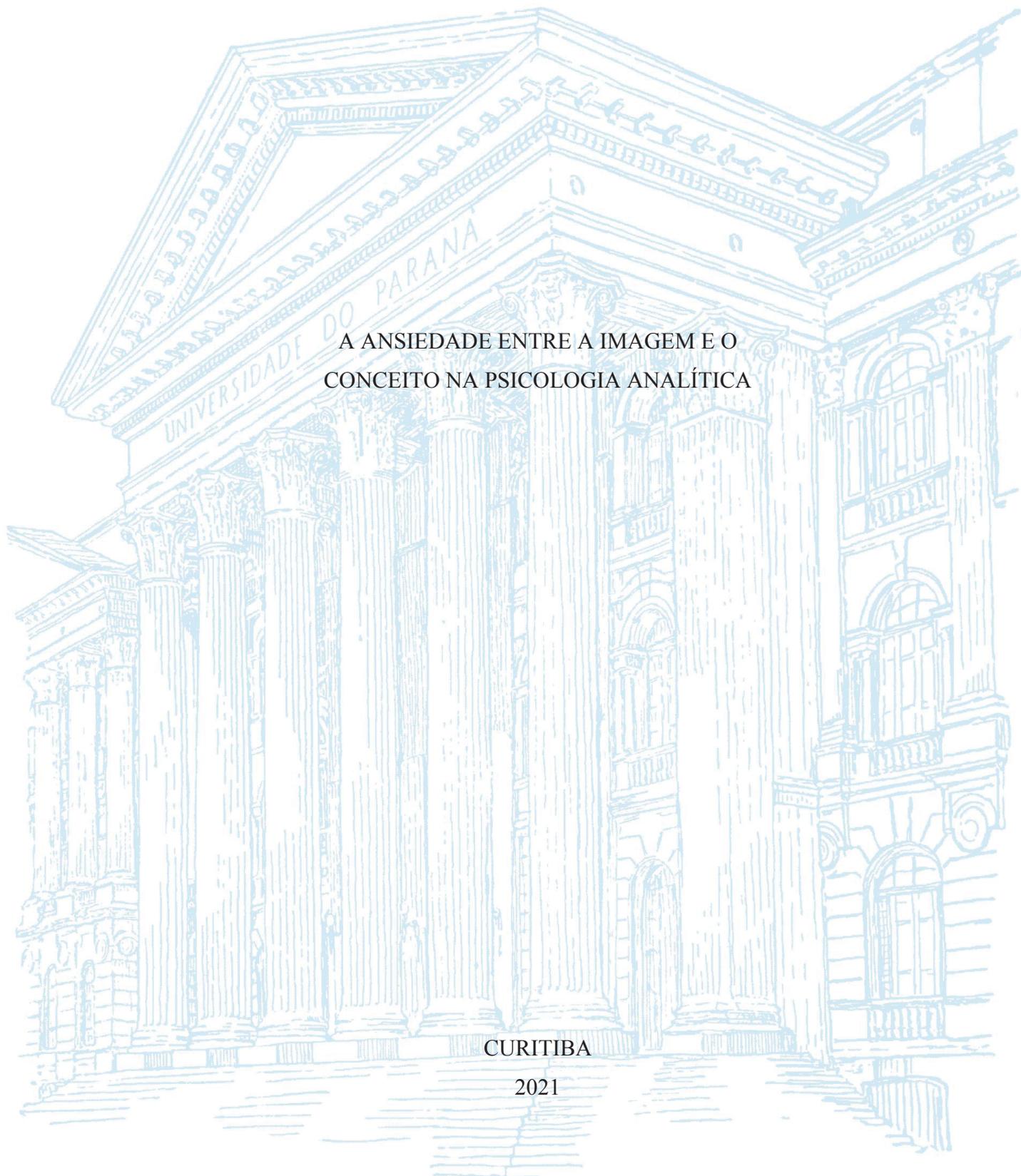
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENAN MARQUES FRANKLIN

A ANSIEDADE ENTRE A IMAGEM E O
CONCEITO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

CURITIBA

2021



RENAN MARQUES FRANKLIN

A ANSIEDADE ENTRE A IMAGEM E O
CONCEITO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Dissertação de monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena.

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Franklin, Renan Marques
Ansiedade entre a imagem e o conceito na Psicologia Analítica, / Renan
Marques Franklin . – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena

1. Ansiedade. 2. Imagem (Psicologia). 3. Conceitos. 4. Psicologia junguiana.
I. Serbena, Carlos Augusto, 1968. II. Título.

CDD – 150.1954



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

ATA Nº247

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE Mestrado PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia vinte e cinco de junho de dois mil e vinte e um às 14:00 horas, na sala da plataforma digital <https://conferenciaweb.mp.br/webconf/estudos-em-psicologia-analitica-ufpr>, conforme determinações da Portaria nº36/2020 da CAPES, das Portarias nº754/2020 e nº412/2021 da Reitoria UFPR e das recomendações da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPR (PRPPG), foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **RENAN MARQUES FRANKLIN**, intitulada: **Aniedade entre a imagem e o conceito na Psicologia Analítica**, sob orientação do Prof. Dr. **CARLOS AUGUSTO SERBENA**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: **CARLOS AUGUSTO SERBENA** (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), **VICTOR TINOCO DELGADO** (FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA), **PAULO AFRANIO SANT ANNA** (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI), **GUILHERME SCANDIUCCI** (PONTIFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela **APROVAÇÃO**. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **CARLOS AUGUSTO SERBENA**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 25 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica
07/07/2021 09:02:22.0
CARLOS AUGUSTO SERBENA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/06/2021 15:57:03.0
VICTOR TINOCO DELGADO
Avaliador Externo (FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA)

Assinatura Eletrônica
07/07/2021 14:28:32.0
PAULO AFRANIO SANT ANNA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI)

Assinatura Eletrônica
29/06/2021 23:40:39.0
GUILHERME SCANDIUCCI
Avaliador Externo (PONTIFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RENAN MARQUES FRANKLIN** intitulada: **Ansiiedade entre a imagem e o conceito na Psicologia Analítica**, sob orientação do Prof. Dr. **CARLOS AUGUSTO SERBENA**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica
07/07/2021 09:02:22.0
CARLOS AUGUSTO SERBENA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/06/2021 15:57:03.0
VICTOR TINOCO DELGADO
Avaliador Externo (FACULDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA)

Assinatura Eletrônica
07/07/2021 14:28:32.0
PAULO AFRANIO SANT ANNA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI)

Assinatura Eletrônica
29/06/2021 23:40:39.0
GUILHERME SCANDIUCCI
Avaliador Externo (PONTIFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa de bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e a instituição pública Universidade Federal do Paraná, que viabilizaram a realização desse projeto, e minha contribuição pequena, mas existente, para o desenvolvimento da Psicologia.

Ao meu orientador, Dr. Carlos Augusto Serbena, que com paciência me guiou durante esse projeto, mesmo com as adversidades que encontramos pelo caminho.

Aos meus pais, José Azul Rates Franklin & Kátia Marques, que me apoiaram de tantas formas para que eu pudesse sonhar e realizar minha trajetória.

Aos meus colegas da Archés Psicologia, que me estimularam no aprofundamento da Psicologia Analítica e Arquetípica de forma crítica e instigada.

Aos membros da banca, que colaboraram desde a qualificação, com a elucidação da trajetória a ser desenvolvida, e da individuação que a alma do projeto pedia.

Aos colegas da turma de Mestrado em Psicologia de 2019 da UFPR, e em especial aos colegas das turmas de 2018 a 2020 com ênfase em Psicologia Analítica, por compartilharem essa trajetória comigo, suas dificuldades, ansiedades e superações, muitas vezes comuns às minhas.

Aos amigos e familiares por me apoiarem e compreenderem os períodos de ausência.

A minha namorada, pelo apoio e compreensão, e por compartilhar dos longos finais de semana ou feriados dedicados ao trabalho.

RESUMO

A ansiedade está presente na história da alma humana desde antes de suas aparições nas literaturas médicas e filosóficas da antiguidade greco-romana. Atualmente é recorrente sua aparição na clínica e teoria da Psicologia Analítica. Podemos lidar com ela na forma de imagem psíquica, enquanto uma experiência pessoal de múltiplas possibilidades e potencialmente aprofundável, ou com conceito, enquanto uma experiência geral que abarca consistentemente diversas experiências. Para entender como a Psicologia Analítica compreende a ansiedade, tanto na forma de conceito quanto de imagem, foram feitas quatro produções independentes de revisões de literatura a fim de compreender dentro do campo junguiano: o contexto do termo “ansiedade”; a utilização de tipologias e categorias de ansiedades; a psicodinâmica da ansiedade, quando ela está no foco central do estudo; a psicodinâmica da ansiedade para os principais autores junguianos. Embora independentes, os estudos convergem para uma compreensão da ansiedade que vai em direção ao aprofundamento, ao passar do contexto geral, ao contexto específico, à psicodinâmica e finalizando com uma reimaginação da ansiedade. Diversas teorias como a Teoria do Caos, a Teoria do Apego, o Dilema Humano entre ser objeto definido e sujeito livre, e a interferência subjetiva do observador, foram articuladas. A ansiedade foi analisada nas visões Psicanalista causalista, Desenvolvimentista causalista e finalista, e Arquetípica / Clássica finalista. Respectivamente suas visões apontam para a ansiedade como: aspecto patológico fruto de falha no desenvolvimento da pele psíquica que dá forma à identidade e intermedia sua relação com o meio; aspecto defensivo contra ameaças psíquicas; caminho arquetípico para a individuação. Independentemente da abordagem, ela é praticamente inevitável e está sempre presente na ameaça de um evitável ou reduzível prejuízo afetivo. Foi traçada relação de diversos mitos com a manifestação da ansiedade, com o cuidado de que as lógicas míticas sirvam para promover aproximação e aprofundamento e não afastamento do fenômeno. Destacaram-se mitos de profundidade como Pã, e de finitude como Thanatos, por serem mitos de promoção de hiatos racionais. No campo junguiano, a ansiedade não possui um conceito único, mas diversas formas interligadas de manifestação e percepção, sendo imagem e conceito simultaneamente.

Palavras-chave: Ansiedade. Conceito. Imagem. Psicologia Analítica. Revisão.

ABSTRACT

Anxiety has been present in the history of the human soul since before its appearance in the medical and philosophical literatures of Greco-Roman antiquity. Currently, his appearance in the clinic and theory of Analytical Psychology is recurrent. We can deal with it in the form of a psychic image, as a personal experience of multiple possibilities and potentially deepening, or as a concept, as a general experience that consistently embraces diverse experiences. To understand how Analytical Psychology understands anxiety, both as a concept and as an image, four independent productions of literature reviews were made in order to understand within the Jungian field: the context of the term “anxiety”; the use of typologies and categories of anxieties; the psychodynamics of anxiety, when it is the central focus of the study; the psychodynamics of anxiety for the main Jungian authors. Although independent, the studies converge towards an understanding of anxiety that goes in the direction of deepening, moving from the general context, to the specific context, to psychodynamics, and ending with a reimagining of anxiety. Several theories such as Chaos Theory, Attachment Theory, the Human Dilemma between being a defined object and a free subject, and the subjective interference of the observer, were articulated. Anxiety was analyzed in the Psychoanalyst causalist, Developmental causalist and finalist views, and Archetypal / Classical finalist views. Respectively, their views point to anxiety as: pathological aspect resulting from failure in the development of the psychic skin that gives shape to identity and mediates its relationship with the environment; defensive aspect against psychic threats; archetypal path to individuation. Regardless of the approach, it is practically unavoidable and is always present in the threat of avoidable or reducible affective damage. The relationship of several myths with the manifestation of anxiety was traced, with the care that the mythical logics serve to promote approximation and deepening and not distancing the phenomenon. Profound myths such as Pan, and finitude such as Thanatos stood out, as they are myths promoting rational gaps. In the Jungian field, anxiety does not have a single concept, but several interconnected forms of manifestation and perception, being image and concept simultaneously.

Keywords: Analytical Psychology. Anxiety. Concept. Image. Revision.

RESUMEN

La ansiedad ha estado presente en la historia del alma humana desde antes de su aparición en la literatura médica y filosófica de la antigüedad grecorromana. Actualmente, su aparición en la clínica y teoría de la Psicología Analítica es recurrente. Podemos abordarlo en forma de imagen psíquica, como una experiencia personal de múltiples posibilidades y potencialmente profundizando, o como un concepto, como una experiencia general que abraza consistentemente experiencias diversas. Para comprender cómo la Psicología Analítica entiende la ansiedad, tanto como concepto como imagen, se realizaron cuatro producciones independientes de revisiones de literatura para comprender dentro del campo junguiano: el contexto del término “ansiedad”; el uso de tipologías y categorías de ansiedades; la psicodinámica de la ansiedad, cuando es el foco central del estudio; la psicodinámica de la ansiedad para los principales autores junguianos. Aunque independientes, los estudios convergen hacia una comprensión de la ansiedad que va en la dirección de profundizar, pasando del contexto general, al contexto específico, a la psicodinámica y terminando con una reimaginación de la ansiedad. Se articularon varias teorías como la Teoría del Caos, la Teoría del Apego, el Dilema Humano entre ser un objeto definido y un sujeto libre, y la interferencia subjetiva del observador. La ansiedad se analizó en los puntos de vista Psicoanalista causalista, Desarrollista causalista y finalista, o Arquetípico / Clásico finalista. Respectivamente, sus visiones apuntan a la ansiedad como: un aspecto patológico resultante de un fallo en el desarrollo de la piel psíquica que da forma a la identidad y media su relación con el entorno; aspecto defensivo frente a amenazas psíquicas; camino arquetípico hacia la individuación. Independientemente del enfoque, es prácticamente inevitable y siempre está presente en la amenaza de daño afectivo evitable o reducible. Se trazó la relación de varios mitos con la manifestación de la ansiedad, con el cuidado de que las lógicas míticas sirvan para promover la aproximación y profundización y no distanciamiento del fenómeno. Se destacaron mitos profundos como Pan, y finitud como Thanatos, ya que son mitos que promueven brechas racionales. En el campo junguiano, la ansiedad no tiene un solo concepto, sino varias formas interconectadas de manifestación y percepción, siendo imagen y concepto simultáneamente.

Palabras clave: Ansiedad. Concepto. Imagen. Psicología analítica. Revisión.

SUMÁRIO

1 PREFÁCIO	1
2 INTRODUÇÃO	3
2.1 CONTEXTO E PROBLEMA	3
2.2 OBJETIVOS	5
2.2.1 Objetivo Geral	5
2.2.2 Objetivos específicos	5
2.3 METODOLOGIA	6
3 UMA REVISÃO DO CONTEXTO DA ANSIEDADE EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	9
3.1 INTRODUÇÃO	6
3.2 METODOLOGIA	7
3.3 RESULTADOS	9
3.4 DISCUSSÃO	18
3.5 CONCLUSÃO	20
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
3.7 REFERÊNCIAS	22
4 UMA REVISÃO TIPOLOGICA DO CONCEITO E IMAGEM DA ANSIEDADE EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	30
4.1 INTRODUÇÃO	31
4.2 METODOLOGIA	33
4.3 RESULTADOS	34
4.4 DISCUSSÃO	39
4.5 CONCLUSÃO	45
4.6 REFERÊNCIAS	47
5 UMA REVISÃO DA PSICODINÂMICA CONCEITUAL E IMAGINAL DA ANSIEDADE EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	53
5.1 INTRODUÇÃO	54
5.2 METODOLOGIA	54
5.3 RESULTADOS	55
5.3.1 ...-1989	55
5.3.2 1990-1999	55
5.3.3 2000-2009	58
5.3.4 2010-2019	60

5.4 DISCUSSÃO	67
5.5 CONCLUSÃO.....	70
5.6 REFERÊNCIAS	72
6 PAN-THANATOS ADENTRO: ANSIEDADE REIMAGINADA POR UMA METANÁLISE JUNGUIANA APROFUNDADA	75
6.1 INTRODUÇÃO.....	76
6.2 METODOLOGIA.....	77
6.3 RESULTADOS	78
6.3.1 Escola Desenvolvimentista.....	78
6.3.2 Escola Clássica	81
6.3.3 Escola Arquetípica.....	85
6.4 DISCUSSÃO	88
6.5 CONCLUSÃO.....	98
6.6 REFERÊNCIAS	100
7 CONCLUSÃO.....	103
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
9 REFERÊNCIAS	109

1 PREFÁCIO

Dedico-me a descrever sobre o contexto, percurso e individuação desse trabalho antes de introduzir ao tema da ansiedade na Psicologia Analítica.

Para isso, considero o texto sobre a alma da pesquisa junguiana, que possui sua individuação além, apesar, e principalmente através da morte dos ideais do pesquisador (Romanyshyn, 2013), e da compreensão da alma contextual como *Anima Mundi*, presente no mundo em que estamos inseridos, e que essa pesquisa se realizou (Hillman & Ventura, 1995).

Com a proposta inicial de pesquisar manifestações nos sonhos de quadros de Síndrome do Pânico, eu e meu orientador esbarramos no primeiro obstáculo. Ao propor uma coleta de dados através de grupos vivenciais de sonhos, teríamos possivelmente poucos participantes e dados a serem analisados. Para viabilizar o trabalho, ampliamos a temática para quadros de Ansiedade, onde faríamos grupos com maiores níveis de ansiedade, e outros grupos controle com menores níveis de ansiedade.

Estávamos com tudo encaminhado para o desenvolvimento do projeto, que foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa SCS/UFPR com CAAE 28799220.0.0000.0102, intitulado “Sonhos e ansiedade: um estudo empírico sobre a base onírica da ansiedade”.

Um dia após o agendamento da banca de qualificação, todas as atividades foram suspensas. O país entrou em estado de quarentena pela chegada da pandemia do COVID-19. Todas as atividades presenciais que não fossem atividades estritamente essenciais foram canceladas, com previsão inicial de poucas semanas de restrições, mas sem certeza alguma. Entramos em um estado paranoide, com pouquíssima informação sobre um novo vírus mortal transmissível pelo ar. Um estado cindido e extremamente politizado, onde se trancar ou negar a realidade do risco tornou-se antes que tudo um ato social partidário. A alma do mundo mostrou-se patologizante.

O contexto de produção desse trabalho foi tomado por incerteza sobre o adiamento ou impossibilidade da realização das atividades grupais, que não foram canceladas imediatamente, mas sim indefinidamente adiadas, e que se encontram proibidas por medidas sanitárias até a conclusão dessa monografia; com vários obstáculos de reestruturação financeira familiar; ansiedades sobre um risco eminente de morte pessoal ou de familiares.

Com isso, precisávamos de um novo projeto independente à coleta, e meu orientador propôs o aprofundamento teórico do meu objeto de estudo, a ansiedade. Com a provocação sobre de que difere com relação à angústia, iniciei uma coleta sistemática de dados sobre os termos Ansiedade, Angústia e Distress, em português, inglês e espanhol, em diversas bases de dados. Nesse momento, acredito que pequei pelo excesso, e conforme apontado por Hillman, o crescimento desmedido ocorre ou na juventude ou como câncer (Hillman & Ventura, 1995, pp. 17–20). Os resultados foram tabulados e trabalhados, porém haviam muitos dados em uma mesma coleta. Por constituir-se de um único levantamento composto por diversos termos em diversas bases, a organização deles foi maçante.

Optou-se pela fidelidade na seleção dos dados, a fim de não tornar esse processo mais parcial e tendencioso que o presente em qualquer escolha de tema e método. Isso conflitava diretamente com a viabilidade de publicação dos resultados, visto haverem mais de 40 páginas só de referências, e considerando que as revistas acadêmicas aceitam publicações que tenham no máximo 20 ou 30 páginas ao todo.

Os cortes seguintes na trajetória prevista se deram pela realização da qualificação. Com o auxílio dos membros da banca, o trabalho foi podado para que pudesse se desenvolver. Todo o levantamento sobre Angústia e Distress foi retirado em um processo de *separatio* e *mortificatio*. O tema da ansiedade voltou ao foco, sendo separado em quatro níveis de aprofundamento. Esses níveis deram origem à estrutura em quatro artigos que compõe essa dissertação.

A individuação do trabalho guiou-me para a morte da proposta inicial e nascimento de um trabalho que se fez, me utilizando como ferramenta. Os temas iniciais, de Sonhos e Pânico estão presentes nesse trabalho como temas secundários. As barreiras de execução dos temas iniciais se dissolveram durante o processo após terem desviado nosso rumo. As diversas facetas de Pã, Tânatos e *pathos* se revelaram em teoria e prática nesse processo.

Como consequência, nasce um trabalho muito mais fundamental à teoria, onde antes de discutir a ansiedade em qualquer contexto, buscamos entender o que é ansiedade. A partir desse ponto, qualquer pesquisa junguiana está mais preparada para uma busca pela base onírica da ansiedade, mais fundamental a nível imaginal.

2 INTRODUÇÃO

2.1 CONTEXTO E PROBLEMA

A ansiedade é uma adaptação normal e natural que promove antecipação, porém desde a antiguidade greco-romana é reconhecido que pode aparecer como um *pathos* que perturba a mente, na forma de um afeto negativo ou distúrbio médico. Sêneca deu origem à pensamentos existencialistas ao defender que o medo da morte é o principal impedimento de desfrutarmos a vida. Já era divulgado que uma forma de escaparmos da ansiedade é se dedicar ao presente por ser a única realidade, dando origem a técnicas comportamentais e meditativas para ansiedade (Crocq, 2015, pp. 319–320).

A origem mitológica está nos excessos de Eros ou Cupido e terrores infundados de Fobos ou Timor. Já sua etimologia remete à contração ou estreitar. Tendo a mesma etimologia da angústia, por vezes aparece como sinônimo, e por vezes a ansiedade é uma sombria expectativa preocupada, e a angústia uma contração muscular generalizada. Entre a antiguidade e a psiquiatria moderna aparece misturado em diagnósticos como neurastenia, melancolia e panofobia. Freud voltou a diferenciar a ansiedade como fenômeno distinto, enquanto seu contemporâneo Kraepelin descreve como o afeto angustiante mais frequente, permeando corpo e mente, percebendo especificidades em situações sociais, bipolaridade ou pânico (Crocq, 2015, pp. 320–323).

Atualmente a ansiedade é popularmente chamada de “mal do século XXI”. O Brasil possui a segunda maior prevalência do mundo em transtornos de ansiedade (WHO, 2017) segundo dados de 2015 da Organização Mundial da Saúde. A psicoterapia acaba sendo um dos meios que a população busca para lidar com essa questão. Mas antes de surgir na literatura ou diagnósticos, a ansiedade já estava presente na vida humana. Não apenas por ser solicitada demanda clínica, mas pela própria natureza da ansiedade ser composta por aspectos psíquicos, é objeto de interesse da psicologia, não apenas a fim de tratamento, mas também de compreensão.

A compreensão do fenômeno é de essencial importância, e de maior valor que um consenso sobre o tratamento, pois cada abordagem faz sua leitura acerca do fenômeno estudado, e dá o devido encaminhamento segundo sua compreensão do que entende ser o objetivo da psicoterapia. Hillman fala que cada atuação profissional possui uma metáfora básica que guia a lógica, e conseqüentemente a prática (Hillman, 2011b, pp. 34–59). No caso da psicologia, a metáfora básica visa servir à psique ou alma (Hillman,

2011b, pp. 58–59), porém há divergências dentre as abordagens quanto qual psique é essa que deve ser servida, e de que forma.

Uma das ideias que estrutura a lógica e a prática junguiana é a existência de complexos e arquétipos. Quando constelados, ou seja, quando superinvestidos de energia psíquica, geram uma dinâmica psíquica característica. São eles que vão compor uma imagem. Utilizo os conceitos de complexo e arquétipo segundo a definição de que "Cada complexo é um grupo de imagens relacionadas entre si, formadas em torno de um núcleo central de significado que, em sua essência, é o arquétipo." (Hall, 1997, p. 18).

Por imagem utilizo a compreensão de Jung (1995i) onde afirma: “não entendo o retrato psíquico do objeto exterior, mas uma representação imediata, oriunda da linguagem poética, ou seja, a imagem da fantasia que se relaciona indiretamente com a percepção do objeto externo” (Jung, 1995i, para. 827). Essa diferenciação é seguida por James Hillman (2013, pp. 92–94) e Nise da Silveira (2006, p. 82).

Os complexos e arquétipos estão atuantes em qualquer manifestação psíquica, seja ela considerada normal ou patológica. Porém é no patológico que ela mostra sua capacidade autônoma com maior clareza, ao negar se adaptar a qualquer padrão estabelecido. Isso acontece inclusive nos casos de ansiedade, onde o padrão arquetípico ativado é muitas vezes relacionado à imagem de Pã.

A autonomia dos complexos, assim como a manifestação de Pã “[. . .] transcende o jugo humano dos propósitos, sendo completamente impessoal, objetivo e implacável. A causa de tal conduta é obscura; ela surge de repente, espontaneamente. Como a genealogia de Pã é obscura, a origem do instinto também o é.” (Hillman, 2015, pp. 35–36). Os complexos transcendem os limites racionais da consciência, seguindo uma lógica própria, seja nos atos impulsivos, seja nas manifestações dos sonhos, ou mesmo nas repetições de nossas vidas. Eles dão a impressão de criar um enredo, que como diz a expressão, “sem pé nem cabeça”, ou como no caso da imagem de Pã, meio homem meio bode, cabeça de um e patas de outro. De que adianta nossa consciência dizer que são animais diferentes, ou dizer ao sonho que ele não fez sentido, se assim constitui sua natureza?

Na linguagem imaginal “[. . .] O pânico, então, não seria mais considerado como um mecanismo fisiológico de defesa, ou uma reação inapropriada ou um *abaissement du niveau mental*, mas será visto como uma resposta adequada ao numinoso.” (Hillman, 2015, p. 54).

Apesar da importância do tema da ansiedade na psicologia, Jung não apresenta uma definição do conceito (R. May, 1977, pp. 158–160; Valladão, 2017, pp. 40–41), o que pode gerar inespecificidade na utilização do termo. Apesar de terem sido feitas dissertações sobre a ansiedade no campo junguiano (Nelson, 2015; Valladão, 2017), nenhuma encontrada dedicou-se à uma revisão sistematizada do campo, e é isso que esse trabalho propõe.

Ao discutir sobre o tema sem definir, pressuposto comunicação inconsciente e capacidade de aprofundamento, é promovida uma relação com o fenômeno enquanto imagem e não enquanto conceito, pois enquanto conceito valorizaria o esclarecimento racional (Hillman, 2018, pp. 81–83), onde estaríamos limitados pelas limitações linguísticas e da própria lógica parcial e moral (Hillman, 2011a, pp. 19–33).

Outra questão é se busco uma compreensão única ou múltipla sobre a ansiedade. Uma compreensão da ansiedade como imagem busca múltiplas possibilidades pensadas para cada sujeito individualmente, enquanto o entendimento da ansiedade como conceito busca uma única possibilidade que abrangesse todas as manifestações de um coletivo de expressões ou sujeitos diagnosticados. Tentei manter ambas as percepções abertas para os dados que surgirem.

Para compreender do que se trata a ansiedade no campo junguiano, tanto na forma de imagem quanto conceito, foram realizadas quatro revisões que se completam na compreensão do fenômeno dentro do campo. Elas seguem, como um processo alquímico, de forma a dissolver e coagular os conhecimentos disponíveis sobre a ansiedade. A ordem dos artigos vai da compreensão ampla e contextual para a específica e aprofundada. Essa ampliação para fora do fenômeno promove correlações e ligações, enquanto a ampliação para dentro promove sentido e compreensão. Esse processo foi também realizado na produção dos capítulos na forma de artigos.

2.2 OBJETIVOS

2.2.1 Objetivo Geral

- Analisar a compreensão da ansiedade enquanto conceito e imagem dentro do campo da Psicologia Analítica.

2.2.2 Objetivos específicos

- Compreender o contexto do termo “ansiedade” nas publicações junguianas.

- Analisar a utilização de tipologias e categorias de ansiedades, empregadas como conceito e como imagem no contexto em que se manifesta.
- Analisar qual a compreensão junguiana da psicodinâmica sobre o fenômeno da ansiedade, tanto na forma de conceito quanto de imagem, quando ela está no foco central do estudo.
- Analisar as características psicodinâmicas vinculadas à ansiedade com base nos livros dos principais autores junguianos.
- Reimaginar a ansiedade a partir da compreensão dos principais autores junguianos.

2.3 METODOLOGIA

Ao buscar uma compreensão da ansiedade como imagem e conceito, o método deve manter a abrangência de pessoas para um único fenômeno enquanto conceito, bem como a compreensão de múltiplas expressões, possibilidades e sentidos para cada ansiedade individual. A tensão entre multiplicidade e unicidade é definida como a causadora da Ansiedade Cultural (López-Pedraza, 1997, pp. 34–64). No caso da ansiedade, não é uma variação entre multiplicidade e unicidade, mas onde cada um se encontra, podendo ser múltipla a manifestação do termo, as pessoas da sociedade, ou os complexos autônomos, ou única a sua forma, sua explicação, ou a psique.

Para nos posicionarmos nessa tensão, utilizamos algumas ferramentas psicológicas no decorrer do trabalho, sendo elas: o eternizar, quando pensamos que uma causa não foi um ocorrido passado e portanto encerrado, mas uma relação sempre potencial de ocorrer novamente; contrastar, ao pensarmos a especificidade de cada situação por comparações; singularizar, ao pensarmos que embora algumas relações sejam comuns a experiência é sempre nova e única; decantar, ao não forçar o entendimento sem o devido aprofundamento; hiato, ao percebermos que quebras na lógica revelam a autonomia dos complexos (Hillman, 2018, pp. 96–102).

A construção desse trabalho segue o modelo escandinavo, formado de uma introdução, seguido por uma série de dois a cinco artigos, e um capítulo conclusivo (Moraes et al., 2021). Esses artigos vão se completando para uma compreensão mais ampla, resolvendo o Objetivo Geral na medida em que os Específicos vão sendo trabalhados. Não é um movimento de análise enquanto recorte seguido de síntese

enquanto reunião dos pedaços, mas de solução e posterior condensação, onde aquilo que emerge ao fim está carregado de toda experiência de produção ou leitura do trabalho.

Para explorar a ansiedade no campo junguiano escolhi o método de revisão. Isso não descarta a influência do autor na escolha do tema, dos termos e bases escolhidas, muito menos na leitura e correção dos dados, mas ao fazê-la de forma sistematizada, diminuem-se minimamente essa interferência. A revisão também serve como ferramenta para a ampliação para além dos autores já de conhecimento do pesquisador, sendo recomendada para qualquer análise de um campo amplo do conhecimento que vá além da obra de um autor específico.

Os três primeiros artigos são frutos de revisão sistemática, onde tem os termos e bases de dados já definidos antes da coleta de dados, e convergem em uma única busca em 12 bases de dados acadêmicas, por “ansiedade” na psicologia analítica, em Português, Inglês e Espanhol. Também passaram pelos mesmos primeiros processos de filtragem, onde foram eliminados artigos que não correspondiam à uma compreensão pela psicologia profunda. Divergiram apenas no último filtro, onde os resultados foram separados em três grupos, cada um com um objetivo, sendo eles o contexto geral, as categorias, e a psicodinâmica da ansiedade.

Não podemos compreender um fenômeno, e suas características como funções e adjetivos, de forma deslocada de seu contexto, estando a individualidade de cada sujeito, objeto ou evento presente na sua história. Por isso, a manutenção da textura enquanto aquilo que rege a forma que sentimos determinada coisa deve ser mantida contextualmente (Berry, 2014, p. 76). Para isso, tentei resolver o objetivo de “Compreender o contexto do termo “ansiedade” nas publicações junguianas” pelo método de revisão sistemática em bases de dados, por ser capaz de coletar narrativas, percepção de definições, relações e contextos onde o termo está inserido, onde o termo não apareça tipologizado nem aprofundado em discussão sobre sua psicodinâmica. Esse trabalho está apresentado no primeiro artigo, que foi submetido para publicação na Revista Subjetividades da Universidade de Fortaleza e está em processo de avaliação e editoração, estando sujeita à publicação após adequações que forem apontadas.

Por compreender a importância da singularidade (Hillman, 2018, pp. 97–98), surgiu o questionamento sobre a unicidade ou pluralidade da ansiedade. Será que os autores falam do mesmo fenômeno? Para fazer uma adequada distinção, surge a necessidade de ter como objetivo “Analisar a utilização de tipologias e categorias de ansiedades, empregadas como conceito e como imagem no contexto em que se

manifesta”. Realizei como método também uma revisão sistemática, dessa vez buscando sua utilização enquanto tipo ou categoria, mas ainda sem aprofundamento sobre sua psicodinâmica. Entende-se que tanto como conceito quanto como imagem o fenômeno pode aparecer como categoria, que em ambos os casos traz maior especificidade. As categorias encontradas foram reagrupadas em grupos categóricos segundo sua proximidade de manifestação. Esse trabalho está apresentado no segundo artigo.

Tendo levantado dados sobre com o que a ansiedade se relaciona, e quais seus tipos, partindo de um ponto de vista psicológico, ainda faltava buscar informações sobre como a ansiedade funciona, ou seja, qual sua psicodinâmica. Por isso, busquei “Analisar qual a compreensão junguiana da psicodinâmica sobre o fenômeno da ansiedade, tanto na forma de conceito quanto de imagem, quando ela está no foco central do estudo” também por uma revisão sistemática. A psicodinâmica envolta na discussão sobre a ansiedade foi reagrupada segundo proximidade de fundamentos pelas escolas junguianas. Esse trabalho está apresentado no terceiro artigo.

A partir dos dados colhidos, teve-se uma compreensão da ansiedade sobre o ponto de vista das publicações em bases de dados. Porém a Psicologia Analítica não tem tanto reconhecimento no meio acadêmico quanto no meio literário. Por conta disso, em uma revisão bibliográfica, feita em livros de autores relevantes previamente escolhidos, busquei “Analisar as características psicodinâmicas vinculadas à ansiedade com base nos livros dos principais autores junguianos” por análise bibliográfica dos principais autores de diversas escolas junguianas. Os resultados foram discutidos, relacionados e pensados sob uma perspectiva integrada, a fim de que os dados pudessem revelar novas possibilidades e sentidos emergentes, ao “Reimaginar a ansiedade a partir da compreensão dos principais autores junguianos”. Ambos os objetivos são cumpridos no quarto artigo.

O método geral do artigo possibilitou coletar primeiramente dados mais distantes do aprofundamento teórico, porém com maior quantidade, em direção aos mais aprofundados e em menor quantidade. É um processo de individuação da ansiedade, enquanto conceito em direção à imagem. As normas do trabalho seguem as diretrizes APA 7^aed, por ser a norma solicitada pela maior parte das revistas acadêmicas de psicologia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

3 UMA REVISÃO DO CONTEXTO DA ANSIEDADE EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Revisão do contexto da Ansiedade na Psicologia Analítica

Resumo

A ansiedade está presente no cotidiano da clínica psicológica, inclusive no campo da Psicologia Analítica. Esse artigo pretende compreender o contexto do termo “ansiedade” nas publicações junguianas, utilizando uma revisão sistemática em Português, Inglês e Espanhol. Foram analisadas 87 publicações coletadas em bases de dados acadêmicas, sendo observada a origem, a causa, a concomitância, e o tratamento, a fim de identificar o contexto em que a dinâmica da ansiedade é mencionada. Foi constatado que o termo comumente refere-se à um medo presente na tentativa de evitar ou reduzir um prejuízo, nos mais variados contextos. A utilização do termo ocorre na forma de conceito e de imagem, servindo à generalidade diagnóstica bem como ao aprofundamento da especificidade contextualizada.

Palavras-chave: Ansiedade. Contexto. Junguiano. Psicologia Analítica. Revisão.

Abstract

Anxiety are a daily term in the psychologist's clinic, including in field of Analytical Psychology. This article aims to understand the context of the term "anxiety" in the Jungian publications, using a systematic review in Portuguese, English and Spanish. 87 publications collected in academic databases were analyzed, observing the origin, cause, concomitance, and the treatment, in order to identify the context in which the dynamics of anxiety is mentioned. It was found that the term commonly refers to a fear present in an attempt to avoid or reduce harm, in the most varied contexts. The use of the term occurs in the form of concept and image, serving the generality of diagnosis as well as the deepening of contextualized specificity.

Keywords: Analytical Psychology. Anxiety. Context. Jungian. Review.

Resumen

La ansiedad está presente en la rutina diaria de la clínica psicológica, incluso en el campo de la Psicología Analítica. Este artículo tiene como objetivo comprender el contexto del término "ansiedad" en las publicaciones junguianas, utilizando una revisión sistemática en portugués, inglés y español. Se analizaron 87 publicaciones recolectadas en bases de datos académicas, observando el origen, causa, concomitancia y

tratamiento, con el fin de identificar el contexto en el que se menciona la dinámica de la ansiedad. Se encontró que el término comúnmente se refiere a un miedo presente en un intento de evitar o reducir el daño, en los más variados contextos. El uso del término se da en forma de concepto e imagen, sirviendo tanto a la generalidad del diagnóstico como a la profundización de la especificidad contextualizada.

Palabras clave: Ansiedad. Contexto. Jungiano. Psicología Analítica. Revisión.

Résumé

L'anxiété est présente dans la routine quotidienne de la clinique psychologique, y compris dans le domaine de la psychologie analytique. Cet article vise à comprendre le contexte du terme «anxiété» dans les publications jungiennes, à l'aide d'une revue systématique en portugais, anglais et espagnol. 87 publications collectées dans des bases de données académiques ont été analysées, en observant l'origine, la cause, la concomitance et le traitement, afin d'identifier le contexte dans lequel la dynamique de l'anxiété est évoquée. Il a été constaté que le terme fait généralement référence à une peur présente dans le but d'éviter ou de réduire un préjudice, dans les contextes les plus variés. L'utilisation du terme se présente sous forme de concept et d'image, au service de la généralité du diagnostic ainsi que de l'approfondissement de la spécificité contextualisée.

Mots-clés: Anxiété. Contexte. Jungian. Psychologie Analytique. Révision.

3.1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é queixa comum nos espaços de atuação da psicologia clínica, e segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2017), o Brasil é o país com maior prevalência de transtornos de ansiedade do mundo, sendo de 9,3% da população em 2015.

Estando presente no vocabulário cotidiano, a ansiedade no campo da psicologia geral é entendida como apreensão, antecipação de perigo, catástrofe ou de infortúnio, somatização de tensão muscular com bloqueio de ação, além de aceleração respiratória e cardíaca. Difere do medo ao ser orientada à ação futura, prolongada, e com objeto de ameaça difuso (Association, 2020 /anxiety).

O entendimento geral se desdobra em diversas categorias e concepções teóricas sobre sua psicodinâmica e gênese. O campo junguiano diferencia-se do modelo biológico por tratar-se de uma psicologia psicodinâmica profunda, ao considerar a influência do inconsciente sob o fenômeno estudado. Dentro do campo da psicologia profunda, diferencia-se da psicanálise, por entender: a libido como energia simbólica ou desejo além da sexualidade; possuir uma perspectiva imediata e prospectiva além da retrospectiva; a função religiosa e numinosa além da patologização; e a teoria psicológica como expressão subjetiva não impessoal (Jung, 1995c, paras. 256–783).

Sendo a imagem um objeto interno pela qual a psique opera (Jung, 1995i, para. 827 OC.VI), um olhar junguiano remete à compreensão simbólica dos conceitos, unindo assim imagem e conceitualização, ambos evocados simultaneamente no uso do termo. As imagens falam para o inconsciente dentro de um contexto, enquanto os conceitos genericamente aplicados pela consciência (Hillman, 2018, pp. 81–83), ao mesmo tempo em que a imagem é imprecisa e infinitamente desdobrável, diferentemente do conceito que é claro e preciso. É fundamental à compreensão da imagem a manutenção de sua textura, do contexto próprio em que surge (Berry, 2014, p. 76).

O objetivo desse artigo é verificar de que forma o termo “ansiedade” aparece nas publicações em Psicologia Analítica como conceito e como imagem. Isso inclui desde tentativas diagnósticas até ampliações contextuais.

3.2 METODOLOGIA

A partir da proposta de ficar com a imagem, reconhecendo a autonomia da psique em criar nossa realidade cotidianamente (Hillman, 2018, pp. 7–15), intensificamos nossa relação com ela ao psicologizar e aprofundar, enquanto uma amplificação para dentro, as relações que ela cria com a ansiedade e suas manifestações. Utilizamos uma coleta das narrativas por meio da revisão sistemática em bases de dados, como método para percepção de definições, relações e contextos do termo “ansiedade”.

A revisão sistemática destaca-se pela imparcialidade na escolha das fontes. Também é particularmente útil para integrar informações sobre intervenções conflitantes ou coincidentes (Sampaio & Mancini, 2007, p. 84). A coleta teve como base estrutural o modelo PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises) (The PRISMA Group, 2015).

Definido o assunto de interesse “ansiedade”, foram buscados os termos “ansi*” ou “anxi*” com o operador AND para buscar textos que estivessem na interseção com a área, definida pelos termos “analytical psychology”, “psicolog* analítica”, “junguian*”, “arquetípico*”, “archetypal”, “psicolog* comple*” ou “complex psychology”. As combinações possíveis foram aplicadas uma a uma. O termo “arquetípico” não prioriza uma Escola junguiana, visto que todas elas trabalham com o conceito de arquétipo e da característica arquetípica, sendo algo comum à toda abordagem junguiana.

A busca seguiu pela aplicação de filtro de pesquisa incluindo as variáveis Título, Resumo e Palavras-chaves quando disponíveis. As bases de dados buscadas foram: Biblioteca Virtual de Saúde do Ministério da Saúde; Biblioteca Virtual de Saúde Regional (BVS Reg); Chicago Press; Cochrane Library; Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); MIT Press; PubMed; PubMed Central (PMC); American Psychological

	1	10	0	4	1	66	8	0	70	160
Filtro 4						↓				
						141				
Filtro 5						↓				
						87				

Data da busca: Maio/2019

As bases de dados MIT Press, Chicago Press e The Campbell Collaboration não ofereceram qualquer resultado. Textos eliminados pelo Filtro 1 em geral apareceram por característica de algumas bases de dados como na BVS Reg e Scielo, que não buscaram termos compostos apenas conjuntamente. O segundo filtro eliminou textos onde “arquetípico” foi utilizado como característica biológica de síndromes ou condições de saúde, como Archetypal Autoimmune Disease e Archetypal member of the vanilloid Transient Receptor Potential Family (TRPV1). O quarto filtro separa as abordagens psicodinâmicas, considerando um maior diálogo de autores da psicologia analítica com essas abordagens, enquanto possui uma diferenciação mais clara das não psicodinâmicas, como a cognitivo-comportamental e neurociências. Ao excluir no quinto filtro os textos onde a ansiedade aparece como categorizada ou foco do estudo, observamos com maior atenção o contexto em que a ansiedade aparece.

A ansiedade foi analisada conforme sua causa, concomitância, consequência e tratamento. Foram consideradas concomitantes relações sem causalidade ou consequência clara, que apareçam juntamente, bem como sintomas.

3.3 RESULTADOS

Foi realizada análise dos trechos onde os termos buscados foram encontrados. A análise se deu por correlação textual, buscando definir a causa do fenômeno, concomitância ou efeitos correlatos sem causalidade explicitada, consequência, e tratamento enquanto qualquer postura que deve ou não ser tomada frente a ele, independente de cura.

Definições

Apenas 2 autores dentre os 87 se preocuparam em fornecer uma definição clara do que é ansiedade. Para Horne (2008) a ansiedade consiste no medo de objetos imaginários e terror de ser atacado de várias maneiras, enquanto para Chodorow (2000), é uma subcategoria do medo que visa sobrevivência pela cautela ao desconhecido, apresentando o medo incontrolável e repetitivo tremor, precipitação, evasão, ofegância, recuo, recolhimento, retraimento, imobilidade.

Causas

São descritas causas diversas da ansiedade, como exemplo temos a incerteza e ao desconhecido (Ahlert, 2009; Davies, 1989; Dawn, 2018; Gregory, 2011; A. Hinton, 2011; D. Hinton, 2011; Kalsched, 1998a; Kostihova, 2016; Lafer, 2017; Skar, 2004). Se liga também à necessidade de antecipação (Gregory, 2011; D. Hinton, 2011; Hinton IV, 2011; Leite Júnior et al., 2017), bem como à sensação de descontrole e incapacidade sobre si e sobre as situações (D. Hinton, 2011; Hinton IV, 2011; Horne, 2008; Nixon et al., 2006).

Está presente no contato com a sombra (Andersson, 2019; Hinton III, 2011; Hougham, 2012; Morrow, 2001; Rawlinson, 1996; Vance, 2014), com projeções (D. Hinton, 2011; Horne, 2008), no reconhecimento de projeções e introjeções (Heyer, 2016; Sidoli, 1986), com sentimento de ameaça ao Eu (Hubback, 1990; Silverstein, 2007; Vance, 2014; Weisel, 2015), sizígia (Sempruch, 2018), e nos sonhos (Horne, 2008; Rawlinson, 1996; Wilkinson, 2006).

Aspectos do desenvolvimento (Bovensiepen, 2009), incluindo ausência materna (Bright, 2009; Sidoli, 2000), olhar ou ser olhado na infância (Wharton, 1993), falta de sustentação de objeto bom internalizado (Horne, 2008), também podem levar à ansiedade. Traumas e agressões no passado ou presente também são produtores de ansiedade (Dawn, 2018; Horne, 2008; Hornung, 2018; Nixon et al., 2006; Wilkinson, 2006; Zettl, 1999).

Problemas de saúde podem gerar ansiedade, sejam elas condições físicas (Agudo & Trinca, 2012; Fine, 1992; Kwok, 2015; Reay et al., 2013; Strong, 2006), transtornos psiquiátricos (Cohen et al., 1994), vício (Fortim & Araujo, 2013a), TEPT (Dawn, 2018),

Alzheimer (D. Hinton, 2011), autismo (Sidoli, 2000; Weisel, 2015) ou perturbação neuronal (Peled & Geva, 2014).

A percepção e significação sobre si mesmo é um fator relevante, pelo descontentamento corporal (Adamczyk, 2019; Wiener, 1994), sofrimento (Spiegelman, 1988), condição humana (D. Hinton, 2011), falta de enredo pessoal (Kalsched, 1998a), vida sem sentido (Gordillo, 2016), perda de vocação (Vecchi, 2001), rejeição (Cochrane et al., 2014), dúvida sobre ser amado (Kloss, 1985), auto-revelação (Spiegelman, 1988), regressão (Hougham, 2012), desassossego (Peppler, 2018), desconexão (Peppler, 2018), arrependimento (Withers, 2015), fragilidade (Agudo & Trinca, 2012), ou situações de conflito (Dawn, 2018).

Em alguns textos, a causa é ligada à estrutura social, seja moral (Dimitrakos, 2019), política (Ponzanesi, 2014), econômica (Gregory, 2011), situações do trabalho (E. F. Franklin, 2015; Gregory, 2011; Kalsched, 1998a; Zettl, 1999), opressão social à sexualidade (Ponzanesi, 2014; Sonnekus, 2013), isolamento (Prior, 2008), ou falha na iniciação cultural (Jilek & Jilek-Aall, 1978).

A finitude é tema também correlato ao surgimento da ansiedade, estando presente na falta (A. Hinton, 2011; D. Hinton, 2011), luto (Russack, 1984), e contato com a morte (Hemingway, 2011; Kwok, 2015; Morrow, 2001; Vecchi, 2001). O medo aparece como gerador de ansiedade (Dawn, 2018; Fine, 1992; Gregory, 2011; Horne, 2008; Zettl, 1999), podendo estar ligado à finitude mas também outros aspectos pessoais ou coletivos.

Gera ansiedade também o silenciamento (Dimitrakos, 2019) seja por si-mesmo por insegurança, quanto pelo ambiente. A falta de tempo (Hirata, 2005) é citada, podendo ser pela necessidade de readaptação, de preparação, de realização dos desejos e da necessidade de ajudar, sendo esse último também citado (Espinosa & Gutiérrez, 2010). O contato com o sagrado (Cruz & Coelho, 2003) bem como a falta de espiritualidade (Freeman, 2015) também são citados. Necessidade de readaptação e desconstrução (Heyer, 2016; Oliveira, 2012) seja

sobre si mesmo ou sobre o ambiente. A relação transferencial (Lafer, 2017; Weisel, 2015) também pode gerar ansiedade.

Fatores concomitantes

Há fatores concomitantes que foram relacionados à ansiedade. É comum a relação descrita entre ansiedade e transtornos mentais (Oliveira, 2012; Peled & Geva, 2014), especialmente quadros de depressão (Andersson, 2019; Cohen et al., 1994; Dimitrakos, 2019; Doksat, 2003; Freeman, 2015; Gordillo, 2016; Jilek & Jilek-Aall, 1978; Oliveira, 2012; Peled & Geva, 2014; Pepler, 2018; Rawlinson, 1996; Russack, 1984; Skar, 2004; Vance, 2014), mas também psicose (Doksat, 2003; Peled & Geva, 2014; Silverstein, 2007; Vance, 2014), neurose (Vance, 2014), transtornos de personalidade (Peled & Geva, 2014), alteração de humor (Fortim & Araujo, 2013a; Zettl, 1999), bipolaridade (Doksat, 2003), demência (Andersson, 2019), e distúrbios alimentares (Dimitrakos, 2019).

Não apenas transtornos e distúrbios se relacionam à ansiedade, mas sentimentos e respostas emocionais, como medo (Adamczyk, 2019; Agudo & Trinca, 2012; Bright, 2009; Cruz & Coelho, 2003; Fortim & Araujo, 2013a; Guttzeit, 2015; Horne, 2008; Kostihova, 2016; Skar, 2004; Strong, 2006; Wilkinson, 2006), estresse (Fortim & Araujo, 2013a; E. F. Franklin, 2015; Gordillo, 2016; A. Hinton, 2011; Oliveira, 2012), baixa autoestima (Fortim & Araujo, 2013a; Freeman, 2015; Oliveira, 2012; Vance, 2014), desespero (Strong, 2006; Weisel, 2015; Wilke, 1989), angústia (Hirata, 2005; Oliveira, 2012; Parisi, 2009), raiva (E. F. Franklin, 2015; Hornung, 2018; Wilkinson, 2006), tristeza (Fortim & Araujo, 2013a; E. F. Franklin, 2015; Gordillo, 2016), frustração (E. F. Franklin, 2015; Jilek & Jilek-Aall, 1978; Oliveira, 2012), pavor (A. Hinton, 2011; D. Hinton, 2011), culpa (Cochrane et al., 2014; Heyer, 2015), dor (E. F. Franklin, 2015; Reay et al., 2013), traumas (Cantz, 2018; Gailor-Loflin, 2006), perda (Gordillo, 2016; Sempruch, 2018), terror (Abramson, 2008; Horne, 2008), vergonha (Reay et al., 2013), remorso (Cochrane et al., 2014), incompreensão (Giaccardi, 2015), choro (E. F. Franklin, 2015), inadequação (Reay et al., 2013), solidão

(Reay et al., 2013), mal-estar (Reay et al., 2013), negativismo (Oliveira, 2012), perturbação (Hinton III, 2011), catábase (Gordillo, 2016), temor (Fine, 1992), horror (Kostihova, 2016), preocupação (Wilke, 1989), pânico (Rawlinson, 1996), mortificação psíquica (Abramson, 2008), incapacidade (Leite Júnior et al., 2017), tensão (Bright, 2009), repulsa (Kostihova, 2016), pressão emocional (Maiello, 2008), sofrimento mental (Nguyen et al., 2018), danos (Reay et al., 2013), e lacunas (Kalsched, 1998a).

Esses sentimento e reações individuais são acompanhados de aspectos sociais, como pela disfunção interpessoal (Fortim & Araujo, 2013a; Russack, 1984), retração (E. F. Franklin, 2015), comportamentos desadaptativos (Gordillo, 2016), falta de privilégios (Sonnekus, 2013), sexismo (Sgarlata, 1996), empoderamento (Sonnekus, 2013), competitividade (Nixon et al., 2006), isolamento (Gregory, 2011; Weisel, 2015), individualismo (Gregory, 2011), distanciamento (Heyer, 2015), relacionamentos descartáveis (Hirata, 2005), perceber e ser percebido (Heyer, 2015), problemas conjugais (Cohen et al., 1994), birras (Kalsched, 1998a), incesto (Vance, 2014), e uma mãe agressiva (Leite Júnior et al., 2017).

O ansioso pode buscar previsibilidade ou afastamento da realidade, tendo sido relatada correlação com presença de cotidiano (Gordillo, 2016; Reay et al., 2013), desejo de contenção (Abramson, 2008), resiliência (Gordillo, 2016), defesas (Schermer, 2008), alienação (Sempruch, 2018), e antecipação (Weisel, 2015). A repetição pode estar junto à ansiedade, como nas dependências (Gordillo, 2016), abuso de drogas (Oliveira, 2012; Vance, 2014), tabagismo (Russack, 1984), vício em jogos (Weisel, 2015), consumismo (Hirata, 2005), impulsos sexuais (Reay et al., 2013), e vício sexual (Heyer, 2015; Reay et al., 2013). A fixação de desejos, pensamentos e atitudes também se relaciona na ansiedade pelo apego à pessoas e ideias (Bright, 2009), lealdade e crença (Gregory, 2011) e estereótipos (Kalsched, 1998a). A desconexão pode se manifestar por elementos relacionados como descuidado

(Wilke, 1989), falta de responsabilização (Oliveira, 2012), superficialidade (Reay et al., 2013), ou impotência de investimento libidinal (Oliveira, 2012).

Corporalmente, a ansiedade aparece correlata à psicossomática (Hornung, 2018; Nguyen et al., 2018; Proner, 2016), doenças (Dimitrakos, 2019; Vance, 2014), manifestações corporais (Hubback, 1990) como espasmos, batimentos cardíacos fortes, suor frio, intestino solto, fraqueza nos joelhos, boca seca, congelar, desmaiar ou fugir (Chodorow, 2000), e sensação de asfixia (Russack, 1984).

O contexto de ansiedade é também o desenvolvimento de uma busca por si-mesmo (Ricci, 2014), por seus papéis e sua história pessoal. Inclui a sensação de não-ser (A. Hinton, 2011), o não estabelecimento de personalidade (Jilek & Jilek-Aall, 1978), perda de identidade (Bright, 2009), formação de identidade (Gordillo, 2016), fragmentação (Shirazi & Wan Yahya, 2014), identificação e separação da mãe (Bunster, 1995), vazio existencial (Oliveira, 2012), conflitos internos (Ricci, 2014), conflitos existenciais (Ricci, 2014), criação de sentido (Gordillo, 2016), problemas vocacionais (Cohen et al., 1994), falta de sentido (Skar, 2004), e interesse em mudança de sexo (Withers, 2015).

Pode-se associar à ansiedade mudanças e criatividade (A. Hinton, 2011), impaciência (Fortim & Araujo, 2013a), inquietude (Fortim & Araujo, 2013a), diálogo criativo (Weisel, 2015), criação de respostas (Oliveira, 2012), conexão e significado (Ricci, 2014), e influência da tecnologia (Beier, 2014).

Podemos pensar sobre si e sobre o outro nesse processo de renovação e reconstrução de si e das relações, algumas correlações apontadas por autores, como hostilidade (Nguyen et al., 2018; Sinason & Cone-Farran, 2007), confusão de papéis (Jilek & Jilek-Aall, 1978), anomia (Jilek & Jilek-Aall, 1978), desvalorização (Leite Júnior et al., 2017), ou uma visão negativa de Deus (Nguyen et al., 2018). Nesse mesmo contexto entra a existência de agressão (Gordillo, 2016), ideação suicida (Freeman, 2015; Oliveira, 2012; Vance, 2014),

agressividade sexual (Fortim & Araujo, 2013a), e automutilação (Oliveira, 2012; Vance, 2014).

Também foram mencionados o amor (Gordillo, 2016), autocuidado (Kalsched, 1998a), prazer (Fortim & Araujo, 2013a), busca por prazer lúdico (Weisel, 2015), inspiração (Perry, 2007), bondade (Perry, 2007), esperança (Cruz & Coelho, 2003), alívio (Cruz & Coelho, 2003), dignidade (Cruz & Coelho, 2003), e alegria (Wilkinson, 2006).

A mudança e readaptação, juntamente com a sensação de alguns desses fatores citados serem percebidos como opostos, podem gerar conflitos internos. Entre eles, foram citados estarem ligados à ansiedade a ambivalência (Fortim & Araujo, 2013a), o dilema (Kostihova, 2016), presença de emoção intensa (Harris, 2012), confusão (Leite Júnior et al., 2017), desorganização (Weisel, 2015), amnésia (Zetl, 1999), flashbacks (Zetl, 1999), desatenção (Zetl, 1999), e desordem (Reay et al., 2013), enquanto processos envolvidos na reorganização e ambiguidade.

No contexto imaginal, foi citado que a ansiedade pode aparecer junto com manifestações nas fantasias (Reay et al., 2013), sonhos (Hubback, 1990), distúrbios de sonhos (E. F. Franklin, 2015), e pesadelos (Hornung, 2018). No contexto clínico, a ansiedade pode aparecer junto à análise (Sidoli, 1986), à relação transferencial (Bright, 2009; Heyer, 2015; West, 2017) e à resistência à transferência (Maiello, 2008).

Consequências

As consequências da ansiedade incluem tendências agressivas (Horne, 2008), destruição (Kwok, 2015), e naturalização da agressividade própria (Horne, 2008). Esse movimento as vezes é voltado para si mesmo, como em ideação suicida (Ahlert, 2009; Oliveira, 2012), comportamento sexual de risco (Reay et al., 2013), psicossomática (Wiener, 1994; Zetl, 1999), e agressividade auto infligida (Leite Júnior et al., 2017). A busca pelo alívio da ansiedade as vezes também se dá em outras atitudes prejudiciais para si, como vícios (Fortim & Araujo, 2013a), dependências (Fortim & Araujo, 2013b), consumo de álcool

(Sonnekus, 2013), e busca excessiva por jogos (Weisel, 2015). Mas por vezes, a agressividade fruto da ansiedade é voltada para outros. Como exemplo, são relatados conflitos (Abramson, 2008), genocídio (D. Hinton, 2011; Hinton III, 2011), desnaturalização da agressividade do outro (Hinton III, 2011; Horne, 2008), perversão (Heyer, 2015), e intolerabilidade (Withers, 2015).

A ansiedade também gera alguns sentimentos segundo os autores, como culpa (Horne, 2008; Oliveira, 2012), mal-estar (Horne, 2008), medos (Guttzeit, 2015), insegurança (Oliveira, 2012), sentimento de impotência (Oliveira, 2012), pânico (Oliveira, 2012), baixa autoestima (Adamczyk, 2019), invulnerabilidade nas respostas (Kalsched, 1998a), e perturbação no corpo e alma (Kostihova, 2016).

No campo da significação, a ansiedade pode gerar perda de significado (Adamczyk, 2019), busca por uma verdade (D. Hinton, 2011), medo e respeito por uma verdade (Heyer, 2015). No processo de significação de si e relação consigo, pode gerar fuga da realidade da condição humana (Hinton III, 2011), sensação de ser (D. Hinton, 2011), afetar memórias e histórias (Cantz, 2018), alterar cotidiano (Cantz, 2018), alteração nas representações em papéis (Schermer, 2008), narcisismo (Morrow, 2001), influenciar o desenvolvimento do Ego e Self (Wharton, 1993), produzir defesas heroicas (Sidoli, 2000), preparação para emergência (Chodorow, 2000), histerectomia (Bunster, 1995), e autogerenciamento (Sinason & Cone-Farran, 2007).

Além do aspecto da inexplicabilidade por módulos cerebrais (Doksat, 2003), as consequências da ansiedade podem incluir vivência de medo nos sonhos (Horne, 2008), sintomas psicóticos (Heyer, 2015; Silverstein, 2007), perda de foco (Leite Júnior et al., 2017), busca por um lar ou conforto (Peppler, 2018).

No âmbito social, a ansiedade pode desencadear expectativas sociais (Schermer, 2008), trabalho e vida precários (Gregory, 2011), desempenho não criativo (Gregory, 2011), estruturação democrática baseada na aparência de consenso, igualdade e empoderamento

(Gregory, 2011). Pode também ser manifesta em representações na arte (Sempruch, 2018; Shirazi & Wan Yahya, 2014), música (Prior, 2008) e no folclore (Fine, 1992).

No contexto clínico, pode estar presente na forma de transferência (West, 2017), ansiedade contratransferencial, determinação de regras e tendências paternas ou maternas pelo terapeuta (Bright, 2009), teste ao terapeuta (Sidoli, 1986), ou lentidão na prática do Sandplay (Harris, 2012).

Tratamentos

Em relação ao que se fazer com a ansiedade, os dados encontrados apontam para terapias (Skar, 2004), incluindo a psicoterapia (Adamczyk, 2019), a técnica do Sandplay (Harris, 2012), métodos da psicologia profunda (Andersson, 2019), atitude existencialista psicanalítica (Parisi, 2009), e a relação transferencial (Bright, 2009; Cochrane et al., 2014). O terapeuta pode facilitar o reconhecimento de projeções (D. Hinton, 2011; Hinton IV, 2011), análise da transferência (Kalsched, 1998a), devendo estar confortável com incertezas (Lafer, 2017), promovendo individuação e soul making (Adamczyk, 2019).

Nesse processo de reconstrução, o indivíduo deve passar por desapropriação da personalidade (Horne, 2008), reconstrução da identidade (Guttzeit, 2015), encontrar um caminho próprio (Lafer, 2017; Perry, 2007), seu mito pessoal (Adamczyk, 2019), e reconstruir enredo (Sidoli, 2000) desenvolvendo potenciais identidades (Adamczyk, 2019; Bovensiepen, 2009). É viável favorecer a nomeação (Horne, 2008), personificação (Hornung, 2018), investigação (Guttzeit, 2015) e diferenciação psíquica (Hornung, 2018).

O terapeuta pode buscar facilitar a liberdade de expressão (Agudo & Trinca, 2012) e a vivência simbólica (Russack, 1984), recorrendo à amplificação mitológica (Hubback, 1990), ao trabalho onírico (Kalsched, 1998a; Wilkinson, 2006), lúdico (Sidoli, 2000), escrita poética (Kalsched, 1998a), fotografia (Andersson, 2019), fantasias (Kalsched, 1998a) e acutonica (E. F. Franklin, 2015).

É interessante um ambiente de esperança (Cochrane et al., 2014), cuidado, escuta e apoio (Agudo & Trinca, 2012) facilitando o entendimento de sentimentos (Sidoli, 2000), compensação (Hornung, 2018) e reconexão com a sombra (Andersson, 2019). Também pode haver repetição de traumas em ambiente protegido (Cochrane et al., 2014; Weisel, 2015), por encenação (Cochrane et al., 2014), proporcionando dignificação (Adamczyk, 2019) e insights (Hornung, 2018; Silverstein, 2007).

Independentemente dos manejos, deve-se considerar a inevitabilidade da ansiedade (Horne, 2008), não sendo reduzida exclusivamente à neurologia (Hinton IV, 2011), devendo ser suportada (D. Hinton, 2011; Hinton IV, 2011) e integrada à vida de forma saudável (Vance, 2014), por sistemas de controle (Gregory, 2011), sendo viabilizada a recuperação em nível individual e coletivo (Dimitrakos, 2019).

3.4 DISCUSSÃO

Apesar de Jung propor intitular como Psicologia Complexa seus ensaios teóricos dos fenômenos coletivos (Jung, 2019a, para. 191), o termo trouxe apenas um único resultado referente à abordagem, enchendo a base de dados inicial de artigos com pouca proximidade com a área de interesse deste artigo, tendo sido filtrados.

A escolha dos autores pela utilização do termo Psicologia Analítica ou Junguiana ao invés de Complexa, pode indicar que a teoria é atualmente focada principalmente na clínica. A ansiedade enquanto categoria é geral e impessoal ao categorizar um grupo de pessoas, o termo ganha uma função instrumental, enquanto a ansiedade como imagem é sempre pessoal e única, ganhando uma função relacional, servindo à alma. A diferença entre a lógica conceitual científica que serve à consciência e à explicação, em contraponto com a lógica imagética que serve à alma e à implicação, é constantemente firmado como divergentes (Hillman, 1984, pp. 109–190, 2013, pp. 118-120,130, 2018, pp. 81–93; Jung, 1995h, paras. 488–497).

As causas foram agrupadas em: incertezas, contato com a sombra e inconsciente, problemas no desenvolvimento, doenças físicas, transtornos psiquiátricos, conflitos

existenciais e de significação, conflitos sociais, finitude e espirituais. Os aspectos com quatro ou mais citações foram incertezas (9), contato com a sombra (6), traumas (6), problemas físicos (5), medo (5), antecipação (4), descontrole (4), ameaça ao Eu (4), situações de trabalho (4), e contato com a morte (4).

As concomitâncias foram agrupadas em aspectos psiquiátricos, emocionais, sociais, fixação e controle, corporais, de ressignificação existencial, criativos, destrutivos, afetivos, ambíguos e imaginais. Os elementos com mais de quatro citações foram depressão (14), medo (11), estresse (5), psicose (4), e baixa autoestima (4).

As consequências foram agrupadas em agressivas, sentimentais, ressignificativas, sociais e clínicas. Sobre o que fazer com a ansiedade, as possibilidades foram agrupadas em terapêuticas, ressignificativas, expressivos, e de esperança. Nenhum elemento de consequência ou manejo foi citado quatro vezes ou mais.

Essa análise quantitativa dos fatores mais citados é limitada, pois depende da forma que são agrupadas, e está sujeita ao uso impreciso de alguns termos e conceitos por parte dos autores.

Ao sintetizar os dados colhidos, podemos afirmar que com base nos dados encontrados, que a ansiedade no campo junguiano é genericamente entendida como um tipo de medo de imagens não concretas, e uma resposta a essa ameaça. Tem origem, portanto, na autonomia de elementos psíquicos frente às incertezas. Pode estar acompanhada de transtornos mentais, especialmente depressão e psicose, além de estresse, baixa autoestima, desespero, angústia, raiva, tristeza, frustração, terror, culpa, dor, perdas, insegurança, negativismo, fragilidade interpessoal, conflitos sociais, antecipação, repetitividade, desconexão, fragmentação de identificação e busca por si-mesmo, agressividade, ambivalência, afetividade, manifestações imaginais, bem como fenômenos correlatos aos citados. A ansiedade pode ter como consequência a agressividade, culpa, perturbações, insegurança, busca por uma verdade ou sentido, expressões representativas, ou dificuldades

sociais ou no processo psicoterapêutico. É recomendado ao ansioso a psicoterapia, reconstrução da identidade e história pessoal, além do trabalho simbólico e expressivo, e do reconhecimento de sua autonomia.

A linearidade temporal serve à psicopatologia categórica, onde os diagnósticos são divindades que podem ser lidas, e entendidas por suas causas, sintomas e a terapêutica (Hillman, 1984, pp. 145–146). Mas a repetição e permanência dos sintomas pode indicar uma necessidade de aceitarmos nosso estilo e ouvirmos nós mesmos (Hillman, 1984, p. 166), uma revisitação ou morte psíquica (Hillman, 2013, pp. 227–231), um movimento de análise espontânea e sutil (Hillman, 2018, pp. 99–101).

3.5 CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados, a ansiedade enquanto conceito possui uma tendência junguiana de ser inserido em contextos de medo sobre algo não concreto, seja imaginado ou antecipado, onde ainda há esperança de ser evitado ou reduzido o prejuízo. Esse prejuízo pode atingir vulnerabilidades de diversos complexos regentes, tendo diversas manifestações exemplificadas nesse artigo. Destaca-se também que situações boas podem trazer ansiedade, em uma tentativa de se aproveitar ao máximo, ocasionando também em uma redução de prejuízos.

As diferentes manifestações são o que colocam em relação o aspecto conceitual ao imagético da ansiedade, pois ligam teoria à realidade psíquica, por sua vez dinâmica e contextual. A compreensão de uma psicologia geral só faz sentido se possibilita um ver através do conceito em direção ao sujeito, não ofuscando nem pressupondo sua individualidade. A soma das perspectivas traz formas diferentes maneiras de se relacionar com o fenômeno, manifestando a multiplicidade da psique, uma servindo à consciência e outra à alma.

Muitos autores, possivelmente de forma não intencional, tentam agregar valor de cientificidade ao utilizar conceitos, mas ao não definir e apenas inserir em determinado contexto, os conceitos funcionam mais como complementos à determinada imagem geral do

caso, servindo parcialmente, porém mutualmente ao entendimento lógico e imaginal do leitor, dependendo da forma que é feita a interpretação textual.

3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ansiedade é diversas vezes citada nos textos junguianos, e embora varie o foco e a perspectiva em que é observada, podemos perceber um núcleo que consiste de forma comum ao medo de um prejuízo que pode ser evitado ou diminuído.

É inviável fazer uma avaliação precisa a partir das escolas da psicologia analítica, visto que em muitos casos as relações são apresentadas sem esclarecer qual o entendimento segundo os aspectos teóricos, como temporalidade, intencionalidade desenvolvimentista, movimento da libido, função religiosa ou influência pessoal. Tal análise só seria possível a partir de uma leitura valorativa e moralista, julgando seus conteúdos positivos ou negativos, egosintônicos ou egodistônicos, ou a favor ou contra um ideal desenvolvimentista. Essa é uma limitação da pesquisa pelo contexto.

3.7 REFERÊNCIAS

- Abramson, L. H. (2008). 1968: Movies and The failure of nostalgia. In *American Cinema of The 1960s: Themes and Variations* (pp. 193–216). Rutgers University Press.
<https://doi.org/10.36019/9780813544717-012>
- Adamczyk, R. R. (2019). *Reimagining physical disability: A second look at its phenomenal and archetypal significance*. (Vol. 80, Issues 4-A(E)). ProQuest Information & Learning.
- Agudo, C. O., & Trinca, A. M. T. (2012). Era uma vez: o universo do contar estórias e sua inserção no hospital. *Bol. Acad. Paul. Psicol. (Impr.)*, 331–352.
<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-67352#.XNCHvddypbg.mendeley>
- Ahlert, R. (2009). “Der tod und das madchen”: Suizidalitat und tod als symbol des ubergangs in der weiblichen entwicklung. [“Death and the maiden”: Suicidality and death as a symbol of transition for female development.]. In *Analytische Psychologie* (Vol. 40, Issue 158, pp. 456–473). Brandes & Apsel.
- Andersson, A. L. (2019). *Healing through photography: Developing the latent image of the psyche*. (Vol. 80, Issues 2-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Association, A. P. (2020). *APA Dictionary of Psychology*. <https://dictionary.apa.org/>
- Beier, M. A. (2014). *The shadow of technology* (Vol. 75, Issues 5-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Berry, P. (2014). *O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*. Vozes.
- Bovensiepen, G. (2009). Identity formation in adolescence. In *Jung Today* (Vol. 2, pp. 149–161). Nova Science Publishers, Inc. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84931422728&partnerID=40&md5=a6633cba45e4d4b6656c76166eabb388>
- Bright, G. (2009). Regression in the countertransference: Working with the archetype of the abandoned child. *Journal of Analytical Psychology*, 54(3), 379–394.
<https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2009.01786.x>
- Bunster, J. (1995). What to do about mother? An adolescent girl’s dilemma. In *Incest fantasies & self destructive acts: Jungian and post-Jungian psychotherapy in adolescence*. (pp. 141–151). Transaction Publishers.
- Cantz, P. (2018). Apocalyptic exceptionalism and existential particularity: The rise in popularity of dystopian myths and our immortal “other.” In *Memories and monsters: Psychology, trauma, and narrative*. (pp. 11–22). Routledge/Taylor & Francis Group.
<https://doi.org/10.4324/9781315159713>

- Chodorow, J. (2000). Marian Chace annual lecture: The moving imagination. In *American Journal of Dance Therapy* (Vol. 22, Issue 1, pp. 5–27). Springer.
<https://doi.org/10.1023/A:1005536025646>
- Cochrane, M., Flower, S., Mackenna, C., & Morgan, H. (2014). A jungian approach to analytic work in the twenty-first century. *British Journal of Psychotherapy*, 30(1), 33–50. <https://doi.org/10.1111/bjp.12060>
- Cohen, K., Auld, F., & Brooker, H. (1994). Is alexithymia related to psychosomatic disorder and somatizing? *Journal of Psychosomatic Research*, 38(2), 119–127.
[https://doi.org/10.1016/0022-3999\(94\)90085-X](https://doi.org/10.1016/0022-3999(94)90085-X)
- Cruz, M. G. da, & Coelho, R. M. (2003). O papel do Sagrado no envelhecimento. *Bol. Iniciaç. Cient. Psicol*, 41–56. <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-28779#.XNCIgsAPKTc.mendeley>
- Davies, M. (1989). The body in child analysis. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 34, Issue 2, pp. 129–141). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1989.00129.x>
- Dawn, H. (2018). *Dreams that were used as legal evidence in the New England witch trials from 1661 to 1692*. (Vol. 78, Issues 12-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Dimitrakos, N. M. (2019). *Maiden of the mer: An imaginal approach to female voice*. (Vol. 80, Issues 2-B(E)). ProQuest Information & Learning.
<https://www.pacifica.edu/dissertation-oral-defense/maiden-mer-imaginal-approach-female-voice/>
- Doksat, M. K. (2003). Depression and cytokines from evolutionary perspective . *Klinik Psikofarmakoloji Bulteni*, 13(3), 97–108.
<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-0142089851&partnerID=40&md5=bd0a3af4ffb5174113b285222f33c820>
- Espinosa, B. B., & Gutiérrez, T. R. (2010). Lo esencial es invisible a los ojos: payasos que humanizan y promueven salud. *Aletheia*, 31, 4–15.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=es
- Fine, G. A. (1992). Manufacturing tales: Sex and money in contemporary legends. In *Manufacturing tales: Sex and money in contemporary legends*. (p. 212). University of Tennessee Press.
- Fortim, I., & Araujo, C. A. de. (2013a). Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 33(11), 292–311. <https://doi.org/1468-5922.12359>

- Fortim, I., & Araujo, C. A. de. (2013b). Psicologia analítica e as dependências: uma revisão. *Junguiana*, 12–22. http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-59390#.XNBP2N_GwG4.mendeley
- Franklin, E. F. (2015). *Acutonicsrtm self-care program and stress: Multiple case study exploration of an intervention to ameliorate symptoms of severe stress and compassion fatigue in nurses*. (Vol. 75, Issues 11-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Freeman, D. R. (2015). Archetypal identification: An alternative for spiritual well-being assessment. In *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought* (Vol. 34, Issue 2, pp. 158–176). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1080/15426432.2014.973987>
- Gailor-Loflin, H. (2006). *Imagining leadership, imagining society: Pathways to leadership development in social change organizations*. (Vol. 67, Issues 2-B, p. 1204). ProQuest Information & Learning.
- Giaccardi, G. (2015). Unconscious processes, instrumental music and the experience of the sublime: An exploration through Messiaen's quartet for the end of time. *British Journal of Psychotherapy*, 31(4), 448–462. <https://doi.org/10.1111/bjp.12176>
- Gordillo, T. (2016). "To build a bridge: Myth and legend to reframe mental health in young adult readers." *Youth Voice Journal*, 6.
- Gregory, T. (2011). The rise of the productive non-place: The contemporary office as a state of exception. *Space and Culture*, 14(3), 244–258. <https://doi.org/10.1177/1206331211412264>
- Guttzeit, G. (2015). Fearful fantasy: Figurations of the oedipus myth in scorsese's shutter Island (2010). In *Fear and Fantasy in a Global World* (Vol. 81, pp. 143–162). Brill. https://doi.org/10.1163/9789004306042_009
- Harris, D. L. (2012). Hands in the sand. In *Techniques of grief therapy: Creative practices for counseling the bereaved*. (pp. 61–66). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Hemingway, A. (2011). *The near-death experience: A mythic model for conscious living and dying* (Vol. 71, Issues 9-B, p. 5773). ProQuest Information & Learning.
- Heyer, G. (2015). The making of a tragedy: Perversion in the perception of truth. *Journal of Analytical Psychology*, 60(5), 642–656. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12177>
- Heyer, G. (2016). Race, religion and a cat in the clinical hour. *The Journal of Analytical Psychology*, 61(4), 434–449. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12239>
- Hillman, J. (1984). *O Mito da Análise: três ensaios sobre psicologia arquetípica*. Paz e Terra.
- Hillman, J. (2011). *Psicologia Alquímica*. Vozes.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Vozes.

- Hillman, J. (2018). *Uma investigação sobre a imagem*. Vozes.
- Hinton, A. (2011). Genocide, categorical certainty, and the truth: Questions from the Khmer Rouge Tribunal. *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 390–396.
https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_4.x
- Hinton, D. (2011). Agoraphobia, infinite space, and epistemic rupture: Europe at the end of the 19th century. *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 386–389.
https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_3.x
- Hinton III, L. (2011). Introduction: Fragmentation of the Unus Mundus. *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 375–380. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_1.x
- Hinton IV, L. (2011). Facing the “Alzheimer-ed subject.” *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 381–385. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_2.x
- Hirata, R. A. (2005). O complexo de Chronos e o descompasso emocional. *Junguiana*, 67–77.
<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-472391#.XNCIWhxlaSI.mendeley>
- Horne, M. (2008). Evil acts not evil people: Their characteristics and contexts. *Journal of Analytical Psychology*, 53(5), 669–690. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2008.00759.x>
- Hornung, K. G. (2018). *Woman and predator: Intimate partner violence at home and in “bluebeard”* (Vol. 79, Issues 8-A(E)). ProQuest Information & Learning.
- Hougham, R. (2012). The matrix, group processes and dramatherapy. *Arts in Psychotherapy*, 39(1), 60–65. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2011.11.007>
- Hubback, J. (1990). Tearing to pieces: Pentheus, the Bacchae and analytical psychology. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 35, Issue 1, pp. 3–17). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1990.00003.x>
- Jilek, W. G., & Jilek-Aall, L. (1978). Initiation in Papua New Guinea: psychohygienic and ethnopsychiatric aspects. *Papua and New Guinea Medical Journal*, 21(3), 252–263.
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/291235>
- Jung, C. G. (1995a). *Freud e a Psicanálise*. OC IV. Vozes.
- Jung, C. G. (1995b). *Psicologia em transição*. OC X. Vozes.
- Jung, C. G. (1995c). *Tipos psicológicos*. OC VI. Vozes.
- Jung, C. G. (2019). *Estudos sobre Psicologia Analítica*. OC VII. Vozes.
- Kalsched, D. E. (1998). Archetypal defenses in the clinical situation: A vignette. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 43, Issue 1, pp. 3–17). Blackwell Publishing.
<https://doi.org/10.1111/1465-5922.00003>

- Kloss, R. J. (1985). The pain of love and the pain of loss: Flannery O'Connor's "The Enduring Chill." In *Journal of Evolutionary Psychology* (Vol. 6, Issues 1–2, pp. 134–146). Institute for Evolutionary Psychology.
- Kostihova, M. (2016). Digging for perfection: Discourse of deformity in Richard III's excavation. *Palgrave Communications*, 2. <https://doi.org/10.1057/palcomms.2016.46>
- Kwok, P. F. (2015). *Oncologists and death: From a heroic angle of repose*. (Vol. 75, Issues 11-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Lafer, J. (2017). *Welcoming the stranger: On the importance of a clinical attitude of curiosity when working With children as patients* (Vol. 78, Issues 2-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Leite Júnior, A. C., Katzer, T., & Ramos, D. G. (2017). Three Cases of Hair Loss Analyzed by the Point of View of the Analytical Psychology. *International Journal of Trichology*, 9(4), 177–180. https://doi.org/10.4103/ijt.ijt_106_16
- Maiello, S. (2008). Encounter with a traditional healer Western and African therapeutic approaches in dialogue. *Journal of Analytical Psychology*, 53(2), 241–260. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2008.00719.x>
- Morrow, M. E. (2001). *Pathological narcissism and the denial of mortality: An integration of Jungian and object relations perspectives*. (Vol. 62, Issues 1-B, p. 558). ProQuest Information & Learning.
- Nguyen, T. T. T., Bellehumeur, C., & Malette, J. (2018). Images of god and the imaginary in the face of loss: A quantitative research on vietnamese immigrants living in canada. *Mental Health, Religion & Culture*. <https://doi.org/10.1080/13674676.2018.1499715>
- Nixon, G., Solovvoniuk, J., & McGowan, V. (2006). The Counterfeit Hero's Journey of the Pathological Gambler: A Phenomenological Hermeneutics Investigation. In *International Journal of Mental Health and Addiction* (Vol. 4, Issue 3, pp. 217–232). Springer. <https://doi.org/10.1007/s11469-006-9021-0>
- Oliveira, S. R. (2012). O suicídio e os apelos da alma: reflexões sobre o suicídio na clínica junguiana com pacientes adolescentes. *O Mundo Da Saúde*, 36(1), 103–110. <https://doi.org/10.15343/0104-7809.2012361103110>
- Parisi, S. (2009). *Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica* [Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.47.2009.tde-09122009-152719>
- Peled, A., & Geva, A. B. (2014). "Clinical brain profiling": A neuroscientific diagnostic approach for mental disorders. *Medical Hypotheses*, 83(4), 450–464. <https://doi.org/10.1016/j.mehy.2014.07.013>

- Peppler, J. K. (2018). *The psychology of home: An archetypal study of relationship to place* (Vol. 78, Issues 9-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Perry, C. (2007). Jan Lee: An individual journey. In *British Journal of Psychotherapy* (Vol. 23, Issue 2, p. 284). Blackwell Publishing. https://doi.org/10.1111/j.1752-0118.2007.00023_2.x
- Ponzanesi, S. (2014). Queering European sexualities through Italy's fascist past: Colonialism, homosexuality, and masculinities. In *What's Queer about Europe?: Productive Encounters and Re-Enchanting Paradigms* (pp. 81–90). Fordham University Press. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84923492594&partnerID=40&md5=1a2c84be65c15b3924502f96860b918e>
- Prior, N. (2008). OK computer: Mobility, software and the laptop musician. In *Information, Communication & Society* (Vol. 11, Issue 7, pp. 912–932). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1080/13691180802108982>
- Proner, B. D. (2016). Erratum to: Withdrawal notice: 'Bodily states of anxiety: the movement from somatic states to thought', by Barry D. Proner. (Journal of Analytical Psychology, 2005, 50, 3, (311-331), 10.1111/j.0021-8774.2005.00535.x). *Journal of Analytical Psychology*, 61(4), 560. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12250>
- Rawlinson, B. (1996). The seeds of the pomegranate: Images of depression. In *Dramatherapy: Clinical studies*. (pp. 151–178). Jessica Kingsley Publishers.
- Reay, B., Attwood, N., & Gooder, C. (2013). Inventing sex: The short history of sex addiction. In *Sexuality & Culture: An Interdisciplinary Quarterly* (Vol. 17, Issue 1, pp. 1–19). Springer. <https://doi.org/10.1007/s12119-012-9136-3>
- Ricci, F. (2014). The Sopranos: Born under a bad sign. In *The Sopranos: Born Under a Bad Sign*. University of Toronto Press.
- Russack, N. W. (1984). Amplification: The spiral. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 29, Issue 2, pp. 125–134). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1984.00125.x>
- Sampaio, R., & Mancini, M. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83–89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- Schermer, V. L. (2008). Commentary: The complexity of gender. In *Group* (Vol. 32, Issue 1, pp. 57–70). Mental Health Resources. https://www.jstor.org/stable/41719178?seq=2#metadata_info_tab_contents%0A

- Sempruch, J. S. (2018). Feminist visions and socio-political meanings of non-monogamous love. In *Feminism and the Power of Love: Interdisciplinary Interventions* (pp. 117–136). Taylor and Francis. <https://doi.org/10.4324/9781315200798>
- Sgarlata, D. J. (1996). *Psychoanalysis, analytical psychology and gender characterization in the modern novel: Reception of Freudian theory in Breton's Nadja and Jungian theory in the works of Hesse*. (Vol. 57, Issues 1-A, p. 243). ProQuest Information & Learning.
- Shirazi, M. A., & Wan Yahya, W. R. (2014). P A Jungian approach to self-fragmentation of twentieth century in orwell's nineteen eighty four. *International Journal of Applied Linguistics and English Literature*, 3(6), 224–233. <https://doi.org/10.7575/aiac.ijalel.v.3n.6p.224>
- Sidoli, M. (1986). The volcano and the iceberg: The analysis of an eleven-year-old boy. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 31, Issue 2, pp. 135–152). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1986.00135.x>
- Sidoli, M. (2000). The little puppet: Working with autistic defences in mother–infant psychotherapy. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 45, Issue 2, pp. 159–175). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00150>
- Silverstein, S. M. (2007). Integrating Jungian and self-psychological perspectives within cognitive-behavior therapy for a young man with a fixed religious delusion. In *Clinical Case Studies* (Vol. 6, Issue 3, pp. 263–276). Sage Publications. <https://doi.org/10.1177/1534650106287224>
- Sinason, M. D. A., & Cone-Farran, A. M. (2007). The new, the now and the nowhere in Kalsched's archetypal self-care system. In *Who owns Jung?* (pp. 111–131). Karnac Books.
- Skar, P. (2004). Chaos and self-organization: emergent patterns at critical life transitions. *The Journal of Analytical Psychology*, 49(2), 243–262. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.2004.00456.x>
- Sonnekus, T. (2013). “We’re not faggots!”: Masculinity, Homosexuality and the Representation of Afrikaner Men Who have Sex with Men in the Film *Skoonheid* and Online. *South African Review of Sociology*, 44(1), 22–39. <https://doi.org/10.1080/21528586.2013.784446>
- Spiegelman, J. M. (1988). The impact of suffering and self-disclosure on the life of the analyst. In *The analytic life: Personal and professional aspects of being a Jungian analyst*. (pp. 71–78). Sigo Press.
- Strong, L. (2006). *Psychopomp stories: Contemplating death in a spiritually diverse society* (Vol. 67, Issues 3-A, p. 965). ProQuest Information & Learning.

- The PRISMA Group. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335–342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Vance, D. E. (2014). Review of Gods and diseases: Making sense of our physical and mental wellbeing. In *Journal of Religion, Spirituality & Aging* (Vol. 26, Issue 4, pp. 370–372). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1080/15528030.2014.937195>
- Vecchi, L. (2001). Lawfull avarice”: Rachel speght’s mortalities memorandum and the necessity of women’s education. *Women’s Writing*, 8(1), 3–20. <https://doi.org/10.1080/09699080100200171>
- Weisel, A. (2015). Virtual reality and the psyche. Some psychoanalytic approaches to media addiction. *Journal of Analytical Psychology*, 60(2), 198–219. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12144>
- West, M. (2017). Self-disclosure, trauma and the pressures on the analyst. *Journal of Analytical Psychology*, 62(4), 585–601. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12338>
- Wharton, B. (1993). The eye and the “I.” In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 38, Issue 1, pp. 77–85). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1993.00077.x>
- WHO. (2017). *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>
- Wiener, J. (1994). Looking Out and Looking In: Some reflections on ‘body talk’ in the consulting room. *Journal of Analytical Psychology*, 39(3), 331–350. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1994.00331.x>
- Wilke, H.-J. (1989). Faust and care: Reflections on transcending heroics. In *Analytische Psychologie* (Vol. 20, Issue 75, pp. 4–18). Brandes & Apsel.
- Wilkinson, M. (2006). The dreaming mind-brain: A Jungian perspective. *Journal of Analytical Psychology*, 51(1), 43–59. <https://doi.org/10.1111/j.0021-8774.2006.00571.x>
- Withers, R. (2015). The seventh penis: Towards effective psychoanalytic work with pre-surgical transsexuals. *Journal of Analytical Psychology*, 60(3), 390–412. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12157>
- Zettl, L. A. (1999). *Knights in shining armor: A phenomenological exploration of the experience of trauma in emergency service personnel and the impact of somatic experiencing*. (Vol. 60, Issues 2-B, p. 847). ProQuest Information & Learning.

4 UMA REVISÃO TIPOLOGICA DO CONCEITO E IMAGEM DA ANSIEDADE EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Renan Marques Franklin¹

Carlos Augusto Serbena²

Resumo

A ansiedade pode estar presente no cotidiano do profissional de psicologia, seja como imagem psíquica do paciente, como objeto conceitual de discussão e articulação, ou mesmo manifesto no próprio profissional. Este artigo objetiva analisar a utilização pela Psicologia Analítica de tipologias e categorias de ansiedades, empregadas como conceito e como imagem no contexto em que se manifesta. Para isso, foi feita revisão sistemática do termo dentro do campo da Psicologia Analítica, enquanto ferramenta de amplificação contextual, buscando textos em Português, Inglês e Espanhol em bases de dados acadêmicas. Nessa revisão foram analisados 39 textos, onde além da análise de origem, concomitância, consequência e tratamentos das ansiedades por categoria, foi observada a citação de autores e mitos relacionados ao tema. Os tipos foram compactados nos subgrupos de Ansiedade Contratransferencial, Existencial, Infantil, Psicótica, Materna, de Gênero, Cultural, Econômica, de Separação, Paranoica e Onírica. Essa tipificação pode ser interessante do ponto de vista psicológico se utilizado como ferramenta de aprofundamento e relação e não como título diagnóstico que promova afastamento ao fenômeno. Consideramos a influência e parcialidade do observador sobre a leitura do fenômeno observado, bem como uma relação distanciada consciente com o conceito junto à uma relação próxima e transferencial inconsciente com a imagem. Em ambos os casos, a categorização traz especificidade.

Palavras-chave: Ansiedade. Classificação. Junguiano. Psicologia Analítica. Revisão.

Abstract

¹ Psicólogo mestrando em Psicologia Clínica com ênfase em Psicologia Analítica pela Universidade Federal do Paraná, bolsista da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

² Professor permanente do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Psicologia com ênfase em Psicologia Analítica da Universidade Federal do Paraná

Anxiety can be present in the daily life of the psychology professional, either as a psychic image of the patient, as a conceptual object of discussion and articulation, or even manifested in the professional himself. This article aims to analyze the use by Analytical Psychology of typologies and categories of anxieties, used as a concept and as an image in the context in which it manifests itself. For this, a systematic review of the term was carried out within the field of Analytical Psychology, as a contextual amplification tool, searching for texts in Portuguese, English and Spanish in academic databases. In this review 39 texts were analyzed, where in addition to the analysis of origin, concomitance, consequence and treatment of anxieties by category, the citation of authors and myths related to the topic was observed. The types were compacted in the subgroups of Countertransference, Existential, Childhood, Psychotic, Maternal, Gender, Cultural, Economic, Separation, Paranoid and Dream. This typification can be interesting from a psychological point of view if used as a tool for deepening and relating and not as a diagnostic title that promotes distance from the phenomenon. The influence of the observer on the reading of the observed phenomenon is also considered. We consider the influence and partiality of the observer on the reading of the phenomenon observed, as well as a conscious distanced relationship with the concept together with a close and unconscious transference relationship with the image. In both cases, categorization brings specificity.

Keywords: Analytical Psychology. Anxiety. Classification. Jungian. Review.

4.1 INTRODUÇÃO

Sendo o Brasil o país com maior prevalência de transtornos de ansiedade no mundo, correspondendo à 9,3% da população em 2015 (WHO, 2017), cabe também à Psicologia Analítica abordar suas questões e manifestações.

Para compreender o que a Psicologia Analítica, enquanto um dos campos teóricos da psicologia, entende sobre esse fenômeno, iniciamos uma revisão sistemática sobre o que os autores dizem sobre o fenômeno. Já publicamos sobre o contexto da ansiedade enquanto termo genérico, quando ela aparece sem aprofundamento nem categorização ou tipificação.

Com base nos 87 artigos, apenas dois trouxeram definição do conceito de ansiedade, enquanto os demais dissertaram amplificações sobre seu contexto, incluindo suas causas, concomitâncias e tratamentos (Artigo 1). Essa utilização operou como conceito ao não o aprofundar e criando uma ligação rasa da discussão com a ansiedade, bem como uma imagem ao não a definir por uma definição fechada, operando na forma de ferramenta de amplificação e correlação com o tema central de cada estudo, que embora não seja aprofundada também não está limitada.

O termo pode ser entendido como imagem psicológica, quando considerada sua comunicação inconsciente e capacidade de aprofundamento, ou como conceito, quando tenta trazer esclarecimento racional a partir de outros casos semelhantes (Hillman, 2018, pp. 81–83). Compreendendo a importância da manutenção do contexto em que o fenômeno aparece (Berry, 2014, p. 76; Hillman, 2018, pp. 81–83), tipificar o fenômeno pode ser uma ferramenta para ambos os movimentos. Para fins desse texto, não diferenciamos categorização de tipificação.

Os conceitos que designam uma classificação são sempre insuficientes ao fenômeno em si (Hillman, 2011a, pp. 21–28), e embora a escolha dos termos geralmente pouco agreguem para a compreensão do fenômeno em si, sendo por vezes moralistas, ou dando um título que substitui a percepção da pessoa (Hillman, 2010, pp. 137–141), quando dotada de capacidade de criar uma relação ao fenômeno real, de forma a especificar suas características, contexto e função, servem como ferramenta de aproximação e individuação da imagem (Hillman, 2018, pp. 74, 110).

Esse artigo tem como objetivo analisar a utilização da ansiedade em publicações da psicologia analítica, nas mesmas bases de dados que a publicação anterior (Artigo 1), porém difere ao buscar textos em que tratam o termo de forma categorizada ou tipificada, ainda buscando a compreensão contextual ao focar nos autores que tratam do fenômeno sem esse ser foco central do estudo.

4.2 METODOLOGIA

Foi realizada revisão sistemática com base no método PRISMA (The PRISMA Group, 2015), visto que esse tipo de revisão fornece ferramentas de amplificação contextual e expressão de diferentes possibilidades de manifestações individualizadas do fenômeno, com baixa interferência do autor na escolha de suas fontes. A interferência do autor na seleção dos elementos a serem focados é tendenciosa porém reconhecidamente presente na produção junguiana (Berry, 2014, pp. 69–73; Jung, 1995c, paras. 774–775 OC IV).

Foram procurados textos em 12 bases de dados, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, que relacionassem ansiedade com psicologia analítica, junguiano, arquetípico, ou psicologia complexa. Os termos utilizados para isso e as bases de dados buscadas foram as mesmas de pesquisa anterior com esse objetivo (Artigo 1).

O Filtro 1 eliminou textos que não continham os termos pesquisados, ou que os termos compostos estavam em trechos separados. O Filtro 2 desconsiderou artigos que não tratavam de aspectos psicológicos, mas apenas biológicos. O Filtro 3 excluiu os artigos que não tratavam de abordagens psicodinâmicas, tendo como base a perspectiva cognitivo-comportamental ou a neurociência. O Filtro 4 unificou as bases de dados, removendo duplicações. A utilização desses filtros se equivale aos utilizados na pesquisa anterior (Artigo 1), porém se diferencia apenas na aplicação do Filtro 5, onde ao invés de excluir aqueles “textos onde a ansiedade era foco central do texto ou aparecia categorizado ou tipificado” (Artigo 1, p.3-4), nesse caso tenta-se eliminar textos onde a ansiedade era foco central do texto e aparece sem categorização ou tipificação.

Dessa forma, dos 141 textos relacionados no Filtro 4, apenas 39 textos passaram pelo Filtro 5 e foram trabalhados nesse artigo, sendo que 6 textos foram analisados tanto no primeiro artigo quanto nesse, por terem trechos que falam da ansiedade de forma geral, e outras de forma categorizada, mas sem aprofundar em nenhuma das vezes no conceito como central ao estudo.

A análise dos textos se deu pela seguinte ordem de procedimento: Identificação de categorias → Identificação de causa, concomitância, consequência e tratamento → Identificação de especificidades das categorias → Definição sintética → Discussão dos resultados.

4.3 RESULTADOS

Os autores citados que falam sobre ansiedade nesses artigos são Bion (Hougham, 2012); Bowlby (Bisagni, 2012); Brasil (Scarabel, 2011); Chadwick, Birchwood e Trower (Silverstein, 2007); Cooper e Marcus (Reay et al., 2013); Correia, Carvalho e Linhares (Scarabel, 2011); Culleberg (Scarabel, 2011); Dickerson (Silverstein, 2007); Fordham (Scarabel, 2011); Foulkes (Hougham, 2012); Freud (Bisagni, 2012); Glover (Heyer, 2015); Griffiths (Fortim & Araujo, 2013a); Heidegger (Hinton III, 2018); Hollis (Fortim & Araujo, 2013a); Irvine (Reay et al., 2013); Jacoby (Scarabel, 2011); Kostihova (Kostihova, 2016); Levinas (Hinton III, 2018); Pedraza (Wahba, 2017); Peled (Peled & Geva, 2014); Quadland e Shattis (Reay et al., 2013); Rector e Beck (Silverstein, 2007); Rezinski e Cord (Scarabel, 2011); Steiner (Heyer, 2015); Tillich (Wahba, 2017); Turato (Parisi, 2009); Valle (Scarabel, 2011); e Yanchar (Hinton III, 2018).

A Ansiedade Social foi relacionada ao Guerreiro, Herói, Sábio e Mago (Zinda, 2018), a Ansiedade Cultural a Cronos (Dolan, 2015), a Ansiedade Erótica a Eros (Downe, 2004); a Ansiedade de mudança ao Trickster (Waddell, 2014); e os Distúrbios de Ansiedade ao Trickster, Hermes, Ares, Hefesto, herói, Prometeu, masculino, Afrodite e Eros (Beier, 2014).

A ansiedade é citada também a partir de tipos ou categorias. O que foi chamado de Arquétipo da Ansiedade se manifesta por constrangimento frustrante que desestabiliza rede neuronal cortical, acompanhando inquietude, constante movimento, insônia, palpitações, tontura, cólicas abdominais, formigamento, medo de morrer ou de perder o controle, pânico (Peled & Geva, 2014). O Complexo de Ansiedade está ligado fundamentalmente em aptidões ou instintos emocionais (Skar, 2004).

O Distúrbio de Ansiedade pode ser causado por parto traumático, gerando dificuldade materna em se relacionar com o bebê, sendo o manejo por psicoterapia, medicação, arteterapia, escuta empática, introspecção e análise de sonhos (C. F. May, 2018). Também pode ser gerada por interação com a tecnologia, podendo estar acompanhado de comportamentos obsessivo-compulsivos, depressão e narcisismo (Beier, 2014). O Transtorno de Ansiedade pode ser manejado por medidas específicas mais relevantes que cuidados de rotina e terapias de suporte (Silverstein, 2007). A Ansiedade Generalizada está acompanhada de constrangimento constante (Peled & Geva, 2014).

No campo psicoterapêutico, pode ocorrer a Ansiedade Contratransferencial, causada pela exposição do terapeuta à pacientes psicopatologizados, por exemplo pela patologização da transexualidade, gerando dificuldade clínica e analítica (Withers, 2015), e a Ansiedade do Analista acompanhada de relação transferencial, aborrecimento, surpresa, sentimentos positivos, perceber e ser percebido (Heyer, 2015).

Há também uma ansiedade pela finitude da vida. A Ansiedade Básica é causada pela instabilidade, estando acompanhada de perda, lacunas enigmáticas, vazios no conhecimento, morte, improcedência, perda de significado, gerando alteração no posicionamento existencial (Hinton III, 2018). A Ansiedade de Aniquilação tem origem em memórias inconscientes de relações ameaçadoras ou traumáticas, estando acompanhada de respostas de luta ou fuga, gerando comportamentos generalizados, atuação, resistência e sabotagem, devendo ser submetida à compreensão analítica (Hougham, 2012). A Ansiedade de Morte é causada pelo inconsciente sobrepondo predileções e consciência (Robert Langs, 2008). A Ansiedade Existencial é ontológica e acompanha a ameaça de finitude (Wahba, 2017), tendo origem também na vicissitude temporal, falta de fundamento da existência em direção à morte ou à perda do outro, devendo ser valorizado o aspecto atemporal arquetípico (Hinton III, 2018), tendo origem também em discurso discriminatório como no contexto renascentista

(Kostihova, 2016), bem como estando acompanhada de conteúdos íntimos e desencadeando imaginário, devaneio e sonhos (Boucharlat, 1969).

A ansiedade pode provir de experiências arquetípicas humanas, como a Ansiedade Erótica, de origem mítica-arquetípica, que possui manifestações musicais (Downe, 2004).

Pode vir de experiências pessoais primárias, com a Ansiedade Infantil, acompanhada de imaturidade psíquica, podendo ser expressa no Rorschach com monstros quando adultos, relacionada com algo hediondo, horrível, maligno, ameaçador, indefinido e simbólico (Nielsen & Nava, 1975). Ou a Ansiedade Primária, provinda de problemas no desenvolvimento Eu-Si-mesmo, acompanhada de problemas de identidade e autoestima, medo do abandono, rejeição, desvalorização ou solidão (Parisi, 2009).

A Ansiedade Primitiva tem origem na relação tensa com a mãe e colapso de outras relações significativas, desencadeando em defesa por sonhos arquetípicos e alucinações (Satinover, 1985). Se assemelha nesse sentido à Ansiedade Psicótica, provinda de perturbação materna, com olhar invejoso, morto, mecânico ou vazio que petrifica o Si-mesmo, podendo se manifestar após terapeuta expor à possibilidade de arrependimento, podendo estar acompanhada de ironia, sentir-se atacado ou desenvolvendo vergonha (Ayers, 2003; Withers, 2015).

O exercício da função materna pode desenvolver a Ansiedade Materna, pela compreensão materna negativa, experiência desconhecida do nascimento, parto prematuro, busca de notícias da evolução, fantasias, quebra de ideais pelo confronto com realidade, sensação do tempo não passar e de ambivalência entre relação primal e auto realização em outros setores, envoltura mítica ou risco de morte do bebê. Pode acompanhar acúmulo de conteúdos e impulsos inconscientes, ambivalência entre vida e separação, sofrimento, espera, culpa, choro, inquietação no nascimento, psicoses, fobias, ideias obsessivas e depressões profundas, fantasias, fascínio, terror, sendo independente à de conotação negativa e às condições hospitalares. Desencadeia inibição de produção de ocitocina e de leite materno,

além de recuperação, enriquecimento da vida mental, e individuação, devendo portanto receber apoio, acolhimento, tendo esperança e contato com o filho (Scarabel, 2011).

Na expectativa social de desempenho sexual ou afetivo, temos a Ansiedade de Desempenho, surgindo com pais heterossexuais de filhos homossexuais, apegados ao extremo do espectro masculino, preconceitos e complexos culturais compartilhados. Acompanha dificuldade de relação com o outro e consigo, menos afeto e simbiose, atipicidade, masculinidade variante, reforço heteronormativo, homonegatividade, inclusão e exclusão de grupos, microagressões, vergonha, constrangimento, supressão, restrição, exclusão, e desconexão (Maggert, 2018). Também a Ansiedade de Gênero tem como origem a desestruturação social, desencadeando necessidade de recuperação de padrões de gênero antigos, visando reestruturação social (Jakes, 2017).

De forma social e cultural mais ampla, temos a Ansiedade Cultural, que pode ser causada por guerras (Satia, 2011), conflitos culturais, monoteísmo, globalização e diferenças (Wahba, 2017), ameaça histórica à um povo (Kalsched, 1998a), e o contexto a partir dos anos 80 (Reay et al., 2013), estando acompanhado de uma ideia de desvio de caminho glorioso (Satia, 2011), tensão histórica, medo de extinção, crueldade, agressão primitiva (Wahba, 2017). Ela pode gerar determinação (Satia, 2011), intolerância, culpabilização do outro (Wahba, 2017), e vício sexual (Reay et al., 2013). Outro sentido da Ansiedade Cultural é originada no conflito entre o inevitável envelhecer, acompanhado de repressão, pressa e urgência, com o colapso da expectativa do Mito de Beleza, e de um envelhecer bem-sucedido e performático (Dolan, 2015).

Também de origem coletiva, a Ansiedade Coletiva tem manifestações sociais e artísticas (Keyes, 2010). A Ansiedade do Real, originada na renovação dos contratos sociais, acompanha impulsos internos, causando projeção negativa em bodes expiatórios (Thibaudeau, 2013). A Ansiedade Social pode ser causada por desconforto e conflitos sociais, acompanhar necessidade de iniciação, contato com arquétipos como do guerreiro, herói, sábio, e mago,

além da presença das fases alquímicas da nigredo, albedo e rubedo, podendo se manifestar pela incitação de conflitos, como exemplificado pelas rinhas entre animais (Zinda, 2018), e apresentar timidez (Fortim & Araujo, 2013a). A Ansiedade Endêmica envolve identidade da nação e nacionalidade, em temas como imigração e relações exteriores (Honig, 2009) e na democracia liberal (Pervin et al., 1966), estando acompanhada por dilema e ambivalência, distanciamento, homogeneização, diferenças, sentimento de ameaça à cultura, à democracia e ao bem-estar, política simbólica da alienação, identidades nacionais e democráticas (Honig, 2009), e ambivalência sobre o estrangeiro (Pervin et al., 1966).

A Ansiedade Econômica pode ocorrer em nível pessoal ou coletivo por desestruturação econômica, como por exemplo, com uma mulher em processo de divórcio, onde poderia estar acompanhada de perseverança, desvalorização, falta de respeito, abuso, traição, realização de psicoterapia, doença física, redefinição do lar, conexão espiritual renovada, vínculo com mulheres, relutância em iniciar novo relacionamento, perdão e compaixão por si, fé em si, recuperação de partes perdidas ou abandonadas de si, recolhimento de projeções do masculino, reconciliação, novos empreendimentos, e construção de novo sentido ao lar (Giles, 2000).

No contexto de perda, a Ansiedade de Castração pode gerar bloqueio contratransferencial (Withers, 2015). Também temos a Ansiedade de Separação, gerada por paranoia, luto, perda irre recuperável, ou perda traumática dos pais, estando acompanhada por protesto, busca do objeto perdido, distress, desespero, perda de esperança, tristeza ou negação (Bisagni, 2012), ou ser gerada por desintegração precoce e velhice, estando acompanhada de medo de dependência, ataque internalizado à vitalidade, busca pela significação da morte, imagens oníricas indicando processo de individuação elevado e energizado, integração da personalidade (Wharton, 1996), bem como estar acompanhada do processo de análise (Steinberg, 1990).

A Ansiedade Paranoica está acompanhada de depressão e disfunção social, podendo desencadear manifestação pelos sonhos, sendo indicado psicoterapia (Kalsched, 1998b). Já a Ansiedade Persecutória desencadeia posição depressiva, sendo tratada pelos sonhos (Kalsched, 1998a).

A Ansiedade Onírica vem de experiências como do trabalho de cuidadores, podendo ser a ansiedade negada pela consciência, e causando sonhos com violação de limites, agressão, medo, ansiedade, imagens de morte, ambivalência (McCormick, 1997), ou vir da esperança e expectativa de mudança, incerteza, acompanhando amor de transferência, causando medo de colapso e de desintegração (Martin-Vallas, 2009).

4.4 DISCUSSÃO

Dentre os 39 textos analisados, foram citados 29 autores ou colaborações para se referenciar às ansiedades, onde temos autores tipicamente associados ao campo junguiano, como Fordham, Hollis e Pedraza, e outros tipicamente relacionados a outros campos da psicologia. Aparecem citações à autores da fenomenologia, como Heidegger e Levinas, além de autores da psicanálise como Foulkes e Freud (Bisagni, 2012), bem como autores da psicanálise que Samuels chama de “junguianos sem o saberem” por se aproximarem das ideias de Jung, tendo citado Bion e Bowlby (Samuels, 1989, pp. 26–28).

Como comparação, no artigo que publicamos (Artigo 1) essa variedade se apresentou da mesma forma, visto que os textos trabalhados haviam realizado 32 vezes discussões sobre a ansiedade a partir de outros autores, citado entre eles: autores junguianos como Fordham (West, 2017), Hollis (Fortim & Araujo, 2013a), Jung (Gordillo, 2016) e Kalsched (Sinason & Cone-Farran, 2007); psicanalistas como Freud (Gregory, 2011) e Foulkes (Hougham, 2012); fenomenólogos como Heidegger e Levinas (Hinton III, 2018); Frankl (Gordillo, 2016) da logoterapia; Steiner (Heyer, 2015) da antroposofia; além dos psicanalistas “junguianos sem o saberem” como Bion (Horne, 2008; Hougham, 2012) e Klein (Horne, 2008). Mesmo entre os autores junguianos, temos representantes de todas as escolas, sendo elas a Desenvolvimentista

como Fordham, a Clássica como Jung, e a arquetípica como Pedraza (Samuels, 1989, pp. 32–38).

Isso mostra uma tendência inerente da própria abordagem em buscar diálogo com diversas fontes de conhecimento, sendo defendida por Jung uma psicologia não dogmática. Apesar das divergências em alguns aspectos centrais entre psicologia analítica e psicanálise (Jung, 1995c, paras. 256–293, 570–783), bem como com outras abordagens, também converge a ponto de viabilizar importação de reflexões e conceitos. Podemos pensar que em alguns casos, autores importam essas ideias sem o devido cuidado de se preocupar com a base e perspectiva que se origina em comparação ao qual é inserido. Outra possibilidade é uma possível tendência maior de outras abordagens para utilizar o termo “ansiedade”, ou maior interesse pelo fenômeno, fazendo com que os autores junguianos busquem suas referências nelas. Devemos considerar que o inverso pode ocorrer, e que os autores das publicações que foram analisados se identifiquem em outras abordagens, mas se interessem pela psicologia analítica, a ponto de serem encontrados nessa revisão.

Samuels destaca que as escolas junguianas teriam seus focos, sendo que na Arquetípica a preferência teórica seria pelo arquétipo e a prática clínica com foco em imagens diferenciadas, tendo mais espaço para a percepção de ansiedades inerentes à humanidade, como a Ansiedade Existencial. Já a Clássica, dá mais importância teórica ao Si-mesmo, enquanto na prática clínica prioriza a experiência simbólica do Si-mesmo. Por sua vez, a Desenvolvimentista foca teoricamente no desenvolvimento da personalidade, enquanto na clínica a análise da relação transferencial é sua principal ferramenta, tendo maior facilidade para a percepção da Ansiedade Contratransferencial e Infantil (Samuels, 1989, p. 33). Essa diferença focal pode influenciar no resultado das diferentes formas de ansiedade aqui apresentadas.

Na psicologia analítica, devemos considerar a subjetividade como implícita e inseparável da observação (Ceccarelli, 2005, p. 473; Jung, 1995c, para. 774,775; Ulson, 1988, p. 6). A perspectiva junguiana fortaleceu a consolidação da ciência pós-moderna,

interpretativa, subjetiva, paradoxal, relativa, que vai além da acumulação e classificação dos dados empíricos que caracterizam a ciência moderna (Penna, 2005). Segundo Ulson, Jung busca uma psicologia livre do materialismo neuroquímico e do racionalismo filosófico, onde o mundo subjetivo e fantasioso seja cientificamente reconhecido. A imaginação é real e possibilita o conhecimento da realidade (Ulson, 1988, p. 13). Dessa forma, não cabe a inexistência de subjetividade no processo de categorização, mas o reconhecimento da presença e influência dessa.

Sobre a utilização de diversos mitos para falar de tipos de ansiedade, o mito é uma das formas de patologizar, movimento esse de aproximação aos interesses da psique. Mitos não devem ser novas classificações diagnósticas nem eventos, mas perspectivas imaginais, formas de experimentação dos fatos. O politeísmo psíquico viabiliza que um mesmo fenômeno tenha diferentes mitos regentes (Hillman, 2010, pp. 208–220).

Apesar da teoria junguiana relacionar fenômenos psicológicos com mitos, ao mencionar tal relação sem um aprofundamento ou discussão sobre de que forma se relacionam, ela torna-se vazia e sem sentido. Da mesma forma em que isso ocorreu nos 5 autores que utilizaram de imagens mitológicas em suas publicações, esse mesmo fenômeno havia ocorrido em nosso levantamento anterior, ainda que não indicado na publicação (Artigo 1), onde 15 autores relacionaram ansiedade com alguma imagem mitológica, sem aprofundar nessa relação. Nessa situação, os mitos relacionados foram: Cronos (Fine, 1992; Hirata, 2005); Édipo (Guttzeit, 2015; Heyer, 2015); Dionísio (Hubback, 1990; Rawlinson, 1996); herói (Gordillo, 2016; Nixon et al., 2006); Psique (Oliveira, 2012); Pã (Beier, 2014); Adão (Heyer, 2015); Orfeu e Eurídice (Gordillo, 2016); Deméter e Kore, Cybele e Attis (Bunster, 1995); Pentheus e Agave (Hubback, 1990); e o mito da Morte (Hemingway, 2011).

A diversidade de mitos relacionados com um mesmo fenômeno mostra que os fenômenos psíquicos não são exclusividade de um mito ou outro, como representante exclusivo de única forma de vivenciá-lo ou narrá-lo, mas que os mitos refletem expressões de

formas diferentes de lidar com diversos fenômenos psíquicos expressos em variados contextos, por diferentes metáforas, modelos e imagens. Ainda assim, a recorrência de um mesmo mito pode demonstrar uma aproximação maior entre seu enredo e o fenômeno discutido.

Embora a utilização de mitos possa trazer profundidade arquetípica (Hillman, 2010, pp. 208–217) ao texto, ressaltamos que os que foram aqui analisados não se preocuparam em aprofundar na questão da ansiedade nem no mito. Isso pode indicar uma utilização apenas como forma de classificar a partir de um suposto reconhecimento junguiano (Hillman, 2010, pp. 212–213), um sintoma nomeado supostamente conhecido pelo analista (Hillman, 2010, p. 168), favorecendo a compreensão patológica consciente mas atrapalhando a função inconsciente do patologizar da alma. A referência aos mitos pode ser uma tentativa de demonstrar falso aprofundamento ou consistência.

Os mesmos cuidados que devemos ter com os mitos, devem ser estendidos às classificações. A criação de classificações tem sua origem no Iluminismo e no resquício da origem médica da psicologia, não na essência da psicologia. Portanto, nomes e classes não suportam profundidade devida quando não aproximam o fenômeno de seu arquétipo, mas colocam o sujeito como parasita de sua condição (Hillman, 2010, pp. 137–141).

Nomes e classes são vasos alquímicos, que separam o que está dentro e fora, mediam o que entra e o que sai sob determinadas condições internas e externas, permitindo que aquilo que ele contém passe por um processo de análise. Mas isso só é viável se for mantido enquanto metáfora não literalista.

Ao estarmos inseridos na linguagem, é inevitável até certo ponto fugir de suas limitações inerentes, como a unilateralidade e o oposicionismo, embora esqueçamos por vezes que os conceitos referem-se à fenômenos mas não são coisas em si (Hillman, 2011a, pp. 19–33). Uma forma de utilizar a linguagem a favor da psique é, ao invés de classificar, utilizar as classes como adjetivos ou epíteto, trazendo a imagem do fenômeno para perto. Dessa forma,

as classes tornam-se múltiplas em manifestações, nos chamam para nos relacionarmos com elas ao invés de afastar-nos dela, fazem do conceito uma imagem (Hillman, 2018, pp. 74–75, 110).

A ansiedade de forma generalista foi tratada pelos autores junguianos como “medo presente na tentativa de evitar ou reduzir um prejuízo, nos mais variados contextos” (Artigo 1).

São citados aspectos da ansiedade como o Arquétipo da Ansiedade e o Complexo de Ansiedade. Dentre os tipos de ansiedade citados estão o Distúrbio de Ansiedade, o Transtorno de Ansiedade, a Ansiedade Generalizada e a Ansiedade Erótica, que não se destacaram de forma clara do fenômeno geral da ansiedade.

Os tipos de ansiedade encontrados se resumem nas seguintes características:

Tipo	Característica
Contratransferencial / do Analista	Presente no analista na relação psicoterapêutica
Existencial / Básica / de Aniquilação / de Morte	Pela condição de finitude de si ou de algo externo
Infantil / Primária / Primitiva	Do início do desenvolvimento, podendo gerar insegurança e isolamento
Psicótica	Origem precoce que paralisa capacidade global do Si-mesmo
Materna	Da ambiguidade nas mães sobre si e sobre a criança
de Gênero / de Desempenho	Do conflito com expectativas sociais heteronormativas
Cultural / Coletiva / do Real / Social / Endêmica	De conflitos culturais ou entre povos, disputando interesses e espaço, projetando o mau no outro, ou como expectativa cultural do exercício de papéis.
Econômica	Pessoal ou coletiva, com origem na desestruturação econômica
de Separação / de Castração	De uma perda de objeto externo ou de capacidades próprias
Paranoica / Persecutória	Acompanham movimento depressivo e disfunção social
Onírica	Da ambivalência negada pelo otimismo consciente, se

A compreensão de diferentes tipos de ansiedade pode referir-se a diversas manifestações, bem como diversas visões do analista sobre um mesmo fenômeno, o que seria a mesma coisa se considerarmos que a realidade é psíquica. Embora não seja uma classificação sistemática e fechada, Berry descreve tipos de leituras junguianas de um mesmo fenômeno, todas teoricamente bem embasadas mas variando o foco, exemplificando o foco na atividade do Eu, nas relações interpessoais, na relação transferencial, na criatividade, nas relações psíquicas, na feminilidade, ou no próprio processo analítico (2014, pp. 69–73).

Foi notável que diferentes autores trouxeram perspectivas diferentes nos textos analisados, compreendendo o fenômeno estudado de acordo com seu próprio foco de interesse teórico, ou que a leitura feita é sempre uma parcela de acordo com o conhecimento e perspectiva do terapeuta dentro de um espectro muito maior daquilo que é possível dentro da abordagem.

Independente da categoria, a ansiedade surge de um conflito interno ou externo, que gere medo, ambivalência e insegurança. Suas variações ilustram apenas em quais contextos surgem e quais os temas correlatos. Cada tipo de situação trará uma causa, forma de manifestação e consequência diferente.

Sobre o conhecimento generalista e classificatório, Jung entende que épocas de dificuldades diversas fazem o humano voltar seus olhos angustiados para o futuro, multiplicando antecipações, utopias e visões apocalípticas. Nessa tentativa de previsão, quanto mais uma teoria tenta ser universal, menos aplicável é à individualidade, ao fazer médias e eliminar exceções. O conhecimento pela classificação científica não fornece compreensão sobre o si-mesmo, pois a compreensão pressupõe o questionamento do conhecimento prévio, portanto o psicólogo deve por uma via dupla, fazer uma coisa sem perder a outra. A compreensão ocorre pela individualidade, sem leis nem regras gerais (Jung, 1995h, paras. 488–497).

A análise de conteúdo busca redução de características à elementos-chave ou categorias apropriadas analisadas de maneira quantitativa, sendo fundamental: clareza de critérios de exclusão e inclusão em cada categoria; categorias mutuamente excludentes dentro de uma mesma variável; categorias estritas e homogêneas; exaustividade demonstrada por uma categoria geral apenas se composta por conteúdo residual, isso significa comportar conteúdo pouco expressivo e suficientemente distante das demais categorias; e objetividade (Carlomagno & Rocha, 2016). Essa ferramenta não foi utilizada para sintetização das categorias visto a permeabilidade dos elementos citados que dificulta a exclusividade, além de como cita sobre a obrigatoriedade objetiva, “Então, fica como lição de vida para quem se proponha a fazer ciência [...]: banir a palavra subjetivo de vossas vidas. [...] se algo é subjetivo, então não é ciência. Ponto, parágrafo”(Carlomagno & Rocha, 2016, p. 183).

Se a psicologia analítica pretende ou não fazer ciência, devemos antes nos perguntar qual o interesse e consequências em ser classificado como tal. Ser nomeado e classificado dessa forma, bem como nomear e classificar determinado tipo de ansiedade, é de interesse maior à valorização do observador sobre o nome, do que necessariamente faça uma percepção melhor do fenômeno em si, seja da manifestação da ansiedade, seja do exercício da psicologia analítica. A psicopatologia, conforme etimologicamente resgatado, diz mais sobre a lógica das paixões da alma do que a classificações médicas presentes em manuais como CID e DSM (Ceccarelli, 2005), manuais esses esterilizadas contra subjetividades e paixões. Mas sendo a racionalidade também um aspecto presente no politeísmo do si-mesmo, não deve ser desconsiderado, mas acolhido como uma dentre as lógicas possíveis da alma.

4.5 CONCLUSÃO

Ao tentarmos “Analisar a utilização de tipologias e categorias de ansiedades, empregadas como conceito e como imagem no contexto em que se manifesta” encontramos diversos tipos de ansiedade: a Ansiedade Contratransferencial está presente no analista na relação psicoterapêutica; a Ansiedade Existencial ocorre pela condição de finitude de si ou de algo externo; a Ansiedade Infantil tem origem no início do desenvolvimento, podendo gerar

insegurança e isolamento; a Ansiedade Psicótica também tem origem precoce mas paralisa capacidade global do si-mesmo; a Ansiedade Materna surge pela ambiguidade nas mães sobre si e sobre a criança; a Ansiedade de Gênero ocorre pelo conflito com expectativas sociais heteronormativas; a Ansiedade Cultural surge de conflitos culturais ou entre povos, disputando interesses e espaço, projetando o mau no outro, ou como expectativa cultural do exercício de papéis; a Ansiedade Econômica pode ser pessoal ou coletiva, com origem na desestruturação econômica; a Ansiedade de Separação vem do medo da perda de objeto externo ou de capacidades próprias; a Ansiedade Paranoica acompanha movimento depressivo e disfunção social; a Ansiedade Onírica se manifesta nos sonhos por compensação pelo otimismo consciente.

Essas classificações servem à lógica analítica e à alma se entendidas como adjetiva ou descritiva, não apenas diagnóstica. Dessa forma, não devemos ficarmos limitados aos termos aqui trazidos, que devem ser entendidos como descrições de exemplos únicos.

As diversas manifestações da ansiedade enquanto classificados ou tipificados continua em concordância com o conceito de “medo de algo não concreto, seja imaginado ou antecipado, onde ainda há esperança de ser evitado ou reduzido o prejuízo” (Artigo 1).

A ansiedade, como fenômeno psicológico, possui uma face consciente e outra inconsciente, sendo necessário suportar a tensão entre ser conceito, geral e tipicamente arcaico, e ao mesmo tempo imagem, única e individualizada. Em ambos os casos, a categorização traz maior especificidade.

4.6 REFERÊNCIAS

- AYERS, M. Y. (2003). THE EYES OF SHAME. (VOL. 64, ISSUES 2-B, P. 954). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.
- BEIER, M. A. (2014). THE SHADOW OF TECHNOLOGY (VOL. 75, ISSUES 5-B(E)). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.
- BERRY, P. (2014). O CORPO SUTIL DE ECO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA ARQUETÍPICA. VOZES.
- BISAGNI, F. (2012). SHRAPNEL: LATENCY, MOURNING AND THE SUICIDE OF A PARENT. JOURNAL OF CHILD PSYCHOTHERAPY, 38(1), 22–31.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1080/0075417X.2011.651840](https://doi.org/10.1080/0075417X.2011.651840)
- BOUCHARLAT, J. (1969). REFLECTION ON THE UNCONSCIOUS AND IMAGINARY IN THE CHILD, THROUGH THE AT 9 PROJECTIVE TEST. IN ANNALES MÉDICO-PSYCHOLOGIQUES (VOL. 1, ISSUE 3, PP. 450–461). ELSEVIER SCIENCE.
- BUNSTER, J. (1995). WHAT TO DO ABOUT MOTHER? AN ADOLESCENT GIRL’S DILEMMA. IN INCEST FANTASIES & SELF DESTRUCTIVE ACTS: JUNGIAN AND POST-JUNGIAN PSYCHOTHERAPY IN ADOLESCENCE. (PP. 141–151). TRANSACTION PUBLISHERS.
- CARLOMAGNO, M. C., & ROCHA, L. C. DA. (2016). COMO CRIAR E CLASSIFICAR CATEGORIAS PARA FAZER ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA. REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 7(1), 173–188.
[HTTPS://DOI.ORG/HTTP://DX.DOI.ORG/10.5380/RECP.V7I1](https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1)
- CECCARELLI, P. (2005). O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PERSPECTIVA DA PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL. PSICOLOGIA EM ESTUDO, 10(3), 471–477.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S1413-73722005000300015](https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300015)
- DOLAN, J. (2015). CRUMBLING REJUVENATION: ARCHETYPE, EMBODIMENT AND THE “AGING BEAUTY MYTH.” IN THE HAPPINESS ILLUSION: HOW THE MEDIA SOLD US A FAIRYTALE. (PP. 75–88). ROUTLEDGE/TAYLOR & FRANCIS GROUP.
[HTTPS://PDFS.SEMANTICSCHOLAR.ORG/6BB7/611EF22E743C236403AEDF5A37521DAEFF21.PDF%0A](https://pdfs.semanticscholar.org/6bb7/611ef22e743c236403aedf5a37521dae21.pdf)
- DOWNE, S. (2004). PASTORAL IDYLLS, EROTIC ANXIETIES AND HEROIC SUBJECTIVITIES IN SIBELIUS’S LEMMINKÄINEN AND THE MAIDENS OF THE ISLAND AND FIRST TWO SYMPHONIES. IN THE CAMBRIDGE COMPANION TO SIBELIUS (PP. 35–48). CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. [HTTPS://DOI.ORG/10.1017/CCOL9780521815529.005](https://doi.org/10.1017/CCOL9780521815529.005)
- FINE, G. A. (1992). MANUFACTURING TALES: SEX AND MONEY IN CONTEMPORARY LEGENDS. IN MANUFACTURING TALES: SEX AND MONEY IN CONTEMPORARY LEGENDS. (P. 212). UNIVERSITY OF TENNESSEE PRESS.

- FORTIM, I., & ARAUJO, C. A. DE. (2013). ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO USO PATOLÓGICO DE INTERNET. *BOLETIM ACADEMIA PAULISTA DE PSICOLOGIA*, 33(11), 292–311.
[HTTPS://DOI.ORG/1468-5922.12359](https://doi.org/10.1468-5922.12359)
- GILES, S. P. (2000). THE UNNESTED WOMAN: AN INVESTIGATION OF DREAMS OF MIDLIFE WOMEN WHO HAVE EXPERIENCED DIVORCE FROM A LONG-TERM MATE (VOL. 61, ISSUES 4-B, P. 2200). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.
- GORDILLO, T. (2016). “TO BUILD A BRIDGE: MYTH AND LEGEND TO REFRAME MENTAL HEALTH IN YOUNG ADULT READERS.” *YOUTH VOICE JOURNAL*, 6.
- GREGORY, T. (2011). THE RISE OF THE PRODUCTIVE NON-PLACE: THE CONTEMPORARY OFFICE AS A STATE OF EXCEPTION. *SPACE AND CULTURE*, 14(3), 244–258.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1177/1206331211412264](https://doi.org/10.1177/1206331211412264)
- GUTTZEIT, G. (2015). FEARFUL FANTASY: FIGURATIONS OF THE OEDIPUS MYTH IN SCORSESE’S SHUTTER ISLAND (2010). IN *FEAR AND FANTASY IN A GLOBAL WORLD* (VOL. 81, PP. 143–162). BRILL. [HTTPS://DOI.ORG/10.1163/9789004306042_009](https://doi.org/10.1163/9789004306042_009)
- HEMINGWAY, A. (2011). THE NEAR-DEATH EXPERIENCE: A MYTHIC MODEL FOR CONSCIOUS LIVING AND DYING (VOL. 71, ISSUES 9-B, P. 5773). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.
- HEYER, G. (2015). THE MAKING OF A TRAGEDY: PERVERSION IN THE PERCEPTION OF TRUTH. *JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY*, 60(5), 642–656.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1111/1468-5922.12177](https://doi.org/10.1111/1468-5922.12177)
- HILLMAN, J. (2010). RE-VENDO A PSICOLOGIA. *VOZES*.
- HILLMAN, J. (2011). PSICOLOGIA ALQUÍMICA. *VOZES*.
- HILLMAN, J. (2018). UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A IMAGEM. *VOZES*.
- HINTON III, L. (2018). IS JUNG EXISTENTIAL OR NOT? REFLECTIONS ON TEMPORALITY AND EVERYDAYNESS. IN *JOURNAL OF HUMANISTIC PSYCHOLOGY*. SAGE PUBLICATIONS INC.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1177/0022167818820464](https://doi.org/10.1177/0022167818820464)
- HIRATA, R. A. (2005). O COMPLEXO DE CHRONOS E O DESCOMPASSO EMOCIONAL. *JUNGUIANA*, 67–77. [HTTP://PESQUISA.BVSALUD.ORG/BRASIL/RESOURCE/PT/LIL-472391#.XNCIWHXLASI.MENDELEY](http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-472391#.XNCIWHXLASI.MENDELEY)
- HONIG, B. (2009). DEMOCRACY AND THE FOREIGNER. IN *DEMOCRACY AND THE FOREIGNER*. PRINCETON UNIVERSITY PRESS.
- HORNE, M. (2008). EVIL ACTS NOT EVIL PEOPLE: THEIR CHARACTERISTICS AND CONTEXTS. *JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY*, 53(5), 669–690.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1111/j.1468-5922.2008.00759.x](https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2008.00759.x)

- HOUGHAM, R. (2012). THE MATRIX, GROUP PROCESSES AND DRAMATHERAPY. *ARTS IN PSYCHOTHERAPY*, 39(1), 60–65. [HTTPS://DOI.ORG/10.1016/J.AIP.2011.11.007](https://doi.org/10.1016/j.aip.2011.11.007)
- HUBBACK, J. (1990). TEARING TO PIECES: PENTHEUS, THE BACCHAE AND ANALYTICAL PSYCHOLOGY. IN *THE JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY* (VOL. 35, ISSUE 1, PP. 3–17). BLACKWELL PUBLISHING. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/J.1465-5922.1990.00003.X](https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1990.00003.x)
- JAKES, K. (2017). SONGS OF OUR FATHERS: GENDER AND NATIONHOOD AT THE LIBERATION OF FRANCE. *RHETORIC AND PUBLIC AFFAIRS*, 20(3), 385–419. [HTTPS://DOI.ORG/10.14321/RHETPUBLAFFA.20.3.0385](https://doi.org/10.14321/rhetpublaffa.20.3.0385)
- JUNG, C. G. (1995A). FREUD E A PSICANÁLISE. OC IV. VOZES.
- JUNG, C. G. (1995B). PSICOLOGIA EM TRANSIÇÃO. OC X. VOZES.
- KALSCHED, D. E. (1998A). ARCHETYPAL DEFENSES IN THE CLINICAL SITUATION: A VIGNETTE. IN *THE JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY* (VOL. 43, ISSUE 1, PP. 3–17). BLACKWELL PUBLISHING. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/1465-5922.00003](https://doi.org/10.1111/1465-5922.00003)
- KALSCHED, D. E. (1998B). REPLY TO REID ANDERSON. IN *THE JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY* (VOL. 43, ISSUE 4, PP. 597–599). BLACKWELL PUBLISHING. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/1465-5922.00056](https://doi.org/10.1111/1465-5922.00056)
- KEYES, D. (2010). POST-JUNGAN/AUTEUR STUDIES: TIM BURTON’S OEUVRE. (VOL. 55, ISSUE 41). AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. [HTTPS://DOI.ORG/10.1037/A0021226](https://doi.org/10.1037/a0021226)
- KOSTHOVA, M. (2016). DIGGING FOR PERFECTION: DISCOURSE OF DEFORMITY IN RICHARD III’S EXCAVATION. *PALGRAVE COMMUNICATIONS*, 2. [HTTPS://DOI.ORG/10.1057/PALCOMMS.2016.46](https://doi.org/10.1057/palcomms.2016.46)
- LANGS, R. (2008). UNCONSCIOUS DEATH ANXIETY AND THE TWO MODES OF PSYCHOTHERAPY. IN *PSYCHOANALYTIC REVIEW* (VOL. 95, ISSUE 5, PP. 791–818). GUILFORD PUBLICATIONS. [HTTPS://DOI.ORG/10.1521/PREV.2008.95.5.791](https://doi.org/10.1521/prev.2008.95.5.791)
- MAGGERT, W. T. (2018). CORRUPTING MASCULINITY: CULTURAL COMPLEXES OF THE ARCHETYPAL MASCULINE SHARED BETWEEN MEN. (VOL. 78, ISSUES 9-B(E)). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.
- MARTIN-VALLAS, F. (2009). FROM END TIME TO THE TIME OF THE END: SOME REFLECTIONS ABOUT THE EMERGENCE OF SUBJECTIVITY. *JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY*, 54(4), 441–460. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/J.1468-5922.2009.01796.X](https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2009.01796.x)
- MAY, C. F. (2018). THE SACRED WOMB: THE EVOLUTION OF THE PSYCHE THROUGH PREGNANCY AND CHILDBIRTH (VOL. 78, ISSUES 7-B(E)). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.
- MCCORMICK, L. J. (1997). A STUDY OF THE DREAMS OF AIDS HOSPICE VOLUNTEERS. (VOL. 58, ISSUES 5-B, P. 2690). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.

- NIELSEN, N. P., & NAVA, V. (1975). IMAGES OF MONSTERS IN THE RORSCHACH TEST .
RASSEGNA DI STUDI PSICHIATRICI, 64(5), 702–714.
[HTTPS://WWW.SCOPUS.COM/INWARD/RECORD.URI?EID=2-S2.0-0016685141&PARTNERID=40&MD5=82C446DFADE7DB220F4D4AA4FD6999930](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-0016685141&partnerid=40&md5=82c446dfade7db220f4d4aa4fd6999930)
- NIXON, G., SOLOVONIUK, J., & MCGOWAN, V. (2006). THE COUNTERFEIT HERO’S JOURNEY OF THE PATHOLOGICAL GAMBLER: A PHENOMENOLOGICAL HERMENEUTICS INVESTIGATION. IN INTERNATIONAL JOURNAL OF MENTAL HEALTH AND ADDICTION (VOL. 4, ISSUE 3, PP. 217–232). SPRINGER. [HTTPS://DOI.ORG/10.1007/S11469-006-9021-0](https://doi.org/10.1007/s11469-006-9021-0)
- OLIVEIRA, S. R. (2012). O SUICÍDIO E OS APELOS DA ALMA: REFLEXÕES SOBRE O SUICÍDIO NA CLÍNICA JUNGUIANA COM PACIENTES ADOLESCENTES. O MUNDO DA SAÚDE, 36(1), 103–110. [HTTPS://DOI.ORG/10.15343/0104-7809.2012361103110](https://doi.org/10.15343/0104-7809.2012361103110)
- PARISI, S. (2009). SEPARAÇÃO AMOROSA E INDIVIDUAÇÃO FEMININA: UMA ABORDAGEM EM GRUPO DE MULHERES NO ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA [UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO]. [HTTPS://DOI.ORG/10.11606/T.47.2009.TDE-09122009-152719](https://doi.org/10.11606/T.47.2009.TDE-09122009-152719)
- PELED, A., & GEVA, A. B. (2014). “CLINICAL BRAIN PROFILING”: A NEUROSCIENTIFIC DIAGNOSTIC APPROACH FOR MENTAL DISORDERS. MEDICAL HYPOTHESES, 83(4), 450–464. [HTTPS://DOI.ORG/10.1016/J.MEHY.2014.07.013](https://doi.org/10.1016/j.mehy.2014.07.013)
- PENNA, E. M. D. (2005). O PARADIGMA JUNGUIANO NO CONTEXTO DA METODOLOGIA QUALITATIVA DE PESQUISA. PSICOLOGIA USP, 16(3).
[HTTPS://DOI.ORG/HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S0103-65642005000200005](https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005)
- PERVIN, L. A., REIK, L. E., & DALRYMPLE, W. (1966). THE COLLEGE DROPOUT AND THE UTILIZATION OF TALENT. PRINCETON UNIVERSITY PRESS.
[HTTPS://DOI.ORG/10.1515/9781400876013](https://doi.org/10.1515/9781400876013)
- RAWLINSON, B. (1996). THE SEEDS OF THE POMEGRANATE: IMAGES OF DEPRESSION. IN DRAMATHERAPY: CLINICAL STUDIES. (PP. 151–178). JESSICA KINGSLEY PUBLISHERS.
- REAY, B., ATTWOOD, N., & GOODER, C. (2013). INVENTING SEX: THE SHORT HISTORY OF SEX ADDICTION. IN SEXUALITY & CULTURE: AN INTERDISCIPLINARY QUARTERLY (VOL. 17, ISSUE 1, PP. 1–19). SPRINGER. [HTTPS://DOI.ORG/10.1007/S12119-012-9136-3](https://doi.org/10.1007/s12119-012-9136-3)
- SAMUELS, A. (1989). JUNG E OS PÓS-JUNGUIANOS (IMAGO (ED.)). IMAGO.
- SATIA, P. (2011). “A REBELLION OF TECHNOLOGY”: DEVELOPMENT, POLICING, AND THE BRITISH ARABIAN IMAGINARY. IN ENVIRONMENTAL IMAGINARIES OF THE MIDDLE EAST AND NORTH AFRICA (PP. 23–59). OHIO UNIVERSITY PRESS.
[HTTPS://WWW.SCOPUS.COM/INWARD/RECORD.URI?EID=2-S2.0-84904084892&PARTNERID=40&MD5=28D8AA5D5CB196023BF20EE023E7E5E1](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84904084892&partnerid=40&md5=28d8aa5d5cb196023bf20ee023e7e5e1)

- SATINOVER, J. (1985). JUNG'S RELATION TO THE MOTHER. IN QUADRANT: JOURNAL OF THE C. G. JUNG FOUNDATION FOR ANALYTICAL PSYCHOLOGY (VOL. 18, ISSUE 1, PP. 9–22). C. G. JUNG FOUNDATION FOR ANALYTICAL PSYCHOLOGY.
- SCARABEL, C. A. (2011). A EXPERIÊNCIA DA PUÉRPERA COM O PARTO PREMATURO E INTERNAÇÃO DO SEU RECÉM-NASCIDO NUMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL: ESTUDO A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA [UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO]. [HTTPS://DOI.ORG/10.11606/D.47.2011.TDE-17042012-113540](https://doi.org/10.11606/D.47.2011.TDE-17042012-113540)
- SILVERSTEIN, S. M. (2007). INTEGRATING JUNGIAN AND SELF-PSYCHOLOGICAL PERSPECTIVES WITHIN COGNITIVE-BEHAVIOR THERAPY FOR A YOUNG MAN WITH A FIXED RELIGIOUS DELUSION. IN CLINICAL CASE STUDIES (VOL. 6, ISSUE 3, PP. 263–276). SAGE PUBLICATIONS. [HTTPS://DOI.ORG/10.1177/1534650106287224](https://doi.org/10.1177/1534650106287224)
- SINASON, M. D. A., & CONE-FARRAN, A. M. (2007). THE NEW, THE NOW AND THE NOWHERE IN KALSCHED'S ARCHETYPAL SELF-CARE SYSTEM. IN WHO OWNS JUNG? (PP. 111–131). KARNAC BOOKS.
- SKAR, P. (2004). CHAOS AND SELF-ORGANIZATION: EMERGENT PATTERNS AT CRITICAL LIFE TRANSITIONS. THE JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY, 49(2), 243–262. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/J.1465-5922.2004.00456.X](https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.2004.00456.x)
- STEINBERG, W. (1990). CIRCLE OF CARE: CLINICAL ISSUES IN JUNGIAN THERAPY. IN CIRCLE OF CARE: CLINICAL ISSUES IN JUNGIAN THERAPY. (P. 157). INNER CITY BOOKS.
- THE PRISMA GROUP. (2015). PRINCIPAIS ITENS PARA RELATAR REVISÕES SISTEMÁTICAS E META-ANÁLISES: A RECOMENDAÇÃO PRISMA. EPIDEMIOLOGIA E SERVIÇOS DE SAÚDE, 24(2), 335–342. [HTTPS://DOI.ORG/10.5123/S1679-49742015000200017](https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017)
- THIBAudeau, C. (2013). THE PSYCHOANALYSIS OF SUSPICION -OTHERNESS PUT TO THE TEST . TOPIQUE, 122(1), 45–60. [HTTPS://DOI.ORG/10.3917/TOP.122.0045](https://doi.org/10.3917/TOP.122.0045)
- ULSON, G. (1988). O MÉTODO JUNGUANO (ÁTICA (ED.)).
- WADDELL, T. (2014). WILD/LIVES: TRICKSTER, PLACE AND LIMINALITY ON SCREEN. IN WILD/LIVES: TRICKSTER, PLACE AND LIMINALITY ON SCREEN. TAYLOR AND FRANCIS. [HTTPS://DOI.ORG/10.4324/9781315787619](https://doi.org/10.4324/9781315787619)
- WAHBA, L. L. (2017). A ESTRANHEZA DO OUTRO E OS LIMITES DA TOLERÂNCIA. JUNGUIANA, 35(2), 5–12. [HTTP://PEPSIC.BVSALUD.ORG/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S0103-08252017000200002&LNG=PT&NRM=ISO&TLNG=PT](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- WEST, M. (2017). SELF-DISCLOSURE, TRAUMA AND THE PRESSURES ON THE ANALYST. JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY, 62(4), 585–601. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/1468-5922.12338](https://doi.org/10.1111/1468-5922.12338)

- WHARTON, B. (1996). IN THE LAST ANALYSIS: ARCHETYPAL THEMES IN THE ANALYSIS OF AN ELDERLY PATIENT WITH EARLY DISINTEGRATIVE TRAUMA. *JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY*, 41(1), 19–36. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/J.1465-5922.1996.00019.X](https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1996.00019.x)
- WHO. (2017). DEPRESSION AND OTHER COMMON MENTAL DISORDERS: GLOBAL HEALTH ESTIMATES. [HTTPS://APPS.WHO.INT/IRIS/BITSTREAM/HANDLE/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-ENG.PDF](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-ENG.PDF)
- WITHERS, R. (2015). THE SEVENTH PENIS: TOWARDS EFFECTIVE PSYCHOANALYTIC WORK WITH PRE-SURGICAL TRANSEXUALS. *JOURNAL OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY*, 60(3), 390–412. [HTTPS://DOI.ORG/10.1111/1468-5922.12157](https://doi.org/10.1111/1468-5922.12157)
- ZINDA, E. S. (2018). AMERICAN CERBERUS: PIT BULLS AND PSYCHE IN THE UNITED STATES. (VOL. 79, ISSUES 1-B(E)). PROQUEST INFORMATION & LEARNING.

5 UMA REVISÃO DA PSICODINÂMICA CONCEITUAL E IMAGINAL DA ANSIEDADE EM PUBLICAÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Renan Marques Franklin³

Carlos Augusto Serbena⁴

Resumo

Como manifestação psíquica, a ansiedade está presente nos campos de trabalho da psicologia analítica, faz necessária sua compreensão. Com o objetivo de analisar qual a compreensão junguiana da psicodinâmica sobre o fenômeno da ansiedade, tanto na forma de conceito quanto de imagem, quando ela está no foco central do estudo, foi feita revisão sistemática em bases de dados, buscando textos em Português, Inglês e Espanhol, que discutam a fundo esse fenômeno no campo da Psicologia Analítica. Foram analisados 22 textos, dentro dos quais, os resultados apresentaram três principais formas de compreender a ansiedade. No Grupo Psicanalista, com visão causalista, a ansiedade é causadora de bloqueio ao desenvolvimento do Eu, manifesta por falha no desenvolvimento da pele psíquica, devendo ser removida. No Grupo Desenvolvimentista, com visão causalista e finalista, a ansiedade surge como sentimento necessário à ativação de defesas para proteção psíquica. Já no Grupo Arquetípico, a ansiedade é inerente ao processo de simbolização humano, sendo finalista ao direcionar o desenvolvimento para a individuação e realização do potencial autêntico, tendo relação de mensageiro catalizador perante ao Eu. Embora a perspectiva causalista tenda a valorizar o conceito e a finalista a imagem, nós leitores podemos promover conscientemente ambas leituras.

Palavras-chave: Ansiedade. Psicologia Analítica. Junguiano. Revisão.

Abstract

As a psychic manifestation, anxiety is present in the fields of work of analytical psychology, making it necessary to understand it. In order to analyze the psychodynamic understanding of the Jungian authors about the phenomenon of anxiety, both in the form of a concept and an image, when it is the central focus of the study, a systematic review was carried out in databases, searching for texts in Portuguese, English and Spanish, which discuss this phenomenon in depth. in the field of Analytical Psychology. 22 texts were analyzed, within which, the results presented three main ways of understand the anxiety. In the Psychoanalyst Group, with a causalist view, anxiety causes a block to the development of the Ego,

³ Psicólogo mestrando em Psicologia Clínica com ênfase em Psicologia Analítica pela Universidade Federal do Paraná, bolsista da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

⁴ Professor permanente do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Psicologia com ênfase em Psicologia Analítica da Universidade Federal do Paraná

manifested by a failure in the development of the psychic skin, and must be removed. In the Developmentalist Group, with a causalist and finalist view, anxiety emerges as a necessary feeling for the activation of defenses for psychic protection. In the Archetypal Group, anxiety is inherent to the human symbolization process, being finalist in directing development towards the individuation and realization of authentic potential, having a catalytic messenger relationship to the Ego. Although the causal perspective tends to value the concept and the finalist the image, we readers can consciously promote both readings.

Keywords: Analytical Psychology. Anxiety. Jungian. Review.

5.1 INTRODUÇÃO

Em publicações anteriores, realizamos revisões acerca do uso do conceito de “ansiedade” dentro do campo da Psicologia Analítica, quando utilizado como parte do contexto. Neles, a ansiedade foi tratada como “medo de um prejuízo que pode ser evitado ou diminuído” (Artigos 1 e 2). Dessa forma, o levantamento anterior não discutiu os textos onde a ansiedade era tratada como assunto central a ser discutido pelas publicações.

Embora esse levantamento tenha sido relevante a fim de compreender o contexto geral no qual os autores junguianos utilizam o termo, faz-se também necessária a análise da discussão que o campo aprofunda sobre a psicodinâmica desse fenômeno.

Esse artigo tem como objetivo de analisar qual a compreensão junguiana da psicodinâmica sobre o fenômeno da ansiedade, tanto na forma de conceito quanto de imagem, quando ela está no foco central do estudo.

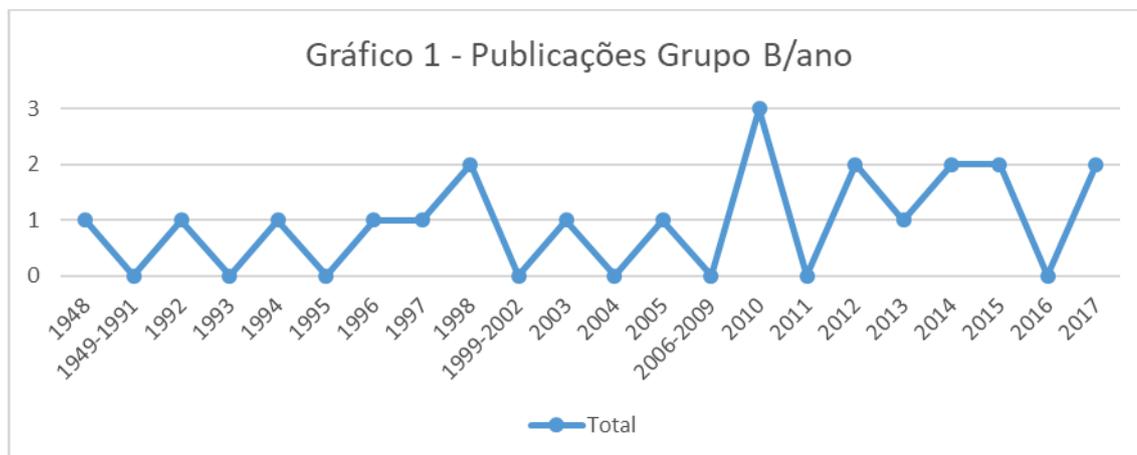
5.2 METODOLOGIA

A coleta teve como base o modelo PRISMA (The PRISMA Group, 2015), buscando termos sobre ansiedade, e o campo da psicologia analítica, em português, inglês e espanhol, em diversas bases de dados.

Para essa coleta, a escolha dos termos, as bases de dados utilizadas e o método de filtragem para eliminação de textos não correspondentes ao campo da psicologia analítica, seguiu modelo anteriormente utilizado (Artigos 1 e 2). Houve alteração metodológica na aplicação do quinto filtro, onde dos 141 textos selecionados, foram filtrados nesse artigo aqueles que aprofundam na discussão da ansiedade como tema central, selecionando 22 textos que não haviam sido trabalhados nos artigos de revisão anteriores ao excluir aqueles que falam da ansiedade em um contexto mais amplo sem aprofundamento no tema. Os textos foram organizados em ordem cronológica de publicação, para facilitar a leitura a partir do desenvolvimento do conceito.

5.3 RESULTADOS

A publicação dos 22 textos analisados nesse artigo segue a proporção anual apresentada no Gráfico 1.



Qualquer análise feita a partir desses dados deve levar em consideração que as bases de busca utilizadas se concentram especialmente na coleta de artigos em revistas científicas, e que pode haver uma tendência de textos mais novos serem indexados nesse meio. Ainda assim, o gráfico demonstra um grande pioneirismo do primeiro artigo, ao tratar do assunto 44 anos antes de haver uma segunda publicação dentre as encontradas. Há também um leve crescimento no número de publicações, notável especialmente pela diminuição do espaçamento entre os anos publicados.

Os textos serão apresentados um a um ao que se referem à ansiedade, separados por década, e posteriormente discutidos.

5.3.1 ...-1989

Em uma contextualização temporal, a década de 1940 foi marcada pela segunda guerra mundial (1939-1945) e início da guerra fria (1947-1991), com fortes conflitos étnicos e de ideologias sociais, destruição massissa e tentativa de extermínio. Isso trouxe instabilidade social, polarização e projeções sombrias.

Anxiety neurosis; origin and cure (Bitter, 1948)

O resumo apresenta a proposta de uma análise de quatro categorias de ansiedade pela psicanálise Freudiana e pela abordagem Junguiana. Apesar disso, não foi possível a análise do texto completo por estar em alemão, e o resumo não oferece mais detalhes sobre as categorias analisadas. Apesar da pouca informação levantada, torna-se relevante por ser o estudo pioneiro na temática, dentre os encontrados no levantamento realizado. (Bitter, 1948)

5.3.2 1990-1999

O contexto da década de 90 inclui o fim da guerra fria e popularização da internet, contribuindo para a globalização, fortalecimento da democracia e redistribuição econômica.

Chaos, an Omen of Transcendence in the Psychotherapeutic Process (Bütz, 1992)

O texto propõe uma relação entre a Teoria do Caos e a psicoterapia. Tanto o Caos quanto a ansiedade são usualmente associados negativamente à confusão, desorganização, instabilidade e imprevisibilidade. Psicologicamente, o Caos é uma ansiedade extrema, mas também o primeiro indicativo de um potencial crescimento. Na Teoria do Caos, a manifestação não é positiva nem negativa, mas tende a manifestar um movimento de equilíbrio e estabilidade em uma visão mais ampla e menos recortada. É comum que pacientes busquem psicoterapia para controlar a ansiedade, podendo o terapeuta indicar que o fenômeno faz parte dos ciclos de vida de todos humanos, e que ele é um indicativo de crescimento, flexibilização e adaptação intrapsíquica e extrapsíquica à ser explorado (Bütz, 1992, pp. 827–829).

Atualmente, a Teoria da Construção Pessoal possui a definição mais satisfatória de ansiedade, como incapacidade de prever futuro ou resolver problemas pelos construtos intrapsíquicos individuais não se aplicarem ao sistema em andamento. É preciso uma definição que inclua: estado comum a todos estados de excitação fisiológica; tanto positiva quanto negativa; e atenção pela antecipação de eventos futuros incertos (Bütz, 1992, p. 830).

A psique é um sistema emaranhado e sensível a pressões ambíguas internas e externas, que nos afetam antes de ganhar uma forma perceptível. Dentro da concepção de Jung, ao retirarmos projeções do desconhecido, transcendemos ao ver valores do que está inserido no sistema dinâmico, como arquétipos e símbolos. Uma pequena ansiedade dentro do efeito borboleta pode multiplicar-se até gerar ataques de pânico (Bütz, 1992, p. 831).

O Caos pode manter-se pela manutenção do pensamento que o rodeia, ou criar representações simbólicas. Residindo na função inferior, a inspiração criativa permanece ambígua até ser ativada por estressores com tensão suficiente, se manifestando pela criatividade, arte, sonhos, visões, ou novos Eus. Por sua origem inconsciente, símbolos são fortemente carregados de energia psíquica e significado, porém quando conscientemente buscados, há maiores chances de diminuição de resistências e de diferenciação, devendo ser estimulados pelo terapeuta. Pessoas criativas tendem a ser mais tolerantes à ambiguidade, formas caóticas e irregulares, e menos assustadas com aspectos incompreendidos (Bütz, 1992, pp. 831–835).

Embora possua suas limitações, o ciclo transcendente da Teoria do Caos serve como ilustração, sendo descrito nesse artigo: Surgimento do Caos → Luta contra ou preparação ao Caos → Aceitação do Caos → Morte psíquica → Transcendência psíquica. Seguem-se a essa teoria, após o estado de transcendência: Estado de ordem → Stress → Energia instintiva

indomada → Tensão → Ansiedade → Origem simbólica → Expressão simbólica (Bütz, 1992, pp. 837–841).

Comumente o cliente ingressa à psicoterapia logo após surgir o Caos, por estar nele ou se preparar para ele. O terapeuta prepara o paciente para a jornada pelo Caos, oferece um espaço mais seguro psicologicamente, até gradualmente o paciente ganhar independência para criar novas estruturas da união entre inconsciente e consciente. É comum o paciente sentir ou desejar a morte, que antecede o processo criativo e uma vida mais gratificante. O terapeuta deve reconhecer seu lugar dentro, fora e através desse processo volátil. A técnica da Caixa de Areia é uma ferramenta que trabalha de maneira cíclica com esses estágios da transcendência, auxiliando na gradual diferenciação dos símbolos (Bütz, 1992, pp. 836–841).

Psicoterapia na ansiedade - abordagem junguiana (Giglio, 1994)

O resumo desse artigo apresenta que o trabalho aborda aspectos teóricos e clínicos da ansiedade. Segundo ele, sobre essa temática, as ideias de Jung mais complementam do que contradizem as de Freud. Cita haverem críticas ao conceito de “Ansiedade da Persona” de James Hall. Apresenta também um estudo de caso de sonhos de paciente ansiosa com base na perspectiva junguiana (Giglio, 1994).

Individual differences in orienting activity mediate feeling realization in dreams: I. Evidence from retrospective reports of movement inhibition (Kuiken & Nielsen, 1996)

Esse artigo diferencia: sonhos existenciais; sonhos ansiosos (pesadelos); sonhos transcendentais (arquetípicos); e sonhos mundanos. Os critérios para um sonho ansioso são: evento perigoso; sentimentos claros e fortes de medo; despertar com medo intenso ou sensação de desgraça iminente. Sonhos ansiosos são mais comuns em pessoas com menor assertividade para obrigações e responsabilidades sociais, gerando ansiedade, medo e menos comuns às pessoas que sofreram agressão ou alienação, além de induzirem pouco à autopercepção. Diferencia-se dos sonhos transcendentais, onde também há pouca autopercepção, porém é recorrente para pessoas que sofreram agressão ou alienação, e diferencia-se dos sonhos existenciais ao pouco induzir a autopercepção (Kuiken & Nielsen, 1996, pp. 201–215).

Dança meditativa e caixa de areia associadas à análise verbal como técnica facilitadora de integração de processos simbólicos (Zimmermann, 1997)

A abordagem desse estudo à ansiedade baseia-se em estudos de caso do uso da técnica da Caixa de Areia. Em um deles, paciente com Síndrome do Pânico procura abordagem analítica com interesse nos recursos criativos e expressivos. Após três anos e meio, superou em grande parte os sintomas de ansiedade e angústia iniciais, tornando-se mais estável,

integrada ao meio familiar e profissional, livre, leve, humorada, espiritualizada e otimista (Zimmermann, 1997, p. 57,150).

A energia do inconsciente era sentida como agressiva e perigosa, desencadeando sentimento de impotência, medo, ansiedade e paralisia, que compunham seus ataques de pânico (Zimmermann, 1997, p. 130). A ansiedade também surge perante a expectativa de algo que se imagina como possivelmente positivo, mas sem uma garantia, havendo ambigüidade (1997, p. 137).

Texto também retrata caso onde paciente expressa dificuldade de manter energia criadora fluída, promovendo consciência dos potenciais, das limitações, e do processo de individuação. O Si-mesmo possui como função proteger a pessoa e acalmar a ansiedade para que mantenha seu progresso (Zimmermann, 1997, p. 123).

Phobia, the ultimate creation (Jullien-Palletier, 1998)

Essa publicação desenvolve com base na teoria da defesa do Si-mesmo primário, a hipótese de uma Ansiedade Primária, constituída por repetidos eventos de sofrimentos precoces não elaborados sobre os pais, especialmente de luto. Essa ansiedade, caracterizada pela imutabilidade e estranheza, impede a evolução usual arquetípica e a simbolização. A fobia surge na tentativa de proteger conteúdos arcaicos e manter um sentimento de existência coerente (Jullien-Palletier, 1998).

The aporetic character of drewermann's therapeutic theology (Goorden, 1998)

Para Drewermann, a escrita literária teológica é terapêutica por prever libertação de algo maligno como a ansiedade, sendo liberto por um Deus cristão, pessoal e transcendente. Goorden acredita que a leitura da bíblia pela psicologia profunda tem ênfase nas deficiências e aberrações, onde os arquétipos são partes da psique que devem ser integrados à consciência. No esforço do homem para se libertar da ansiedade existencial, os mitos e arquétipos são vistos como uma descrição de uma existência humana inerentemente desastrosa trabalhando sob ansiedade. Assim, a interpretação teológica de Drewermann se depara com uma contradição: por um lado, o sonho arquetípico da humanidade é a “linguagem de Deus”; de outro, toma a “superação dos mitos” como ponto de partida de sua teologia (Goorden, 1998).

5.3.3 2000-2009

Na década de 2000, são intensificados ataques militares norte-americanos à países do oriente médio na chamada “Guerra ao Terrorismo”. O bloco econômico do Euro ganha força, e a América-latina tem uma ascensão dos partidos antiamericanistas.

Daimonic elements in early trauma (Kalsched, 2003)

Nesse artigo, o conhecido autor junguiano Kalsched comenta que a função materna suficientemente boa, pela capacidade de dar continência, cria uma pele psíquica. Quando esse

processo falha e isso atinge o desenvolvimento, produz uma ansiedade de aniquilação ao núcleo de identidade, conhecido como Eu Verdadeiro ou Criança Divina. Esse núcleo ativa os mecanismos de autocuidado do *daimon* para se defender (Kalsched, 2003, pp. 145–146).

A ansiedade de desintegração infantil é uma ativação de defesas primitivas na forma de *daimons* para proteção a todo custo da verdadeira identidade, quando o trauma antecede a diferenciação entre o cuidador e a criança, trazendo perda de autorrepresentação, sensação de queda ou vazio infinito. O autocuidado encapsula parte do Si-mesmo bondoso traumatizado, separando da agressão maldosa (Kalsched, 2003, pp. 147–148).

Objetos daimônicos são personificações arquetípicas pré-pessoais e transpessoais, divinamente ambíguos na forma de terrível e numinoso. Habitantes do campo sutil, transcendem à consciência e inconsciência, ligam e unem. No desenvolvimento normal, o Eu Verdadeiro encarna e age no corpo, pela função do objeto transicional passa da indiferenciação à criatividade (Kalsched, 2003, pp. 149–151).

Quando rompido o processo, o Eu enfraquecido não suporta a tensão com o inconsciente, e os *daimons* fecham os canais e elos com o inconsciente, encapsulando o Eu ferido, gerando despersonalização. O símbolo torna-se sintoma sem função simbólica nem capacidade redentora (Kalsched, 2003, p. 152).

No trauma há uma cisão, parte regride à antes da perda da inocência, e outra parte se identifica com o agressor que protege agressivamente a parte regredida de novos agressores. A ambiguidade das imagens pode tornar-se extrema nos sonhos, podendo ser zeladora e sabotadora ao ferir o Eu Verdadeiro (Kalsched, 2003, pp. 153–155).

A manifestação clínica pode ser limítrofe, tanto infantil quanto titânica, acompanhar vergonha, insatisfação de gênero ou distúrbios alimentares. A cisão é um movimento que preserva a inocência de um lado e o seguir da vida pela parte que continua a se desenvolver de outro, em sacrifício das potencialidades do Si-mesmo Verdadeiro (Kalsched, 2003, pp. 155–156).

Freud e Jung: o que a emoção não deixou reunir. Um estudo da psicologia simbólica junguiana (Byington, 2005)

Nesse texto, o autor que é uma das grandes referências junguianas no Brasil revela que psicanalistas possuem grande crença da cura pelo insight, inclusive de ansiedades graves. Mesmo com a permanência do sintoma, a falha geralmente é atribuída a resistência do paciente e não a falha teórica ou interpretativa. Já a psicologia analítica amplia o *insight* racional psicanalítico a expressões não verbais. Esse tipo de *insight* surge em um vácuo psíquico, conceito que se aproxima ao vácuo existencial preenchido pelos demônios, de sentido, descrito na obra de Frankl (Byington, 2005).

5.3.4 2010-2019

Na década de 2010, a China apresenta grande crescimento econômico, ameaçando a consolidação da hegemonia econômica norte-americana. A popularização de dispositivos móveis com internet, valorização dos dados pessoais, e direcionamento de anúncios e informações personalizadas ganhou notoriedade, em especial pela manipulação consumista e política. Países ricos intensificaram seu fechamento para imigrações, em especial alegando causar desemprego e desproporção econômica. A década encerrou com a ploriferação da pandemia do COVID-19.

Archetypal trajectories of social, psychological, and spiritual wellbeing and distress in family care givers of patients with lung cancer: secondary analysis of serial qualitative interviews (Murray et al., 2010)

Nesse artigo, os autores mencionam que o domínio social geralmente é definido pela capacidade de socializar, e o domínio psicológico ao bem-estar, incluindo da ansiedade e depressão. Apesar dessa comum distinção, apresenta relato de caso onde ansiedade severa vem de evento social arrasador (Murray et al., 2010).

Living in the soap bubble: The infertile couple and the standstill of the transcendent function in the treatment of an adolescent girl (Bovensiepen, 2010)

Com a falta de desenvolvimento de espaço interno, juntamente com a falta de coesão interna por conta da ansiedade de fragmentação, tenta-se controlar a ansiedade através de comportamentos obsessivos e identificações adesivas. Essas defesas tentam evitar dor de separação precoce de objeto bom, ao qual se é dependente por internalização insuficiente (Bovensiepen, 2010).

Snake mother imagery in generalised anxiety disorder (Khodarahimi, 2010)

Estudo de caso clínico junguiano, de paciente com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) que apresenta ansiedade, chateação, vergonha, depressão, obsessão, dúvidas, hipervigilância, desconfiança, choros, conduta evasiva, medo de figuras de autoridade, conduta possessiva, déficit social, sensação de morte, perda de peso, pânico transitório, sintomas depressivos, busca por lugares escuros, perda de apetite, dores de estômago, vômitos recorrentes e irritabilidade gastrointestinal, além de indícios de personalidade dependente (Khodarahimi, 2010, pp. 165–168).

Através da interpretação simbólica na terapia junguiana, foi promovido diálogo com o inconsciente, desenvolvimento e individuação. Após buscar conexões pessoais, culturais e arquetípicas, foram criadas associações e sentidos. Surge como imagem a “mãe cobra” que dava origem à essa ansiedade, operando como um Animus alternativo, que cuida ao mesmo

tempo que traz ansiedade, culpa, sedução, obscuridade, trauma, dor e insegurança (Khodarahimi, 2010, pp. 169–170).

Primal negation as a primitive agony: Reflections on the absence of a place-for-becoming (Dowd, 2012)

Nesse texto, discute-se que a questão fundamental ao *borderline* e histérico não é quem se é, mas onde se está ou onde se pode estar. A ansiedade de deslocamento primal seria uma forma de agonia mental primal, com origem em necessidades primais não satisfeitas, como abandono dos pais, que dão origem à sensação de não possuir lugar para ser ou estar. As imagens boa e má maternas ficam desvinculadas para evitar ansiedade (Dowd, 2012, pp. 3–6).

Na relação transferencial, aparece uma tensão entre partes psicóticas e não psicóticas, o terapeuta é colocado em posição titânica, e há disputa de espaço por parte do paciente que por vezes não sente caber no seu espaço analítico, e por outras, empurra o outro para fora, com pouco senso de espaço e tempo. A relação é quebrada por sentir ameaça à vida psíquica (Dowd, 2012, pp. 8–9).

A falha atinge a sensação de uma pele que dá forma no espaço/tempo à alma, protegendo a fronteira da existência, que contra-ataca tudo que ameaça a permanência em um novo espaço, antes preenchido por ausência e vazio. O paciente apresenta uma experiência paradoxal entre o tudo (tensão transferencial, enrijecimento espaço/tempo) e o nada (vazio, afastamento e imaginação), podendo trazer ao analista o que Freud chamou de ansiedade misteriosa, tanto familiar quanto desconhecida, tanto dentro quanto fora (Dowd, 2012, pp. 10–12).

Split shadows: Myths of a lost father and son (Patti, 2012)

Através de um relato pessoal, o autor relata que a morte de seu pai o colocou em uma iniciação à maturidade, que inclui ansiedade persistente. Antes de dormir, no limiar entre o consciente e o inconsciente, surge no autor “o medo”, uma inundação de diversas ansiedades, tanto cotidianas quanto de incapacidade frente à mudança e ao próprio medo (Patti, 2012, p. 153).

Para lidar com essa ansiedade, resolveu retomar a imagem do pai e sua capacidade heroica, porém isso evoca o contraponto trickster. Embora a imagem do pai não tenha conexão consciente às ansiedades, sente-se uma conexão inconsciente. Escrever sobre o pai traz ao autor sentimentos de força, fraqueza e amor do pai, possibilitando ouvir seu medo. Embora prefira contar da parte heroica do pai, o lado trickster está tão presente, escondido em todas as ambiguidades e ansiedades (Patti, 2012, pp. 154–158).

Ao aceitar a polaridade, não moralmente pelo cristianismo ou orientalismo, torna-se mais completo, ao englobar o lado trickster de malandro, com sombras, criatividade, humor,

intimidade, medo e ansiedade. A perda do pai foi uma ruptura que lançou o autor ao lado culturalmente renegado das virtudes, mesmo com todas ansiedades e sofrimentos inerentes. Isso o preparou para assumir responsabilidades que geravam medo e ansiedade, mas o reconhecimento disso faz parte de sua individuação (Patti, 2012, p. 159).

Late relapse of childhood separation anxiety, its development and psychosomatic archetypal transformation (Balaštík, 2013)

A ansiedade infantil tem papel na origem de algumas neuroses e psicossomáticas adultas. A ansiedade de separação na infância, caso não tratada, pode permanecer assintomática por anos, sendo ativada por condições externas e da personalidade na fase adulta. A análise de desenhos e sonhos pode trazer material diagnóstico, devendo levar em consideração a abordagem causalista bem como a finalista (Balaštík, 2013).

An Archetypal Mental Coding Process (R. Langs, 2014)

A linguagem passa por um processo de codificação, através de processo geneticamente determinado, que se adapta aos traumas de ameaça à sobrevivência. Esse processo é impulsionado pela ansiedade de morte evocadas, que desencadeiam consciência da mortalidade humana ou a negação desse fim inevitável. Essa ansiedade está ligada à fenômenos biológicos e mentais de adaptação e exploração do mundo físico (R. Langs, 2014).

Marcas traumáticas passam pelo seguinte processo de codificação: tradução de ruídos externos em significação interna; avaliação da ideia internalizada segundo impacto de ansiedade sobre afetos, pensamentos e comportamentos; produção de consciência sobre morte e adaptação sob determinado grau de ameaça imediata segundo ansiedade gerada dentro de faixa suficiente porém suportável de ansiedade, ou de material inconsciente quando fora dessa faixa; ambos geram pensamentos, sentimentos e ações (R. Langs, 2014).

Podem ser desencadeadores dessa ameaça sonhos, lembranças suscitadas pelo terapeuta, o vínculo e contrato terapêutico, podendo se manifestar inconscientemente (R. Langs, 2014).

On the capacity to suffer one's self (Mizen, 2014)

O aspecto da *participation mystique* de Jung, bem como os processos identificatórios de Klein, remetem à capacidade de nos perdermos e nos encontrarmos na relação com o outro. As primeiras experiências com cuidadores são essenciais na formação de um Si-mesmo corporificado, porém dificuldades na formação de uma pele psíquica deixam o indivíduo vulnerável a ansiedades, despertando uma personalidade adesiva como defesa (Mizen, 2014, p. 315).

Para Klein, identificação projetiva é um mecanismo de defesa que tenta evitar uma ansiedade insuportável. Bion diferenciou a identificação projetiva normal da excessiva. A

ênfase da psicanálise na ansiedade pode refletir a preocupação com emoções decorrentes do excesso, como pela dificuldade de conceituar, representar mentalmente ou gerenciar emoções. Bick diz que com falhas no desenvolvimento da pele psíquica, não ocorreria a identificação projetiva, necessária para identificação projetiva, e para a criação do espaço interno e externo que contêm sentimentos e sensações. Juntamente com Meltzer, desenvolvem o conceito de identificação adesiva, como uma segunda pele que defende contra ansiedades na falha da pele primária, acompanhando um senso de Si-mesmo abstrato e recortado, que carece de imediatismo afetivo, ou como opressor e com pouca diferenciação (Mizen, 2014, p. 315).

Com falhas na separação do mundo interno do mundo externo, falha o sentido de si e do outro. A identificação projetiva evacuatória é um mecanismo para o Eu se proteger da ansiedade de aniquilação. As defesas podem tentar também invocar uma pele secundária como uma pele rígida, na forma de atividade corporal, papéis sociais ou ideias. Surge uma falsa maturidade, acompanhada ainda dos sentimentos infantis e de alienação sobre sentimentos, ideias, ou estados corporais. Aparecem ligados a isso a ansiedade neurótica de castração, ansiedade psicótica de aniquilação, ou pavor (Mizen, 2014, pp. 314–317).

O movimento do paciente deixar a análise pode ser um exercício da experiência de suportar a perda, ou a negação da importância do analista ou da análise. O terapeuta precisa suportar a confusão e incerteza. Ao mesmo tempo que avalia seu paciente, deve avaliar suas próprias emoções contratransferenciais, tendo como aliado o tempo, muitas vezes restrito ao período da sessão. Há abordagens que pretendem mudar e aliviar a ansiedade pela contenção, pelo aumento de informações sobre ela, e outras que pretendem mudar o próprio paciente pela diferenciação de suas emoções. Um exemplo é quando um paciente fica com raiva e ansiedade pelo terapeuta cobrar uma sessão que o paciente faltou, manifestação essa de ativação da pele protetora pela dependência e impotência, explicações lógicas fomentam a pele a fim de conter as emoções e estresse, sendo útil por limitações de disponibilidade, mas não trabalha a estrutura psíquica que se mantém cindida, reforçando identificações adesivas e piorando ansiedades ao sofrer hostilidades inconscientes. Essas características adesivas aparecem em espectro, ficando poucas pessoas livres, mesmo analistas. A suposta onipotência do saber pelo analista é uma defesa contra sentir-se oprimido pelo próprio Eu (Mizen, 2014, pp. 317–330).

Anxiety in the process of individuation. an in-depth psychological study (Nelson, 2015)

O texto mais extenso encontrado em nosso levantamento trata-se de uma dissertação de doutorado, com objetivo de analisar a ansiedade pessoal e coletiva no processo de individuação na terapia da psicologia profunda, pela abordagem hermenêutica, holística,

arquetípica e alquímica. A ansiedade estaria sendo mal interpretada como patológica, porém se não tratada como sintoma fisiológico comportamental, possui potencial de transformação autoconsciente. O Si-mesmo emerge para orientar o Eu, sendo a ansiedade um mensageiro hermético à consciência sobre quebra de limitações internas, fazendo avançar a individuação, sendo essencial à condição humana (Nelson, 2015, pp. 3–4).

Ansiedade é uma indicação positiva do processo de individuação, sendo: dado existencial que acompanha o crescimento pessoal; componente integral da individuação; força arquetípica que comunica mudança; força mercurial que catalisa a autotransformação. A revisão filosófica existencial de que ansiedade é uma dinâmica ontológica psíquica que revela resistência à temporalidade da nossa existência, bem como de atualizar o potencial da nossa identidade autêntica. Nossa angústia existencial é correlata à liberdade de escolha e criação de uma vida pessoal significativa, e embora não apareça de forma explícita, alimenta conflitos de ambiguidade (Nelson, 2015, p. 268).

O desconhecido dissolve estruturas antigas antiquadas, pela necessidade de mudança gera ameaça e medo de perder segurança, uma morte da identidade, mas o medo fecha possibilidades de uma vida mais autêntica. Pacientes buscam terapia pois não se sentem bem dentro de si e de sua vida. Parte dentro deles busca mudança e outra é resistente, uma vê como crise e outra como oportunidade. Ansiedade possui a capacidade do arquétipo de Hermes, é a mensageira da cura pelo sofrimento, da necessidade de mudança para uma vida completa e significativa, que transcende a razão do Eu neurótico e resistente em direção à orientação transcendente do Si-mesmo, que guia para a oportunidade de realizar o destino inato. O crescimento é a atividade objetiva da psique, guiando a consciência pela voz interior, conectando consciente e inconsciente (Nelson, 2015, pp. 269–271).

Hermes oferece a compensação e o equilíbrio, acende o desejo ansioso pela individuação, nos conscientiza de nossos limites. A ansiedade inicialmente vivida como debilitadora, fisicamente e emocionalmente negativa, compara nosso caminho com nossos verdadeiros desejos. Para Hillman, a sociedade contemporânea desencoraja compreendermos nossa patologia, trata como sintoma sem ver como impulsos de restauração do equilíbrio. Na alquimia, o pensamento mercurial é a inteligência inconsciente intencional de mediação entre consciente e inconsciente que catalisa a autotransformação (Nelson, 2015, pp. 272–273).

A compreensão de variadas disciplinas da experiência humana ajuda a compreender: como lidar com preocupações imediatas (modelos cognitivo e comportamental); a construção da própria identidade (desenvolvimentista); a criação de sentido pela experiência da condição humana (existencialismo e humanismo); como viver por valores transpessoais e fundamentais (junguianos e transpessoais). Na integração, a ansiedade deve ser vista como um movimento

de dentro da psique em direção à realização de nossos potenciais, tanto espiritual quanto material. Uma psicoterapia profunda deve encorajar uma abordagem integrativa: existencial, arquetípica e alquímica (Nelson, 2015, pp. 273–274).

Awakening the love within: A boy's sandplay process (Beavers, 2015)

Com acesso apenas ao resumo, o texto informa estudar caso de tratamento de criança com ansiedade pela técnica da Caixa de Areia. A criança teria sofrido negligência familiar, e a técnica ajuda a relação com o materno, a constelação do Si-memso, emergência de um Eu saudável e retorno à vida comum. Aliança terapêutica possibilita regressão para fases do desenvolvimento a serem trabalhadas (Beavers, 2015).

The latency complex: the dead hand of anti-development (Proner, 2017)

Na fase de latência, o desenvolvimento normal prevê que a ansiedade objetiva dê lugar à ansiedade do Super-eu, e os instintos tornam-se sexuais. O texto em questão relata casos de pacientes que fantasias de aniquilação originais da primeira infância, que parecem ameaçar a própria existência, geram ansiedade severa que impede o desenvolvimento do Eu. Geralmente são pacientes com tendências narcisistas, desconfiança e sentimento de abandono, além de dificuldade em simbolizar sua ansiedade. Expressam rapidez na formação de transferência pela necessidade de objetos para internalizar, mas sempre parecem não estar realmente presentes (Proner, 2017).

Podem ter dificuldade de reconhecer si-mesmo e seus próprios conteúdos. Com o abandono dos pais, podem procurar compensar em uma busca social, porém com sensação de relações falsas, defendendo-se contra vínculos emocionais. Sentem-se ansiosos frente qualquer mudança, crianças no corpo de adultos (Proner, 2017).

Psychological implications of a vision disorder (Weber, 2017)

O estrabismo pode criar ao bebê uma imagem materna duplicada, com a presença de um vulto de personalidade independente. A perda de contato visual também pode trazer dificuldade para a mãe conter as ansiedades do filho. O olhar serve como uma pele de contenção, diferenciando o eu do outro. Se a mãe não superar essas dificuldades, pode ativar no filho um complexo fusional de defesa contra ansiedades de separação ou psicótica, fragmentação e descontinuidade, gerando incapacidade de conexão com o outro e com o próprio corpo, dificuldade de separação, com sentimento de queda, e desconexão visual (Weber, 2017).

Existential Therapy and Jungian Analysis: Toward an Existential Depth Psychology (Diamond, 2018)

O autor defende que apesar de possuírem diferenças e semelhanças, a Psicologia Analítica e a Existencial precisam abandonar o preconceito e contribuir mutuamente em prol

do conhecimento, equilíbrio, eficiência e relevância, em uma psicologia profunda existencial. Sob influência fenomenológica, Jung abandonou o materialismo médico e o dogmatismo freudiano, além de utilizar fundamentos existencialistas em sua teoria. Apesar disso, os autores de ambas pouco dialogam, e essa união opera como função transcendente de opostos (Diamond, 2018, pp. 1–3).

O sofrimento é inevitável, porém pode ser natural ou excessivo. Existencialistas destacam o sofrimento pela ansiedade geral e pela ansiedade de morte. A angústia de ansiedade é inevitável à liberdade. A ansiedade é central nas patologias, mas possui potencial tanto negativo quanto positivo, sendo nosso melhor professor. “Quem aprendeu estar ansioso da maneira certa aprendeu o que há de melhor” (Diamond, 2018, p. 14).

Jung entende que a ansiedade nos sonhos vem como compensação da negação da consciência sobre o sofrimento existencial inevitável. O sintoma não deve ser excluído, mas devemos entender sua mensagem e agradecer por ela. Não curamos a doença, ela nos cura. Converte ao existencialismo na potencialidade que o sintoma tem de nos ensinar sobre um conflito interno (Diamond, 2018, p. 15).

A principal fonte de ansiedade existencial é a crise existencial, potente transformadora e perigosa, mudanças que ameaçam a segurança, autoestima ou identidade, sejam naturais e previstas como imprevistos. Jung viveu essa crise ao romper com a psicanálise, em meio a tensão, turbulências emocionais, fantasias e sonhos, transformou-se psicologicamente. Somos seres que sabemos mas negamos a morte e seu mistério, assim como alguns de nossos fazeres e algumas psicoterapias convergem à negação (Diamond, 2018, p. 16).

A ideia da morte é aceita desde que distante, porém quando rompidas as defesas, gera ansiedade da morte. Embora existencialistas e Jung reconheçam que a morte gera ansiedade, sua negação traz psicopatologia, defendendo a aceitação consciente sobre a morte e sua forma incerta, suportando ansiedades e culpas, trazendo vida mais plena, autêntica e com mais significado. O niilismo como consciência do fracasso não deve ser o objetivo de uma terapia existencial, mas seu ponto de partida. Isso deve ocorrer não apenas com a ansiedade neurótica (psique resolvendo conflitos entre consciente e inconsciente) mas também com a ansiedade existencial sobre a morte concreta. A morte é importante na abordagem junguiana, seja na mitologia arquetípica, alquimia, ou pelo egocídio (Diamond, 2018, pp. 17–21).

Já a ansiedade existencial é uma forma de ansiedade de morte, acompanhada de sentimento obsessivo de culpa existencial pelas possibilidades não realizadas. Somos condenados a sermos livres, responsáveis pelas ações e decisões, acompanhando ansiedade e culpa. Já no destino, não somos responsáveis por ele, mas pela forma como respondemos e

seguimos a ele. Nem destino nem liberdade são absolutos, sendo a ansiedade vertigem de liberdade (Diamond, 2018, pp. 17–20).

Jung reconheceu que em algum grau, ele e seus pacientes sofriam de inautenticidade, ansiedade e depressão. O si-mesmo é sempre uma derrota para o Eu, acompanhado geralmente de ansiedade, mas pode promover transcendência do si-mesmo. A individuação é um processo de autenticidade, tornar-se único (Diamond, 2018, pp. 22–23).

A psicopatologia existencial profunda entende que a repressão do daimon e do aspecto criativo, tanto no conflito de opostos quanto em questões existenciais, geram patologias. Não foca no diagnóstico, mas na expressão da crise (Diamond, 2018, pp. 30–31).

5.4 DISCUSSÃO

Em relação à presença de discussões sobre mitos, embora haja a citação da questão mitológica (Diamond, 2018, pp. 17–21; Goorden, 1998), a citação de mitos específicos como relacionados à ansiedade não apareceu, diferentemente das revisões que não propunham um aprofundamento na discussão da ansiedade, onde por vezes enchiam de nomes de mitos sem explicar qualquer relação com o fenômeno (Artigos 1 e 2). Isso pode indicar que autores junguianos utilizem mitologias em uma tentativa de demonstrar um falso aprofundamento e consistência teórica, que pouco acrescenta à discussão.

Alguns autores alertam sobre o equívoco ao tratar a ansiedade como algo meramente negativo (Bütz, 1992; Nelson, 2015). Dos textos analisados, alguns não deixam claro um posicionamento acerca da funcionalidade da ansiedade (Beavers, 2015; Giglio, 1994), enquanto os demais, podem ser classificados em três grupos.

O primeiro entende a ansiedade de forma especialmente causalista. Compreende que houve falha no exercício da função materna, falhando assim o desenvolvimento da pele psíquica que contém, dá forma à identidade, e separa o mundo interno do mundo externo. A ansiedade aqui surge como o medo de deixar de ser, e que pela pele não dar conta de conter a ansiedade, ela vasa e bloqueia o desenvolvimento do Eu. Sendo assim a ansiedade é a causa primal, que se manifesta como sintoma da incapacidade de contenção da pele, bloqueando o Eu e devendo ser eliminada. A ansiedade é um impeditivo sem utilidade explícita, sendo causa e sintoma. Com origem sempre primal, ela pode se manifestar repetitivamente até a vida adulta (Byington, 2005; Khodarahimi, 2010; Mizen, 2014; Murray et al., 2010; Patti, 2012; Proner, 2017; Weber, 2017; Zimmermann, 1997). Aqui também incluímos o texto de Goorden(1998), que embora seu posicionamento não seja claro, apresenta as ideias de Drewermann, que aqui podem ser encaixadas.

O segundo grupo também considera o aspecto causalista da ansiedade, e que se manifesta como sintoma da falha do desenvolvimento da pele psíquica que ameaça a

existência do ser. Essa falha também tem origem no exercício inadequado ou insuficiente da função dos pais. Porém leva em consideração juntamente o aspecto finalista, onde a ansiedade não é a causa que deve ser eliminada, mas que surge como consequência, um sentimento inevitável e necessário para a ativação de defesas funcionais à proteção psíquica. Também por conta de falhas primais, seu funcionamento repete-se até a vida adulta (Balaščík, 2013; Bovensiepen, 2010; Jullien-Palletier, 1998; Kalsched, 2003). O texto de Dowd (2012) também entra aqui, onde a ansiedade não é um sentimento inerente à ameaça de existência do ser, mas da sua capacidade de um sentido espaciotemporal.

O terceiro, entende a ansiedade também como inevitável, por ser uma característica arquetípica inata, mas não considera o conceito de pele psíquica. Aqui, o foco é a finalidade da ansiedade, pois ela faz parte do processo de simbolização humano, sendo o caminho para a individuação, e da realização das potencialidades autênticas inatas no Si-mesmo. Por ser inerente ao processo de desenvolvimento humano, tem origem durante toda a vida, por conflitos diversos (Bütz, 1992; Diamond, 2018; R. Langs, 2014; Nelson, 2015).

Em uma primeira divisão, Samuels (1989, p. 33) separa o campo junguiano em Escola Arquetípica, Clássica e Desenvolvimentista. Na primeira, a preferência teórica é pelo arquétipo mais que pelo Si-mesmo, e esse mais que pelo desenvolvimento da personalidade, enquanto a prática clínica se dá pelas imagens diferenciadas, mais que pela experiência simbólica do Si-mesmo, e essa mais que pela análise da relação transferencial. Já a Escola Clássica, dá mais importância teórica ao Si-mesmo que ao arquétipo, e em último lugar ao desenvolvimento da personalidade, enquanto na prática clínica prioriza a experiência simbólica do Si-mesmo. Por sua vez, a Escola Desenvolvimentista foca teoricamente no desenvolvimento da personalidade, mais que no Si-mesmo, e esse mais que no arquétipo, enquanto na clínica a análise da relação transferencial é sua principal ferramenta. Em uma nova categorização, Samuels (2005, p. 20) une a Escola Arquetípica da Escola Clássica, e torna as categorias em espectro de aproximação da psicanálise, que vai das escolas Psicanalítica, passando gradualmente à Desenvolvimentista, Clássica e por último Fundamentalista, conforme se afasta dos conceitos freudianos.

Com base nessas categorizações, chamarei os grupos destacados acima respectivamente de Psicanalista, Desenvolvimentista e Arquetípico (ou Clássico). À parte dos grupos, deixei o texto de Kuiken (1996), pois relata da ansiedade especificamente no contexto dos sonhos, sendo menos comum em pessoas que sofreram alienação ou agressão. Isso pode se contrapor ao que os autores dos dois primeiros grupos defendem como origem da ansiedade, mas também pode ser explicado se usarmos a compreensão do sonho como função compensatória (Jung, 1995a, paras. 17, 462–473; Mathers, 2001, pp. 135–136). Nesse caso,

pelo exato motivo da falta de ansiedade na vida desperta, essa se manifesta nos sonhos. Essa visão ainda pode ser questionada, pois a imagem do sonho é como deveria ser para a psique, não sendo mero reflexo oposto à vida consciente, e a compensação é uma visão comum ao analista que não consegue sustentar a ambiguidade do fenômeno natural (Berry, 2014, p. 106; Hillman, 2013, p. 187).

A diferença entre a compreensão da ansiedade por esses grupos também pode se dar por análise de diferentes tipos de ansiedades. O Artigo 2 cita alguns desses tipos, discutidos nesse parágrafo. Dentre eles, a Ansiedade Infantil, como aquela com origem no início do desenvolvimento, a Psicótica como aquela que bloqueia o desenvolvimento do Si-mesmo, e a Endêmica e Cultural pela projeção do mal, podem ser associadas ao Grupo Psicanalista e Desenvolvimentista. A Ansiedade Existencial como originária da condição de finitude, ou por condições de conflito entre o exercício de papéis sociais com um movimento autônomo como na Cultural, de Gênero e Materna, se aproximam do Grupo Arquetípico. O interesse especial da Escola Desenvolvimentista na relação transferencial (Samuels, 1989, p. 33) aparece em dois textos do Grupo Psicanalista (Mizen, 2014; Proner, 2017) e em um do Grupo Desenvolvimentista (Dowd, 2012) podem indicar maior interesse pela Ansiedade Contratransferencial, presente no analista dentro da relação transferencial. A Ansiedade Onírica, converge à interpretação da função compensatória do sonho sobre o artigo de Kuiken (1996).

Além da relação transferencial e sua análise como ferramenta de trabalho do analista (Dowd, 2012; Mizen, 2014; Proner, 2017), a técnica da Caixa de Areia também destacou-se como técnica mencionada para o trabalho analítico com ansiedades, independente do Grupo (Beavers, 2015; Bütz, 1992; Zimmermann, 1997).

Ao falar da importância em tratar o tema da morte, Daimond defende que “ele ou ela que não pode abraçar a finitude e a morte não pode apreciar totalmente e abraçar a vida em sua totalidade” (2018, p. 17 tradução livre). Essa ideia converge às ideias que o próprio autor cita de Jung, onde “A alegria nas menores coisas vem a ti quando tiveres aceito a morte”(Jung, 2010, p. 237), e ao que Hillman, fundador da Psicologia Arquetípica, diz ao falar que “Ninguém realmente pode dizer que se defrontou com a vida se não estiver disposto a se atracar com a morte”(Hillman, 2011b, p. 23). O reconhecimento da morte torna-se fundamental ao desenvolvimento do processo autêntico de simbolização.

Sendo a individuação um processo de ruptura e transcendência do Eu atual, é esperado que seja sentido como uma morte. O processo de simbolização pelo ciclo transcendente, passa pelas seguintes fases: Surgimento do Caos → Luta contra ou preparação ao Caos → Aceitação do Caos → Morte psíquica → Transcendência psíquica → Estado de ordem →

Stress → Energia instintiva indomada → Tensão → Ansiedade → Origem simbólica → Expressão simbólica (Bütz, 1992, pp. 837–841). Essa descrição se assemelha ao processo de dois ciclos de luto em direção ao externo, sendo as fases do luto: entorpecimento → anseio e protesto → desorganização e desespero → recuperação e restituição (Bowlby, 1990; Bromberg, 2000, pp. 36–40). Em uma visão arquetípica, o Eu precisa matar suas estruturas para transcender seu estado atual à um novo (Bütz, 1992; Nelson, 2015).

A individuação é também um processo criativo caótico, ambíguo e irregular, mas facilitados quando há busca ativa consciente (Bütz, 1992, pp. 831–835). Essa autonomia da criatividade foi pessoalmente experienciada como manifestação da alma por Jung (Jung, 2010, p. 19). Assim como um trabalho possui sua própria vontade e independência naquilo que demanda do pesquisador, fazendo-o passar por uma morte e processo de luto sobre aquilo que idealizava sobre o direcionamento do trabalho para realizar o destino autêntico da pesquisa (Romanyshyn, 2013), a individuação como uma pesquisa ativa sobre Si-mesmo deve ser um processo investigativo, seguindo os pressupostos de explorar sem interromper o fluxo natural da energia psíquica (Jung, 1997, paras. 391–406; Jung & Wilhelm, 2013, pp. 32–35; Kast, 1997, pp. 31–39).

Por isso a psicologia analítica dá ênfase às aberrações bíblicas (Goorden, 1998), bem como Samuels coloca a importância de “imagens diferenciadas” na Escola Arquetípica (Samuels, 1989, p. 33). Embora todas as partes de uma imagem tenham igual valor à psique (Berry, 2014, pp. 77–78), quando há manifestação que falha à lógica consciente indica um hiato racional, uma manifestação espontaneamente inconsciente (Hillman, 2018, pp. 101–102).

Sobre a distinção entre conceito, que em uma tentativa de padronização e entendimento nos afasta do fenômeno, e imagem, que visa a relação e aprofundamento na compreensão ao nos aproximar do fenômeno (Hillman, 2018, pp. 74–75, 110), carrega por vezes uma função conceitual, em especial quando o entendimento psicodinâmico da ansiedade é generalizado para uma explicação que se encerre por si, presente mais fortemente em um movimento causalista. Apesar disso, por tratarem de uma proposta de aprofundamento da discussão do fenômeno, e correlação dele com suas causalidades e finalidades, possuem um potencial imaginal ainda maior, trazendo possibilidades de compreensão, abrindo e permitindo o aprofundamento mais que fechando a questão, em especial nas leituras mais finalistas.

5.5 CONCLUSÃO

Há três grandes formas de analisar a ansiedade dentro da perspectiva junguiana. Uma chamada aqui de Grupo Psicanalista, tem foco principalmente causalista, onde a falha do

exercício parental, que não suficientemente bom e capaz de conter o bebê até sua separação psíquica, cria um ambiente propício para que a ansiedade barre o desenvolvimento egoico, desenvolvendo-se uma personalidade adesiva.

O segundo, chamado aqui de Grupo Desenvolvimentista, também compreende que essa falha cria espaço para o surgimento da ansiedade, porém ela não é o problema em si, mas sentimento necessário para a ativação de defesas psíquicas, que tentam suprir as falhas dessa pele psíquica primal. Sendo assim, além do aspecto causalista, também possui uma visão finalista.

O terceiro, chamado de Grupo Arquetípico, considera que a ansiedade é um aspecto inerente à condição humana, arcaico e típico, livre perante diversas escolhas, destinada à finitude, e potente de significações durante sua vida. A ansiedade deve ser aceita, podendo servir como meio para o processo de individuação, de realizar suas potencialidades inatas autênticas de ser quem se é.

Nos sonhos a ansiedade pode ser entendida como compensatória ou manifestação naturalmente primária.

Podemos dizer que embora as visões causalista ou finalista tendam à uma perspectiva respectivamente mais conceitual ou imaginal, ambas carregam o potencial de leitura como conceito ou imagem. Cabe a nós leitores termos consciência de qual visão estamos valorizando em nossas leituras.

5.6 REFERÊNCIAS

- Balaščík, D. (2013). Late relapse of childhood separation anxiety, its development and psychosomatic archetypal transformation . *Ceska a Slovenska Psychiatrie*, 109(4), 191–195. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84883617226&partnerID=40&md5=ace5ced9c14553113f3036adbf4e5441>
- Beavers, K. (2015). Awakening the love within: A boy's sandplay process. In *Journal of Sandplay Therapy* (Vol. 24, Issue 2, pp. 45–65). Sandplay Therapists of America.
- Berry, P. (2014). *O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*. Vozes.
- Bitter, W. (1948). Die Angstneurose; Entstehung und Heilung. [Anxiety neurosis; origin and cure.]. *Beiheft Zur Schweizerischen Zeitschrift Fur Psychologie Und Ihre Anwendungen*, 16, 191.
- Bovensiepen, G. (2010). Living in the soap bubble: The infertile couple and the standstill of the transcendent function in the treatment of an adolescent girl. *Journal of Analytical Psychology*, 55(2), 189–203. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2010.01836_2.x
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda. A natureza do vínculo*. Martins Fontes.
- Bromberg, M. H. P. F. (2000). *A psicoterapia em situações de perda e luto*. Livro Pleno.
- Bütz, M. R. (1992). Chaos, an Omen of Transcendence in the Psychotherapeutic Process. *Psychological Reports*, 71(3), 827–843. <https://doi.org/10.2466/pr0.1992.71.3.827>
- Byington, C. A. B. (2005). Freud e Jung: o que a emoção não deixou reunir. Um estudo da psicologia simbólica junguiana / Freud and Jung: a reunion hindered by emotion. A study of Jungian symbolic psychology. *Junguiana*, 23, 29–38. http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/freud_e_jung_o_que_a_emocao_nao_deixou_reunir.pdf
- Diamond, S. A. (2018). Existential Therapy and Jungian Analysis: Toward an Existential Depth Psychology. In *Journal of Humanistic Psychology*. SAGE Publications Inc. <https://doi.org/10.1177/0022167818809915>
- Dowd, A. (2012). Primal negation as a primitive agony: Reflections on the absence of a place-for-becoming. *Journal of Analytical Psychology*, 57(1), 3–20. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01948.x>
- Giglio, J. S. (1994). Psicoterapia na ansiedade - abordagem junguiana. *Inf. Psiquiatr*, 53–55. <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-1534#.XNCHo36oWeE.mendeley>
- Goorden, C. (1998). The aporetic character of drewermann's therapeutic theology . *Bijdragen*, 59(3), 267–290. <https://doi.org/10.1080/00062278.1998.10739704>

- Hillman, J. (2011). *Suicídio e alma* (4ª). Vozes.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Vozes.
- Hillman, J. (2018). *Uma investigação sobre a imagem*. Vozes.
- Jullien-Palletier, V. (1998). Phobia, the ultimate creation. In *Cahiers Jungiens de Psychanalyse* (Vol. 93, pp. 69–80). Cahiers Jungiens de Psychanalyse.
- Jung, C. G. (1995). *A Dinâmica do Inconsciente. OC VIII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1997). *A vida simbólica I. OC XVIII/I*. Vozes.
- Jung, C. G. (2010). *O Livro Vermelho: Liber Novus*.
- Jung, C. G., & Wilhelm, R. (2013). *Segredo da flor de ouro: Um livro de vida chinês* (15th ed.). Vozes.
- Kalsched, D. E. (2003). Daimonic elements in early trauma. *The Journal of Analytical Psychology*, 48(2), 145–169; discussion 191-9, 201–205.
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12733232>
- Kast, V. (1997). *A Imaginação Como Espaço da Liberdade. Diálogos Entre o Ego e o Inconsciente*. Loyola.
- Khodarahimi, S. (2010). Snake mother imagery in generalised anxiety disorder. In *International Forum of Psychoanalysis* (Vol. 19, Issue 3, pp. 165–171). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1080/08037060903524407>
- Kuiken, D., & Nielsen, T. (1996). Individual differences in orienting activity mediate feeling realization in dreams: I. Evidence from retrospective reports of movement inhibition. In *Dreaming* (Vol. 6, Issue 3, pp. 201–217). Human Sciences Press, Inc.
<https://doi.org/10.1037/h0094455>
- Langs, R. (2014). An Archetypal Mental Coding Process. *Biosemiotics*, 7(2), 299–307.
<https://doi.org/10.1007/s12304-014-9214-z>
- Mathers, D. (2001). *An introduction to meaning and purpose in analytical psychology*. Brunner-Routledge.
- Mizen, R. (2014). On the capacity to suffer one's self. *The Journal of Analytical Psychology*, 59(3), 314–332. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12080>
- Murray, S. A., Kendall, M., Boyd, K., Grant, L., Highet, G., & Sheikh, A. (2010). Archetypal trajectories of social, psychological, and spiritual wellbeing and distress in family care givers of patients with lung cancer: secondary analysis of serial qualitative interviews. *BMJ (Clinical Research Ed.)*, 340, c2581. <https://doi.org/10.1136/bmj.c2581>
- Nelson, A. F. (2015). *Anxiety in the process of individuation. an in-depth psychological study*. (Vol. 75, Issues 7-B(E)). ProQuest Information & Learning.
<https://pqdtopen.proquest.com/pubnum/3615868.html?FMT=AI>

- Patti, C. J. (2012). Split shadows: Myths of a lost father and son. *Qualitative Inquiry*, 18(2), 153–161. <https://doi.org/10.1177/1077800411429091>
- Proner, B. D. (2017). The latency complex: the dead hand of anti-development. *Journal of Analytical Psychology*, 62(4), 567–584. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12337>
- Romanyshyn, R. D. (2013). *The Wounded Researcher: Research with Soul in Mind*. Spring Journal.
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos* (Imago (ed.)). Imago.
- Samuels, A. (2005). Will the post-Jungians survive? In R. & F. Group (Ed.), *Post-Jungians Today: Key papers in contemporary analytical psychology*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- The PRISMA Group. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335–342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Weber, B. E. (2017). Psychological implications of a vision disorder. *Journal of Analytical Psychology*, 62(2), 205–226. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12305>
- Zimmermann, E. B. (1997). *Dança meditativa e caixa de areia associadas á análise verbal como técnica facilitadora de integração de processos simbólicos / Meditative dance and sand box associated with the verbal analysis as a facilitating technique of symbolic process integration*. [Universidade Estadual de Campinas].
http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/309885/1/Zimmermann_ElisabethBauch_D.pdf

6 PAN-THANATOS ADENTRO: ANSIEDADE REIMAGINADA POR UMA METANÁLISE JUNGUIANA APROFUNDADA

Renan Marques Franklin⁵

Carlos Augusto Serbena⁶

Resumo

Esse artigo propõe uma revisão junguiana da ansiedade a partir das obras de Fordham, Neumann, Jung, von Franz, Hillman, Lopez-Pedraza, Kast e Kalsched. Esse levantamento permitiu uma análise, e posterior reimaginação sobre o tema proposto. O Dilema Humano do existencialismo é colocado de pano de fundo para a percepção da tensão entre ser objeto e sujeito da própria vida, e entre uma vivência única ou plurificada, para percepção dessas posições nas teorias. Também são discutidas diferenças das percepções entre uma visão Psicanalista causalista, Desenvolvimentista causalista e finalista, e Arquetípica finalista, onde a ansiedade é tanto fruto de falhas da função materna que causam rupturas na pele psíquica que contém a identidade e intermediam com o meio, quanto o caminho para a individuação. A vivência mitológica politeísta da ansiedade, os padrões da Teoria do Apego e revisões anteriores sobre a ansiedade foram correlacionados aos resultados. Em seu decorrer, o artigo traz diferentes leituras sobre as diferentes experiências de ansiedade, embora menos plurais que a multiplicidade imaginal prática. Nela, Pã, Tânatos e tantos outros arquétipos deixam sua tonalidade em um convite ao aprofundamento da alma.

Palavras-chave: Ansiedade. Junguiano. Metanálise. Psicologia Analítica. Revisão.

Abstract

⁵ Psicólogo mestrando em Psicologia Clínica com ênfase em Psicologia Analítica pela Universidade Federal do Paraná, bolsista da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

⁶ Professor permanente do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Psicologia com ênfase em Psicologia Analítica da Universidade Federal do Paraná

This article proposes a Jungian review of anxiety based on the works of Fordham, Neumann, Jung, von Franz, Hillman, Lopez-Pedraza, Kast and Kalsched. This survey allowed an analysis, and subsequent re-imagining of the proposed theme. The Human Dilemma of existentialism is placed as a background for the perception of the tension between being an object and subject of one's own life, and between a single or plurified experience, for the perception of these positions in the theories. Differences in perceptions between a causalistic Psychoanalyst, causalistic and finalist Developmentalist, and Archetypal finalist are also discussed, where anxiety is both the result of flaws in the maternal function that cause ruptures in the psychic skin that contain identity and mediate with the environment, as well as the path to individuation. The polytheistic mythological experience of anxiety, the patterns of attachment theory and previous reviews of anxiety were correlated with the results. In its course, the article brings different readings about the different experiences of anxiety, although less plural than the practical imaginal multiplicity. In it, Pan, Thanatos and so many other archetypes leave their tonality in an invitation to deepen of the soul.

Keywords: Analytical Psychology. Anxiety. Jungian. Meta-analysis. Revision.

6.1 INTRODUÇÃO

A readaptação e busca por seu próprio caminho, sentido ou individuação, faz parte dos motivos que levam as pessoas ao processo de análise psicológica e à psicoterapia. Os sentimentos ligados a isso nem sempre são sentidos como positivos, sendo queixa de pacientes fenômenos como a ansiedade.

Ao pensarmos na produção sobre esse tema dentro da Psicologia Analítica, podemos iniciar o estudo pelas Obras Completas de Jung, por ser onde a teoria se consolida como tal, e onde o termo “ansiedade” pouco foi utilizado, não tendo uma conceitualização ou diferenciação clara. Isso pode ser notado em seus Índices Gerais (Jung, 1995d), sendo também pontuado por comentadores do trabalho de Jung, como May (1977, pp. 158–160) e Valladão (2017, pp. 40–41). Quando utilizado, aparece como sintomas em casos clínicos, mas

não como categorias patológicas. Apesar disso, o termo é recorrente dentro dos consultórios e discussões teóricas.

Em revisões anteriores sobre publicações acadêmicas, verificamos que autores junguianos utilizam o conceito por vezes sem um aprofundamento no tema, referindo-se tanto enquanto conceito como enquanto imagem, sendo um medo presente na tentativa de evitar ou reduzir qualquer forma de prejuízo (Artigo 1 e 2). Já nos textos que se propõem a aprofundar na discussão psicodinâmica da ansiedade, o campo junguiano pode tratar a ansiedade de forma causalista como reflexo de falhas do desenvolvimento, bem como adaptativo à defesa psíquica por conta dessa falha de desenvolvimento ao considerar a causalidade e finalidade, ou considerar sua finalidade como algo arquetipicamente inerente ao processo criativo de desenvolvimento humano (Artigo 3).

Esse estudo objetiva analisar as características psicodinâmicas vinculadas à ansiedade com base nos livros dos principais autores junguianos, e a partir disso possibilitar uma reimaginação da ansiedade para o campo junguiano.

6.2 METODOLOGIA

A fim de analisar a compreensão dos principais autores Junguianos sobre a ansiedade, foi feita uma revisão de autores que são referência dentro de cada linha do campo junguiano. Posteriormente foi feita uma reimaginação sobre os dados encontrados. Dentro desse campo da produção de Jung e daquilo que se articula com suas ideias, podemos pensar o pensamento junguiano como uma grande área dividida em especificidades chamadas de Escolas.

Pela divisão mais recente de Samuels (2005, p. 20) não possuir autores exemplificados como representantes de cada Escola, foi adotada a divisão em categorias de afinidade de enfoque teórico e prático proposta pelo mesmo autor, com uma listagem de autores que representam a variação dentro das três Escolas por ele divididas entre Desenvolvimentista, Clássica e Arquetípica (1989, pp. 32–38) para uma revisão bibliográfica. Os autores que serão trabalhados seguem essa listagem gradualmente da Escola Desenvolvimentista para a Clássica e seguidamente para a Arquetípica: Fordham; Neumann; Jung & von Franz; Hillman &

Lopez-Pedraza. Todos esses autores supracitados estiveram na listagem de Samuels como representantes de suas escolas. Também foram trabalhados textos de Kast e Kalsched por serem autores conhecidos do campo junguiano e que abordam a temática da ansiedade.

Por último, os dados encontrados foram relacionados a teorias que dialogam com o campo junguiano.

6.3 RESULTADOS

6.3.1 Escola Desenvolvimentista

Michael Fordham

Fordham foi co-editor das Obras Completas de Jung em inglês, co-fundador da Sociedade de Psicologia Analítica de Londres, e co-fundador do Jornal de Psicologia Analítica. Foi o principal nome da escola inglesa, que aproxima o pensamento junguiano do pensamento desenvolvimentista de psicanalistas locais.

Na obra “A criança como indivíduo”, Fordham fala de diferentes tipos de ansiedade, todas como pulsões agressivas e libidinais não integradas, que ativam um reflexo defensivo no desenvolvimento, e por vezes contra o desenvolvimento.

Um Eu maduro pode possuir defesas inconscientes, resultantes de conflitos que originam ansiedades. Defesas que predominam na primeira infância tem origem no Si-mesmo, como a identificação projetiva e introjetiva, e a idealização. Outras surgem com o desenvolvimento egoico, como o isolamento, formação reativa, anulação, racionalização, conversão, repressão, dramatização e deslocamento (Fordham, 2006, pp. 81–83).

No nascimento, há a ansiedade prototípica, trauma onde em geral o Si-mesmo se desintegra e em seguida reintegra pela contenção epidérmica com os pais, que caso não ocorra, pode desenvolver ansiedade como experiência de um caos catastrófico e um terror indescritível (Fordham, 2006, pp. 88–100).

O bebê cria objetos parciais, representações boas ou más, e por vezes o Eu fica ansioso na luta para manter essa separação, que mantém um objeto onipotente e implacável, idealizado ou renegado, que pode não sofrer integração por conta de trauma com os pais

(Fordham, 2006, pp. 108,160-161). A ansiedade de separação desse objeto bom pode gerar agressividade e terrores noturnos (Fordham, 2006, p. 44,171), visto que na visão parcial, tudo aquilo que não é bom é mau, sendo o sujeito jogado na direção desse mau.

Na fase oral, o indivíduo manifesta de forma ansiosa sua voracidade agressiva e libidinal sobre seus efeitos sobre si e a mãe (Fordham, 2006, p. 113). Na fase edipiana, ansiedade de castração e culpa pela masturbação geram à repressão libidinal saudável, que evita conflitos interiores da parcialidade dos objetos. A ansiedade pode vir aos pais também pela criança provocar-lhes sentimentos sexuais (Fordham, 2006, pp. 69,117-127).

A ansiedade infantil pode ser reflexo da ansiedade dos pais, sendo útil o diagnóstico infantil, porém insuficiente fora do contexto familiar ou sem aliança terapêutica (Fordham, 2006, pp. 143–153). Incerteza sobre destino do país ou global podem gerar ansiedade depressiva, e a culpa gerar ansiedade hipocondríaca (Fordham, 2006, pp. 179–182).

Nos sonhos, pessoas ansiosas compensatoriamente mostram-se sensatas, mas manifestam sinais sobre seu desenvolvimento como agressividade, toxidade ou castração (Fordham, 2006, pp. 54–61).

A ansiedade pode ser diminuída por jogos, regressão e identificação (Fordham, 2006, pp. 31–38), pinturas e expressões de desproporcionalidade (2006, p. 80), transferência lúdica, desenvolvimento da independência e negação pela racionalidade (2006, p. 76). Psicoterapia analítica e seu método de análise tentam compreender as estruturas que geram ansiedade a fim de aliviar o sofrimento, ou quando impossível, ao menos compreendê-las (2006, p. 141). Ao suportar a tensão, a ansiedade pode ser um passo para a individuação (Fordham, 2006, p. 179).

Donald Kalsched

Com formação pela Associação de Psicologia Analítica de Nova Iorque, Kalsched participou de diversos institutos de estudos e formação junguianas nos Estados Unidos, tendo escrito livros reconhecidos na área do trauma.

Kalsched disserta sobre o trauma, termo que denomina como dor ou ansiedade maior que as defesas habituais do Eu, ativando defesas primitivas ou dissociativas do Si-mesmo. Isso inclui ansiedades desintegração por medo terrível de ameaça à coerência do Eu ou aniquilamento da personalidade, experiências traumáticas intensas, necessidades insatisfeitas acumuladas, ou privações na primeira infância (Kalsched, 2014, pp. 11–12).

Essas defesas compensatórias tornam-se inadapáveis com o tempo, sendo consequência e posteriormente causa de patologia, aparecendo como imagens daimônicas ou sinistras, protetora ou opressora, benévola ou malévola, e por vezes de forma ambígua. A parte frágil regride como criança ou animal vulnerável, e outra se identifica com o agressor e progride como Falso Eu protetor, numinoso e obscuro, juntas formando o sistema de autocuidado arquetípico da psique. O Si-mesmo nesse caso deixa de ser regulatório, pois o sistema de autocuidado assume o lugar do Eu na relação com o externo (Kalsched, 2003, pp. 145–155, 2014, pp. 13–17).

Incapaz de suportar a tensão com o inconsciente, o *daimon* bloqueia os canais de comunicação e as expressões espontâneas e criativas. O símbolo perde sua função simbólica. *Daimon* se manifesta como instinto de morte, “Sabotador Interior”, compulsões, Eu Antilibidinal, Objeto Nocivo, ou Animus Negativo para Jung. Não é mera introjeção do externo agressivo, mas ativação de objeto interno muito mais sádico, onde o *daimon* com intenção de proteger isola o sujeito da realidade, dissocia, retrai, vicia, deprime, pois, a vida é entendida como morte. A psique se torna auto traumatizante por habitarem nela imagens opressoras, e retraumatizante pela auto sabotagem (Kalsched, 2003, p. 152, 2014, pp. 18–20).

Clinicamente, o paciente pode apresentar sintomas limítrofes, infantis ou titânicas, vergonha, insatisfação de gênero, bem como distúrbios alimentares. A cisão é um movimento que preserva a inocência de um lado e o seguir da vida pela parte que continua a se desenvolver de outro, em sacrifício das potencialidades do Si-mesmo Verdadeiro (Kalsched, 2003, pp. 155–156).

6.3.2 Escola Clássica

Erich Neumann

Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica, presidente da Associação Israelense de Psicologia Analítica, Neumann esteve sempre próximo à Escola de Zurich e à abordagem clássica, embora mantivesse interesse no desenvolvimento infantil.

Sua teoria aborda o aspecto inicial do desenvolvimento ao dizer que o Grande Feminino possui a ambivalência e ambiguidade entre opostos, oferecendo prazer e sofrimento (2008, pp. 120, 131–132). O aspecto positivo corresponde ao aspecto de Vaso, que contém, protege, nutre, dá à luz e alimenta (2008, pp. 111–112), contendo uma ligação essencial com o processo criativo numinoso que à tudo dá origem (2008, pp. 114, 120, 123–124). O papel do feminino positivo está em acolher, dar conta e responder às inseguranças, medos e necessidades da criança até um ano, posteriormente aceitando também ser má para que a criança migre gradativamente à ligação patriarcal, desenvolvendo um Eu diferenciado do da mãe e do ambiente (2000, pp. 221–231).

O aspecto feminino se torna negativo e terrível quando não acolhe as necessidades da criança quando necessário, bem como quando fixa a criança no apego materno ao não permitir também ser má e odiada, impedindo assim a separação, através de fixações ou regressões, (Neumann, 2000, pp. 231–241) promovendo medo, horror, temor, perigo (Neumann, 2008, p. 133) sensação de morte, destruição, penúria, fome e guerra, podendo devorar, tragar, perseguir e aprisionar enquanto uma Mãe Terrível (Neumann, 2008, p. 134).

Essa ambiguidade gera culpa pelos sentimentos negativos à um estímulo também bom, dificultando o desenvolvimento, sendo acentuado quando a mãe possui ansiedade em permitir seu lado mau. Essa culpa deve ser conscientizada e superada pela criança (Neumann, 2000, pp. 234–236). O Eu enquanto representante consciente do Si-mesmo torna-se lugar de origem e superação do medo, devendo ter estabilidade e firmeza frente às ameaças (Neumann, 2000, pp. 263–264).

A ansiedade surge em transições psíquicas, devendo ser absorvida e dissipada pela mãe no primeiro ano de vida (Neumann, 2000, pp. 224–225). Ao não permitir a separação do filho sendo excessivamente boa, a mãe gera estagnação e regressão, podendo gerar neuroses de ansiedade, fobia, vícios, psicose em casos de destruição egóica (Neumann, 2000, pp. 232–233), um Eu fraco que frente ao inconsciente, que em situações de angústia, perturbação ou destruição da segurança ou proteção sente-se abandonado pela Grande Mãe (Neumann, 2000, p. 237).

O inconsciente produz criatividade, que quando expandem a cultura vigente, são coletivamente reforçados, e quando traz transformações à cultura vigente, produzem conflito entre cultura e inconsciente, gerando sensação de morte, depressão, medo, crise e neurose, pois o papel social já estabelecido é ameaçado. (Neumann, 2000, pp. 265–266). Conforme afirma:

É quase sempre o medo da transformação que provoca ansiedade na pessoa comprimida pelo antigo; mas enquanto ela acredita que é o novo que a está assustando, na verdade a ansiedade deriva do caráter limitado da vida antiga paralisada na prisão do hábito. (Neumann, 2000, p. 266).

O medo deve ser vivido, pois indica uma morte necessária do Eu que abdica sua existência em nome da infinita metamorfose de um Si-mesmo numinoso que se recria constantemente (Neumann, 2000, pp. 269–270).

Carl Gustav Jung

Jung foi o fundador da teoria da Psicologia Analítica. Ele utiliza o termo “ansiedade” nas Obras Completas em textos mais antigos, no contexto descritivo de estado emocional desproporcional, ligado ao sofrimento psíquico patológico pela culpa ou pela cisão entre sentimento e expressão, ligado a um quadro de degeneração cerebral (Jung, 1995f, paras. 146, 167, 291, 335).

O processo de individuação proposto por Jung é definido como tornar-se si-mesmo enquanto ser único, buscando despojar-se das restrições da persona, do papel social (2019b,

para. 266). Desse processo decorre o contato da consciência com o inconsciente. No contato com o inconsciente pessoal, o indivíduo se defronta com conteúdos moralmente reprimidos que geram conflitos com o próprio Si-mesmo, como aqueles conteúdos que confessamos (Jung, 2019b, pp. 136–137), ou seja, aqueles que nos geram culpa. Já o contato com o consciente coletivo é perigoso e dissolvente (Jung, 1995b, para. 46), visto ser um campo obscuro (Jung, 2019b, para. 269).

Geralmente as manifestações dos conteúdos não conscientes aparecem através de projeções. Jung afirma ainda que “Todo desconhecido e vazio é preenchido com projeções psicológicas” (1995g, para. 332). Afirmamos de outra forma que: na incerteza, o aspecto lógico-racional falha em sua comum prática de ofuscamento do aspecto sombrio, assim fantasias e projeções são intensificadas. A incerteza aumenta o contato projetivo com a sombra e com o inconsciente, seja ele pessoal ou coletivo. Mas Jung afirma que esse contato com o inconsciente também pode possibilitar ou bloquear o fluxo da atividade criativa, de forma involuntária (1995e, paras. 114–130).

Esse movimento de quebra de identidade pelo contato com aquilo que parece estranho ao sujeito, ocorre tanto em nível pessoal e individual quanto em nível coletivo. A transição da civilização se desdobra em múltiplos aspectos sociais, acadêmicos e em queixas clínicas comuns. Discussões sobre cisão, caos e visões, relacionam-se com a revolução mundial, mudanças entre presente e futuro, a consciência e sua luta com a sombra, percebida muitas vezes como o mau, que acaba sendo projetado no outro que deve ser combatido, como discutido no livro *Psicologia em Transição* (OC X Jung, 1995h).

Marie-Louise von Franz

A autora foi uma das principais pessoas presentes na vida pessoal e na construção teórica de Jung. Foi fundadora do Instituto Carl Gustav Jung em Zurique, além de ter contribuído com vasta produção própria de livros e filmes.

A autora trata ansiedade e angústia da mesma forma, numinosa porém provocador de medo (1997, p. 23). Também exerce influência nos sonhos e visões de ansiosos ao usarem drogas (1997, p. 80). Ansiedade também pode causar paralisia consciente ou sono na prática da imaginação ativa (1997, p. 93). O fenômeno da ansiedade aparece nas relações como oposto e compensatório à confiança (1997, p. 182).

A origem da angústia emocional seria indicada pelos sonhos segundo a teoria de Jung (Franz, 1996, pp. 13–14). O termo também surge em outra publicação em citação direta de Jung, sobre um sonho que teve onde um ser estranho fazia ter medo, causando angústia, paralisia e transpiração.

A ansiedade generalizada seria uma neurose fruto de energia excedente pelo medo contínuo de que algo negativo possa ocorrer, por desarmonia com o Si-mesmo, juntamente com irritabilidade, agressividade, supersexualidade, sensação de vazio ou falta de sentido (Franz, 1996, p. 42), podendo estar atribuída à incertezas, por exemplo sobre a continuidade da vida, o futuro, o que fazer, ou o sentido (1996, p. 105), atribuído também ao complexo feminino devorador negativo que bloqueia a independência (1996, p. 110), à culpa por abandonar um parceiro (1996, p. 154), ou mesmo ao próprio ato de interpretar sonhos (1996, p. 223).

Verena Kast

Kast foi presidente da Sociedade Suíça de Psicologia Analítica, presidente do Instituto Carl Gustav Jung de Zurique, e membro honorária da Sociedade Internacional de Psicologia Profunda, professora da Universidade de Zurique, além de autora de diversos trabalhos.

Na obra de Kast, a autora traz contos para serem analisados como representações de processos humanos, indicando suas problemáticas e formas de superação. A ansiedade aparece como uma forma de medo funcional ao proteger o sujeito de perigos. A falta de ansiedade incomoda a sociedade, que tem dificuldade em exercer sua autoridade, bem como

se assusta pela naturalidade frente situações naturalmente cruas como a morte, e ao mesmo tempo valoriza a coragem (Kast, 2006).

A ansiedade também é fruto da consciência da ambiguidade materna, podendo gerar simbiose como defesa contra o medo de separação. O retorno à mãe é uma busca pela proteção e poder que essa proporciona, bem como à inexistência. A separação por outro lado gera ansiedade e culpa, bem como autonomia e independência. É um processo necessário para o contato e o desenvolvimento de manejo de instintos que podem proporcionar poder e sabedoria. O desejo e medo da ousadia de viver uma vida livre geram uma tensão. Outro fator que pode gerar ansiedade é a relação conjugal, como experiência nua de contato e domínio do próprio lado inferior e negativo (Kast, 2006).

Vontade de ter e de poder são buscas por segurança contra mudanças indesejadas, e juntamente com a negação da morte são a sombra da criatividade. Para resolver os problemas, precisamos primeiro reconhecer, nos aproximar, sofrer e tolerar a tensão, e por fim clarificar parte possível. Outra ferramenta é compartilhar nossa ansiedade, bem como sonhos que espontaneamente trazem esperanças. Desenvolvimento de facetas alternativas e partes mais acessíveis do inconsciente nos permitem enfrentar indiretamente a ansiedade ao nos fortalecer (Kast, 2006).

6.3.3 Escola Arquetípica

James Hillman

Embora James Hillman tenha conduzido estudos no Instituto Carl Gustav Jung de Zurique, afastou-se da escola clássica para fundar a Psicologia Arquetípica, tendo ganho destaque nos Estados Unidos, seu país de nascimento, e escrito diversos livros.

Segundo James Hillman, fundador da Escola Arquetípica, quando falamos de ansiedade, estamos remetendo a um núcleo de significado que está ligado à imagem mitológica de Pã (Hillman, 2015). A ansiedade, por ser uma manifestação autônoma de um complexo, carrega em si uma possibilidade de conexão da alma com o alicerce arquetípico,

com o numinoso, e com uma possibilidade de autoconhecimento, tendo um potencial criativo.

Conforme afirma Hillman:

Inconsolável, sem seu amor, seu clamor por ajuda divina recusado, a alma entra em pânico. Psique se atira no rio e ele a rejeita. Neste momento de pânico, Pã aparece acompanhado de verdades naturais. Pã é, ao mesmo tempo, protetor e destruidor, e estes dois aspectos se apresentam à psique em estreita aproximação. Quando somos presas do pânico, nunca podemos saber precisamente se este será o primeiro movimento da natureza que dará lugar - se formos capazes de escutar o eco da reflexão - a uma nova compreensão acerca dela mesma. (Hillman, 2015, pp. 36-37).

Hillman entende que Pã também seja a voz criativa da natureza crua (2015, pp. 43-44). Na história mitológica de Psique, mesmo desejada por vários, é ao sentir-se culpada por trair a confiança de seu único amor, tenta matar-se, e encontra Pã. É na culpa da traição da confiança na relação monogâmica que o desespero da capacidade psicológica fica próxima de morrer, dar-se um fim, mas ao encontrar a multiplicidade de Pã, é salva, e mobiliza-se pela esperança do perdão.

O Medo para Hillman é ocidentalmente considerado afeto primário fisiológico, ou problema moral à ser superado pela coragem, tendo papel principal nas iniciações. Se diferencia de bloqueio motor e excitação neuroendócrina-química chamada ansiedade. Já o Pânico contempla medo quando frente um estímulo ou objeto, e ansiedade sem estímulo ou objeto conhecido. Pesadelo possui figura opressora e inibidora, enquanto o sonho de ansiedade sente-se inibição e opressão mesmo sem uma figura causadora (Hillman, 2015, pp. 51-60).

Enquanto o DSM-5 inclui o pânico como tipo de ansiedade (APA, 2002, pp. 189-234), Hillman coloca a ansiedade como manifestação de Pã, arquétipo da natureza viva (Hillman, 2015). Apesar dessa divergência, a nomenclatura descritiva pouco contribui ao interesse da alma, por não suportar subjetividade nem conectar ao arquétipo regente, por vezes tornando o sujeito parasita de seu quadro diagnóstico (Hillman, 2010, pp. 137-141)

Como expressão natural em relação à alma, o patologizar como “habilidade autônoma da psique para criar doença, morbidade, anormalidade e sofrimento” deve ser visto também da visão psicológica enquanto lógica da psique, onde a patologia é um dizer primário da alma, um fundamento condutor de nosso ser (Hillman, 2010, pp. 132–136).

Imagens patológicas trazem por vezes sensação de culpa por cria-las, em especial quando diferenciam-se do mundo material, mas devemos questionar quais pessoas arquetípicas estão incomodadas ou ansiosas com ela ao invés de nos culpabilizar, e utilizar o material para percepção contrastada da especificidade psíquica, oferecer uma perspectiva aprofundada (Hillman, 2010, pp. 179–199). Além das formas de cultivo da alma para Platão como Eros, a dialética e a mania, podemos incluir Tântatos, pois ao lembrar da morte e da patologia, a vida reflete a morte e vê a alma através de reflexões profundas. Não importa a ferida em si, mas quais arquétipos elas me conectam (Hillman, 2010, pp. 229–232).

A psicoterapia não é clínica, etimologicamente significa servir à alma, portanto somos pacientes de nossas almas. Os sintomas são o caminho da terapia e não obstáculos, estando o patologizar presente também no cotidiano, na finitude, na individualidade, na multiplicidade, na somatização, na insanidade e projeções diárias ao tornar nossas fantasias realidade (Hillman, 2010, pp. 160–177).

A alma não está apenas dentro de nós, mas nas patologias do mundo, e somos por vezes bodes expiatórios patologizados pela alma do mundo. A psicologia americana desenvolvimentista e determinista traz o problema ao colo dos pais como uma criança interior impotente, que olha para trás e perde de vista ao redor. A terapia costuma internalizar emoções sociais, como transformando medo em ansiedade, presente em passado, mas não há mais vida dentro que fora, antes que agora. Quebra-se assim o Eros com o externo, pois a compreensão é sempre algo que já passou, causando decadência do real (Hillman & Ventura, 1995, pp. 14–27).

Embora pessoas vão à terapia buscando crescimento pessoal, Hillman ainda aponta que crescimento na fase adulta é inadequado, sendo como o câncer, indicando o quanto é nociva a inflação psíquica. Para o autor, ser quem se é inclui perda de projeções, ilusões e agarras obsoletas, sendo um processo de encolhimento. Na psique há partes imutável e mutáveis, não sendo nosso trabalho mudar, mas separar esses conteúdos, respeitando tanto o movimento quanto as resistências da psique (Hillman & Ventura, 1995, pp. 17–20).

Rafael López-Pedraza

Pedraza foi um analista cubano, que fez formação no Instituto Carl Gustav Jung em Zurique, onde teve Hillman como terapeuta. Sofreu grande influência da Psicologia Arquetípica, tendo se fixado na Venezuela. Escreveu diversos livros, tendo destacado-se nos estudos simbólicos da mitologia.

O autor afirmou que o conflito de uma divisão primordial na nossa cultura ocidental, que independente de crença religiosa, sofre fortes influências tanto gregas quanto cristãs, gera conflito entre o pensamento respectivamente politeísta e monoteísta (1997, pp. 34–40). Esse conflito psicológico é chamado de Ansiedade Cultural, e pode ser entendido de forma mais ampla como unicidade e multiplicidade de possibilidades.

O pensamento monoteísta, diferente do politeísta, está fundamentalmente ligado à culpa, tanto pela ação própria quanto histórica, que gera ansiedade pela necessidade de seguir o correto (López-Pedraza, 1997, pp. 44–46). A ansiedade cultural também se apresenta pelo aspecto criativo, bem como devastador e destrutivo (López-Pedraza, 1997, p. 50). Dessa forma, entendimento binário entre certo e errado, bom e ruim, de uma moral monocêntrica gera sentimento de ameaça frente à coexistência com o diferente, e por isso, aquilo que está fora da verdade pessoal é frequentemente ameaçador, e carregado de uma culpa projetada (López-Pedraza, 1997, pp. 50–64).

6.4 DISCUSSÃO

A psicologia enquanto ciência é um trabalho de relação entre lógica e metáfora. Anteriormente já destacamos a união da importância da compreensão do termo como imagem

psíquica ao mesmo tempo da compreensão conceitual (Artigo 1). Conforme mencionam Serbena e Raffaelli (2003):

Neste sentido toda fala da psique que procure ser científica e objetiva tende a esquecer, ignorar ou desprezar a existência do outro pólo, isto é, da fala da subjetividade, da “alma” e do mundo mítico ou simbólico. Entretanto, ao se negar um espaço para a subjetividade, esta não é eliminada, apenas suprimida do discurso científico. [. . .] Deste modo há necessidade de, no mínimo, um duplo discurso racional e simbólico sobre a psique (2003, p. 35).

O termo alma aqui é utilizado como a função da psique, sendo o foco de estudo da psicologia. Conforme destacado pela literatura, “O termo ‘alma’ pode ser considerado como uma metáfora da psique, pois os diversos discursos psicológicos seriam explorações desta metáfora, permitindo ampliar sua expressão e compreensão.” (Serbena & Raffaelli, 2003, p. 36).

Jung (1995i) diferencia alma de psique ao afirmar que “Por psique entendo a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes. Por alma, porém, entendo um complexo determinado e limitado de funções que poderíamos caracterizar melhor como ‘personalidade’” (Jung, 1995i, para. 752). Desta forma, a alma é a metáfora de algo mais básico e estrutural para o funcionamento psíquico como um todo. A ansiedade, como manifestação psíquica autônoma, também seria uma forma de manifestação da alma frente mudanças diversas.

Enquanto o conceito visa fechar a questão pelo entendimento a partir da generalidade de uma classe de manifestações, a imagem nos aproxima para relação individualizada e múltipla enquanto possibilidades (Hillman, 2018, pp. 74-75,110). Mas o papel do analista não é classificar, criar relatórios, resolver operacionalmente patologias e suas manifestações externas, pois cientificidade trata apenas dos aspectos externos (Hillman, 2011b, pp. 48–56). A metáfora básica que define o objeto e fazer da psicologia é atender à alma (Hillman, 2011b,

pp. 58–59), sendo o cultivo da alma o propósito humano de uma vida a partir de uma perspectiva reflexiva do mundo (Hillman, 2010, pp. 25–27).

Embora o fenômeno em si carregue sempre a possibilidade de nos relacionarmos com ele enquanto imagem ou conceito, e que ambos sejam importantes, levando em consideração nosso papel no processo de cultivar ou fazer alma, nesse texto decidimos reimaginar o conceito e a manifestação da ansiedade, ou seja, utilizar a discussão para abriremos novas possibilidades de relação e novas perspectivas reflexivas sobre ela.

Sobre nossa relação com o mundo e a sociedade, o sociólogo Bauman disserta acerca da liquidez do homem, das estruturas sociais e das relações pós-modernas. Conforme descreve, a incerteza sobre o futuro impossibilita o pensamento a longo prazo, o desenvolvimento, o progresso, de forma pré-ordenada, e relações verticais, conflitando com o progresso ordenado e predefinido (Bauman, 2007, pp. 7–17).

A transição da sociedade, e de tudo que é social em uma sociedade líquida, sofre influência e influencia a humanidade concomitantemente. Rollo May, autor existencialista que faz referências à Jung, diz que em uma mesma situação, somos tanto sujeitos ativos quanto objetos passivos ao mesmo tempo, e podemos nos posicionar mais ou menos de uma forma ou de outra, sendo a humanidade determinada e determinante da situação, sendo esse o paradoxo do Dilema Humano (R. May, 1974, pp. 15–16, 20–27). A liberdade está na capacidade de alternarmos entre ambos os estados, porém a ansiedade é uma “vertigem da liberdade” que reside no hiato entre estes estados (R. May, 1974, pp. 17, 20).

Para May, a ansiedade pode ser normal, apresentando estresse, adaptação biológica para responder ao estímulo, e dinâmica criativa que gera a cultura, civilização e identidade, ou ser neurótica, quando gera bloqueio, impasse, prejudicando adaptação, podendo se prolongar quando ameaça valores que se identifica (R. May, 1974, pp. 9, 48–49, 54, 80, 89, 1977, p. 14). A ansiedade neurótica se prolonga ao ameaçar valores aos quais se identifica quando cristalizados como dogmas, ao colocar o sujeito como impessoal e desvalorizado no vazio

interior, intensificado pela separação do homem e da natureza (1974, pp. 49, 80–89). É objetivo psicológico que a ansiedade seja normalizada, possibilitando que os valores se tornem mais firmes, flexíveis, coletivos e atemporais (1974, pp. 89-91, 111-117). Esse processo pode envolver uma culpa normal, consciente da responsabilidade das escolhas, ou neurótica quando desproporcional, bloqueadora e moralista, onde sente-se trair um valor, não devendo a culpa ser evitada mas normalizada (1974, pp. 113–116).

A palavra *pathos* traduzida por vezes como sofrimento significa experiência, mudança qualitativa, movimento (Hillman, 2010, p. 204) Esse desconhecido sobre o futuro social é preenchido por projeções (Jung, 1995g, para. 332) de incertezas e ansiedades coletivas. A ansiedade, tanto a nível coletivo quanto individual, possui como algumas das principais causas: incertezas, contato com a sombra, medo, antecipação e descontrole (Artigo 1). A necessidade de reformulação do mundo interno, do Eu ou do mundo externo é um processo criativo que exige responsabilidade pela liberdade de escolhas e ações.

Os traumas, outro aspecto gerador de ansiedade (Artigo 1) auxilia na formação de rupturas de imagens em parciais, aparecendo como positivas ou negativas (Kalsched, 2014). Isso pode ir além da manifestação individual na imagem de *daimons* (Kalsched, 2003) mas ocorrer também em nível coletivo cultural, ao projetar sociedades ideais ou portadoras do mau (OC X Jung, 1995h). Essa divisão entre bom e mau, certo ou errado, aumenta ao mesmo tempo o sentimento de responsabilização do indivíduo enquanto sujeito, e de impotência enquanto objeto. A ansiedade por si pode bloquear os aspectos criativos (1995e, paras. 114–130). O reconhecimento de falhas e contato com a sombra pode gerar medo a angústia (R. M. Franklin, 2016, p. 54), a persona e a consciência se dissolvem em culpa, possibilidades, incerteza.

A criatividade é um dos instintos humanos (Jung, 1995a, para. 246), estando ligada à ansiedade na perspectiva junguiana (R. May, 1977, pp. 158–159), bem como na obra de

comentadores como May (1974, pp. 9, 89, 1977, pp. 14, 352–358) e Valladão (2017, pp. 11, 63) e em revisões anteriores (Artigos 1 e 3).

A parcialização de imagens (Fordham, 2006, pp. 108, 160-161) ideais em conflito com situações de criatividade que podem conflitar ideais positivos diferentes, ou trazer negativos juntamente com a busca por positivos, ou mesmo a dificuldade em atingir ideais positivos, pode gerar culpa, vergonha, e bloqueio da criatividade espontânea. A vergonha e a culpa foram temas recorrentes no contexto da ansiedade em revisões (Artigo 1, 2 e 3) e nos autores aqui analisados.

A culpa pelo abandono de mecanismos psicológicos fixos ou pela vivência universal de todas as possibilidades ao mesmo tempo transitam na Ansiedade Cultural entre monocentrismo e policentrismo psíquico (López-Pedraza, 1997, pp. 33–64). O sentimento de necessidade de cumprir determinados papéis sociais também pode gerar culpa e imobilidade. Responsabilizar-se pelos aspectos negativos de cada decisão, bem como pelos positivos abdicados em cada opção não escolhida, pode trazer sentimentos de ansiedade e culpa.

A culpa e a ansiedade só seriam inexistentes em situações onde o indivíduo se coloca absolutamente na posição fixa, determinado pelo meio e sem possibilidade de resistência, não tendo alternativas nem responsabilidades. Culpa e ansiedade só se farão ainda presentes nesse contexto se deslocada do presente, onde o sujeito vê que houve no passado ou haverá no futuro qualquer possibilidade diferente de atuação. O presente liberta de prisões, defesas e traumas do passado ou imaginadas no futuro.

A morte se torna ao mesmo tempo a maior definição por ser irreversível, não só como a maior mudança da nossa vida onde nela tudo muda, mas também sobre tudo aquilo que se fez ou deixou de se fazer vivo.

Embora por vezes elegeamos totens como se a mitologia fosse um dicionário de manifestações patológicas onde cada divindade é uma função (Hillman, 1984, pp. 145–146), a ansiedade está presente em diversos *logos* míticos, e cada mito possui dentro de sua lógica a

sua forma de viver a ansiedade. Podemos falar de uma ansiedade Prometeu (R. May, 1974, p. 89) que traz consigo toda mudança e responsabilidade; uma ansiedade Sísifo, que embora preso e objetificado pela circularidade é quem gera seu próprio trabalho; uma ansiedade Cronos que castra e devora tudo que produz ao mesmo tempo que sua lâmina movimenta a pressa; uma ansiedade Eros que traído pela desconfiança da amada que havia proposto se relacionar; uma ansiedade Cassandra que é condenada à ser eternamente desacreditada; uma ansiedade Hermes que encontra-se sempre no limiar; uma ansiedade Psique desesperada por culpa e desesperança pela perda de seu amor; e assim segue-se uma ansiedade politeísta infinitamente ampla. Ainda que especificada dessa forma, não se constituem subcategorias diagnósticas, mas apenas servem como ilustração de possibilidades imaginativas.

Destaco porém dois aspectos arquetípicos da ansiedade que se destacam: seu aspecto Pã, onde a natureza crua se apresenta ambígua e inexplicável, meio humana e meio animal (2015, pp. 43–44); e seu aspecto Tântatos (Hillman, 2010, pp. 229–232) na sua conexão com a morte. Tanto o movimento pantanoso quanto de mortificação são processos de direcionamento para dentro, em direção aos vales onde habita a alma. Conforme nos aponta Hillman, a alma habita os espaços de penumbra dos vales, dos buracos e depressões aprofundadas, de humidade, sensações, misturas caóticas, em um pertencimento mútuo, diferentemente do espírito que habita os espaços de isolamento e clareza dos picos, uma vivência isolada, distanciada e racionalizada com as coisas (1999, pp. 203–233). Isso coloca a psicologia, como uma disciplina voltada à alma e não ao espírito, em uma posição onde devemos nos aprofundar e nos relacionar com os fenômenos enquanto imagens psíquicas, e não uma tentativa de explicação conceitual distante.

Os arquétipos e sua relação com as projeções mitológicas não são exclusivas na lógica politeísta. As manifestações arquetípicas e divinas coexistem no dia a dia do mundo interior. Independente de qual mitologia aborde, de qual teoria dialogue, esse texto mantém uma tonalidade de Pã e Tântatos, ao manter uma proposta de aprofundamento e relação da

ansiedade como algo individual, sendo as relações presentes não explicações, mas perspectivas de relações possíveis, voltada para dentro e não para a externalidade.

Sobre os mitos do tempo, a projeção temporal é potencialmente ansiógena, pois eleva os níveis de estresse, sem possibilidade de vasão, preparando para ação ou fuga presentes dentro da mente. Como afirma Pearls, o neurótico:

“É muito bom falando em problemas e muito ruim lidando com eles. [...] Passa um tempo infinito tentando recapturar o passado ou moldar o futuro. Suas atividades no presente são meramente tarefas aborrecidas que deve tirar do caminho. Às vezes, nem se dá conta de suas ações no momento. [...] ligado ao passado com modos obsoletos de agir, vago quanto ao presente porque o vê apenas através de óculos escuros, torturado em relação ao futuro porque o presente lhe escapa” (Perls, 1988, p. 11,57)

A voracidade de Cronos devora por não capturarmos a oportunidade criativa de Kairós. Nesse caso, Jano se manifesta como alguém que olha para frente e para trás sem olhar para si, não como alguém que está ao mesmo tempo em ambos como imagem de transição presente constante.

O lúdico enquanto processo de vinda ao presente (Maturana & Verden-Zöllner, 2004, pp. 230–231) torna-se um processo psicoterapêutico (R. M. Franklin, 2016, pp. 8–22) e alquímico (R. M. Franklin, 2016, pp. 36–47). Há diversos relatos de efetividade para diminuição da ansiedade por técnicas que tragam ao presente como o *Mindfulness* (Abbott et al., 2014; M. A. Franklin, 2016; Goldberg et al., 2018; Hilton et al., 2017; Simpson et al., 2014; Toivonen et al., 2017; van Son et al., 2013) e por técnicas lúdicas e expressivas (Fordham, 2006, pp. 31–38, 76–80). Por mais que a ansiedade possa ser vista como caminho da individuação, sua diminuição por técnicas criativas e expressivas não contrapõe sua proposta, mas facilita sua realização.

As mudanças podem causar no indivíduo uma tensão vertiginosa do fluxo criativo, na variação entre uma posição fixa, sentindo-se objeto passivo, bloqueado e definido pelo meio,

e outra móvel, com criatividade espontânea, sentindo-se sujeito livre, porém responsabilizado.

Essa dinâmica aparece com diferentes nomes nos autores estudados:

Tabela 1

Autor	Varição	Fixa	Móvel
Fordham	Parcialização	Identificação	Individuação
Neumann	Grande Feminino	Devoradora	Vaso
Jung	Individuação	Persona	Dissolução
Von Franz	Individuação	Medo	Numinoso
Hillman	Pã	Morte da Psique	Natureza viva
Pedraza	Ansiedade Cultural	Monoteísmo	Politeísmo
Kast	Tensão	Simbiose e isolamento	Independência e relação
Kalsched	Autocuidado	Criança	Daimon
May	Dilema Humano	Objeto	Sujeito

A diferença entre os autores segue uma lógica semelhante à divisão feita sobre a compreensão da ansiedade em três grupos. Segundo divisão anterior, temos um Grupo Psicanalista, com visão causalista sobre a ansiedade, compreendendo que uma falha da função materna desencadeia falha na pele psíquica, responsável por definir forma e conteúdo da identidade, mediando o Eu com o externo. Nesse contexto, a ansiedade aparece como medo de deixar de ser, não sendo contida e bloqueando o desenvolvimento. A ansiedade surge na infância se perpetuando até a vida adulta como uma barreira, causa e sintoma, devendo ser eliminada (Artigo 3). Possivelmente os autores que aqui se encaixariam foram citados como “junguianos sem o saberem” (Samuels, 1989, pp. 26–28), categoria essa que está além dos autores das três Escolas (Samuels, 1989, pp. 32–38), mas que estaria inclusa na nova categorização (2005, p. 20) que deu origem aos três Grupos que estamos discutindo.

Já na lógica do Grupo Desenvolvimentista, a ansiedade é vista de uma perspectiva tanto causalista quanto finalista. Compreende a gênese da ansiedade da mesma forma que o primeiro grupo, mas entende que ela não é o problema em si, mas surge por uma falha, com a função de defesa protetora (Artigo 3). Nesse grupo estariam inclusos autores como Fordham, Neumann e Kalsched.

Já o Grupo Arquetípico ou Clássico, possui olhar finalista, e entende que a ansiedade é uma experiência arquetípica inevitável, pertencente a simbolização e caminho a individuação e autenticidade. Sua origem não está em uma falha do desenvolvimento, mas pode surgir durante toda a vida (Artigo 3). Nesse grupo estariam Jung, von Franz, Hillman, Pedraza e Kast.

Em todos os grupos há um aspecto fixo da ansiedade, por ele fazer parte arquetipicamente da experiência humana ou por constituição primal no desenvolvimento, bem como um aspecto móvel pela busca da individuação ou da espontaneidade.

Podemos relacionar a Teoria do Apego com a manifestação da ansiedade pela perspectiva desenvolvimentista. O padrão seguro indica o provimento de uma base segura, onde a criança explora entusiasmada e confiante o meio, e embora incomodada com o afastamento do cuidador não se abala exageradamente (Juliana Xavier Dalbem & Dell’Aglío, 2005, pp. 16–17). Nesse caso há desenvolvimento normal, que apresenta ansiedade leve e normal na separação com a mãe e em experiências exploratórias. O indivíduo se faz sujeito.

O padrão ambivalente, fruto de alternância entre presença e falta de cuidado, desenvolvendo desconfiança, apresenta pouco interesse na exploração, e quando separada do cuidador rejeita aproximar-se de outras pessoas, mas ao retornar o contato com os cuidadores alterna entre relação e rejeição (Juliana Xavier Dalbem & Dell’Aglío, 2005, pp. 16–17). Está presente em fissuras que geram imagens parciais, gerando ansiedade excessiva no contato com o negativo, porém segurança no contato com o positivo, que estão em alternância na ambivalência. A ambivalência apresenta-se também na rápida alternância entre ser objeto da ação do outro que oprime ou protege, e de ser sujeito ativo dentro da relação de busca ou rejeição do outro.

O padrão evitativo não recebeu adequada atenção dos cuidadores, não os procurando e inibindo-se na sua presença, embora busquem explorar na sua ausência (Juliana Xavier Dalbem & Dell’Aglío, 2005, pp. 16–17). A alternância aqui ocorre pelo cuidador desencadear

o bloqueio da espontaneidade e criatividade, sendo sujeito na sua ausência, mas objetificado na sua presença.

O padrão desorganizado ocorre em crianças que não apenas sofreram traumas por falta de cuidado, mas também foram agredidas, apresentando brabeza, confusão, transe, impulsividade ou apreensão na presença do cuidador, apresentando comportamentos contraditórios ou incoerentes na separação (Juliana Xavier Dalbem & Dell’Aglia, 2005, pp. 16–17). Nesse caso a pele psíquica está eternamente em sensação de rompimento, de queda no vazio e busca por algo. O indivíduo não se fixa nem na posição de sujeito nem de objeto, o que se consolida é uma existência em um vácuo vertiginoso. Sobre isso, revisões anteriores sobre a ansiedade mencionaram a correlação entre angústia e ansiedade (Artigos 1 e 2).

Outro fator muito correlacionado à ansiedade foi a depressão (Artigos 1 e 2). Podemos pensar fisiologicamente a depressão como uma anestesia adaptativa aos altos níveis constantes de estresse, mas também de forma imaginal. A depressão enquanto sinônimo de buraco, traz junto sensações de peso, escuridão, pouca mobilidade, profundidade e horizonte curto. Ao consolidarmos uma posição extremamente fixa ou acreditarmos que ao sairmos dela iremos retornar, caindo e sentido vertigem, constelamos um complexo depressivo. Nesse caso, o apego está profundamente enterrado.

Se a ansiedade está no medo existente na fé do risco de um prejuízo evitável ou reduzível (Artigos 1 e 2), a depressão está na inexistência de um vínculo, e a angústia na fé da inevitabilidade do prejuízo. Esse prejuízo é sempre afetivo, podendo o afeto estar vinculado e erotizado a algo ou alguém externo de forma secundária.

Elevados níveis de estresse por um corpo constantemente preparado para uma ação inexistente pode ter relação com as diversas ligações entre a ansiedade e a psicossomática (Artigo 1), visto que o patologizar da alma transcende a divisão dualista entre psique e corpo (Hillman, 2010, pp. 172–177).

Estudos neurobiológicos que serviram como base para modernização da Teoria do Apego, identificaram por neuroimagens a ação da conexão prematura entre mãe-bebê no aprendizado afetivo inconsciente, que pega como modelo reações não-verbais da mãe. Mães atentas ao apego e à separação, mesmo coexistindo emoções ambivalentes como amor e ansiedade, se autorregulam para expressar aquelas positivas (Schoore, 2019).

Por um lado, esse tipo de informação reforça as teorias do desenvolvimento sobre a influência da relação materna afetiva no desenvolvimento infantil. Por outro, Hillman critica a visão materialista, que embora reconheça sua validade, entende não falar de uma psicologia de natureza psicológica, que explica mas pouco tem a revelar ou nos aproximar do fenômeno em si (Hillman, 2010, p. 135,155,182, 2013, pp. 110–117).

O autor também faz críticas à teoria de Neumann ao tratar todo aspecto feminino como presente em uma ambiguidade única da Grande Mãe. Sobre isso, Hillman destaca a multiplicidade dentro do conceito da Grande Mãe Terra, *matter*-ialista, que é composta por diferentes epítetos. “O complexo de grande-mãe da psicologia engoliu até mesmo suas próprias diferenciações” (Hillman, 2013, pp. 62–67). Nesse sentido, o conceito de feminino e Grande Mãe é tão amplo e devorador que já não especifica, clarifica, define ou facilita relação com nada mais.

6.5 CONCLUSÃO

A ansiedade pode apresentar diversas facetas, de acordo com a lógica do mito individual de cada um e sua respectiva forma de vivenciar as experiências. A leitura clínica varia pela visão tanto do paciente quanto do analista. A tensão presente no Dilema Humano em ser sujeito e objeto de sua própria vida traz uma vertigem de uma vivência única ou plurificada. Sem Eros, nos afogamos no pânico em vales e pântanos na presença de Pã, em uma busca constante de Psique pelas depressões psíquicas e mortes internas na presença de Tânatos, em movimentos *pathos-lógicos* da experiência da alma humana que patologiza. O tipo de afeto que desenvolvemos, no caso de vermos a ansiedade como causa de nossa

infância, como um sintoma a ser retirado, ou uma oportunidade e até mesmo um caminho para o desenvolvimento, são as diferentes formas que vivenciaremos essa tensão.

As peles abertas e feridas endurecem na forma de cascas, e as cascas carregam histórias, por vezes fruto de vergonha, outras de orgulho, mas que marcam sempre um caminho único e individual.

6.6 REFERÊNCIAS

- Abbott, R. A., Whear, R., Rodgers, L. R., Bethel, A., Thompson Coon, J., Kuyken, W., Stein, K., & Dickens, C. (2014). Effectiveness of mindfulness-based stress reduction and mindfulness based cognitive therapy in vascular disease: A systematic review and meta-analysis of randomised controlled trials. *Journal of Psychosomatic Research*, 76(5), 341–351. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2014.02.012>
- APA. (2002). *Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5th ed.). Artmed. <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM V.pdf>
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.
- Fordham, M. (2006). *A criança como indivíduo* (10th ed.). Cultrix.
- Franklin, M. A. (2016). Imaginal mindfulness—Imaginal intelligence: Musings on the languages of shadow and light in art, meditation, and clinical practice. In *Shadows and light: Theory, research, and practice in transpersonal psychology: Principles and practices, Vol. 1* (pp. 101–121). University Professors Press.
- Franklin, R. M. (2016). *Tabuleiro Alquímico: uma técnica psicoterápica*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Franz, M.-L. von. (1996). *O caminho dos sonhos* (Cultrix (ed.); 10th ed.). Cultrix.
- Franz, M.-L. von. (1997). *C. G. Jung: seu mito em nossa época* (Cultrix (ed.); 10th ed.). Cultrix.
- Goldberg, S. B., Tucker, R. P., Greene, P. A., Davidson, R. J., Wampold, B. E., Kearney, D. J., & Simpson, T. L. (2018). Mindfulness-based interventions for psychiatric disorders: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 59, 52–60. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2017.10.011>
- Hillman, J. (1984). *O Mito da Análise: três ensaios sobre psicologia arquetípica*. Paz e Terra.
- Hillman, J. (2010). *Re-vendo a psicologia*. Vozes.
- Hillman, J. (2011). *Suicídio e alma* (4ª). Vozes.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Vozes.
- Hillman, J. (2015). *Pã e o Pesadelo*. Paulus.
- Hillman, J. (2018). *Uma investigação sobre a imagem*. Vozes.
- Hillman, J. (1999). *O Livro do Puer: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus* (2nd ed.). Paulus.
- Hillman, J., & Ventura, M. (1995). *Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior* (1st ed.). Summus.

- Hilton, L., Hempel, S., Ewing, B. A., Apaydin, E., Xenakis, L., Newberry, S., Colaiaco, B., Maher, A. R., Shanman, R. M., Sorbero, M. E., & Maglione, M. A. (2017). Mindfulness Meditation for Chronic Pain: Systematic Review and Meta-analysis. *Annals of Behavioral Medicine*, 51(2), 199–213. <https://doi.org/10.1007/s12160-016-9844-2>
- Juliana Xavier Dalbem, & Dell’Aglío, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12–24. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a03.pdf>
- Jung, C. G. (1995a). *A Dinâmica do Inconsciente. OC VIII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995b). *Estudos alquímicos. OC XIII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995c). *Índices Gerais. OC XIX*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995d). *O espírito na arte e na ciência. OC XV*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995e). *Psicogênese das doenças Mentais. OC III*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995f). *Psicologia e alquimia. OC XII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995g). *Psicologia em transição. OC X*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995h). *Tipos psicológicos. OC VI*. Vozes.
- Jung, C. G. (2019). *O Eu e o Inconsciente. OC VII/II*. Vozes.
- Kalsched, D. E. (2003). Daimonic elements in early trauma. *The Journal of Analytical Psychology*, 48(2), 145–169; discussion 191-9, 201–205. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12733232>
- Kalsched, D. E. (2014). *O mundo interior do trauma: Defesas arquetípicas do espírito pessoal* (Paulus (ed.)). Paulus.
- Kast, V. (2006). *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*. Paulus.
- López-Pedraza, R. (1997). *Ansiedade Cultural* (1st ed.). Paulus.
- Maturana, H. R., & Verden-Zöller, G. (2004). *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano*. Palas Athena.
- May, R. (1974). *Psicologia e dilema humano* (Zahar (ed.); 1st ed.). <https://drive.google.com/open?id=1Mzcz9PfFhWW6EtzRFjokwCj1kSe4q8YR>
- May, R. (1977). *O Significado de Ansiedade* (Zahar (ed.)).
- Neumann, E. (2000). *O medo do feminino: E outros ensaios sobre a psicologia feminina* (Paulus (ed.)). Paulus.
- Neumann, E. (2008). *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina no inconsciente* (Cultrix (ed.); 13th ed.). Cultrix.
- Perls, F. (1988). *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular*. LTC - Livros Técnicos e Científicos.
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos* (Imago (ed.)). Imago.

- Samuels, A. (2005). Will the post-Jungians survive? In R. & F. Group (Ed.), *Post-Jungians Today: Key papers in contemporary analytical psychology*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- Schore, A. N. (2019). *The Development of the Unconscious Mind*. W. W. Norton & Company.
- Serbena, C. A., & Raffaelli, R. (2003). Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. *Psicologia Em Estudo*, 8(1), 31–37.
- Simpson, R., Booth, J., Lawrence, M., Byrne, S., Mair, F., & Mercer, S. (2014). Mindfulness based interventions in multiple sclerosis - a systematic review. *BMC Neurology*, 14(1), 15. <https://doi.org/10.1186/1471-2377-14-15>
- Toivonen, K. I., Zernicke, K., & Carlson, L. E. (2017). Web-Based Mindfulness Interventions for People With Physical Health Conditions: Systematic Review. *Journal of Medical Internet Research*, 19(8), e303. <https://doi.org/10.2196/jmir.7487>
- Valladão, L. S. (2017). *Ansiedade e Contemporaneidade: Uma Leitura Junguiana*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- van Son, J., Nyklicek, I., Pop, V. J., Blonk, M. C., Erdtsieck, R. J., Spooren, P. F., Toorians, A. W., & Pouwer, F. (2013). The Effects of a Mindfulness-Based Intervention on Emotional Distress, Quality of Life, and HbA1c in Outpatients With Diabetes (DiaMind): A randomized controlled trial. *Diabetes Care*, 36(4), 823–830. <https://doi.org/10.2337/dc12-1477>

7 CONCLUSÃO

Nos diversos resultados, a ansiedade no campo da Psicologia Analítica pode ser entendida como conceito enquanto entendimento racional conciso, ao ter certo nível de proximidade e alinhamento, bem como imagem ao estar aberto e potencialmente disposto ao aprofundamento. Essa ambiguidade torna-se disponível em uma tentativa de busca por correlações e sentidos que não dão conta do fenômeno em si nem fecha a questão.

Ao buscar a ansiedade como parte do contexto e não elemento de aprofundamento central direto, a compreensão geral pode favorecer um psicologizar, ainda que em uma tentativa de cientificidade conceitual conciente, desde que promova um ver através em direção à alma individual.

Ao “Compreender o contexto do termo “ansiedade” nas publicações junguianas”, percebemos que de forma geral ela é entendida como um tipo de medo de imagens não concretas, e uma resposta de defesa contra essa ameaça. Tendo origem no medo perante incertezas, acompanha sentimentos que nos levam às profundezas internas e obscuras do mundo interior, causando movimentos de reorganização e relocação imaginal, tendo potencial mobilizador.

Ao “Analisar a utilização de tipologias e categorias de ansiedades, empregadas como conceito e como imagem no contexto em que se manifesta” encontramos diversos tipos de ansiedade: A Ansiedade Contratransferencial está presente no analista na relação psicoterapêutica; a Ansiedade Existencial ocorre pela condição de finitude de si ou de algo externo; A Ansiedade Infantil tem origem no início do desenvolvimento, podendo gerar insegurança e isolamento; A Ansiedade Psicótica também tem origem precoce mas paralisa capacidade global do Si-mesmo; a Ansiedade Materna surge pela ambiguidade nas mães sobre si e sobre a criança; a Ansiedade de Gênero ocorre pelo conflito com expectativas sociais heteronormativas; a Ansiedade Cultural surge de conflitos culturais ou entre povos, disputando interesses e espaço, projetando o mau no outro, ou como expectativa cultural do exercício de papéis; a Ansiedade Econômica pode ser pessoal ou coletiva, com origem na

desestruturação econômica; a Ansiedade de Separação vem do medo da perda de objeto externo ou de capacidades próprias; a Ansiedade Paranoica acompanha movimento depressivo e disfunção social; a Ansiedade Onírica se manifesta nos sonhos por compensação pelo otimismo consciente.

Esses diferentes aspectos podem ser diferentes fenômenos, ou diferentes contextos e aspectos abordados e avaliados por leituras dos terapeutas. As classificações servem à alma se funcionam como especificação, adjetivação e descrição, e não como categorias diagnósticas. Poranto, os nomes dados são de menor importância que suas manifestações.

Ao “Analisar qual a compreensão junguiana da psicodinâmica sobre o fenômeno da ansiedade, tanto na forma de conceito quanto de imagem, quando ela está no foco central do estudo”, percebemos diferentes tendências quanto à perspectiva dos autores sobre: um olhar causalista, onde o exercício parental falho gera ansiedade, e essa bloqueia o desenvolvimento egoico; um olhar causalista bem como finalista, onde a ansiedade é fruto dessa falha parental mas surge como instrumento psíquico de defesa; e um grupo com visão finalista, onde a ansiedade é arquetipicamente presente no processo de escolhas, devendo portanto ser aceito e usado como meio à realização das potencialidades e individuação.

Embora as visões causalista ou finalista tendam à uma perspectiva respectivamente mais conceitual ou imaginal, ambas carregam o potencial de leitura como conceito ou imagem. Essa variação depende mais de como decidimos olhar a questão, sendo preferencialmente um posicionamento consciente.

Ao “Analisar as características psicodinâmicas vinculadas à ansiedade com base nos livros dos principais autores junguianos”, percebemos igual tendência dos autores a várias suas teorias segundo seus enfoques e perspectivas. Ainda assim, o aspecto comum da compreensão da ansiedade nas perspectivas Desenvolvimentista, Clássica ou Arquetípica é a variação de uma posição determinada e fixa, e outra determinante com possibilidades

múltiplas, sobre a própria vida, sendo essa tensão vertiginosa conhecida como Dilema Humano.

Ao “Reimaginar a ansiedade a partir da compreensão dos principais autores junguianos”, adentramos às depressões dos vales e pântanos do mundo interno, em constantes mortes psíquicas, percebendo a tonalidade de Pã e Tântatos na experiência ansiosa.

A tensão do Dilema Humano possibilita diversas vivências e afetos que podem ser vistos como oportunidade, obstáculo ou algo inevitável, e as feridas do aprofundamento podem intensificar vergonhas ou orgulhos, e isso vai definindo a tonalidade de nossa experiência individual de um drama comum. Esse processo de construção de um mito individual corresponde ao objetivo analítico de individuação, tanto do Si-mesmo quanto da imagem.

Seria interessante comparar o resultado encontrado com os questionários mais utilizados pelos psicólogos para avaliar a ansiedade. Isso possibilitaria aos junguianos validar ou não articulações entre esses resultados encontrados e suas discussões teóricas, de acordo com a similaridade dos conceitos. Dentro dessas ferramentas, se destacam o Self-Reporting Questionnaire (SRQ20) (Gorenstein et al., 2016, pp. 82–86), o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) (Cunha, 2001; Gorenstein et al., 2016, pp. 150–152), e a Escala de Ansiedade de Hamilton (Gorenstein et al., 2016, pp. 150–154).

Complementaria essa pesquisa, uma revisão nas obras do Jung não incluídas nas Obras Completas. Uma verificação nas versões em outras línguas, como nas *Collected Works* em inglês (Jung, 2014), poderia confrontar diferenças de termos pela tradução.

Um livro que parece retratar a discussão do tema no campo junguiano, porém que não tive acesso durante a produção dessa tese foi a obra de Craig E. Stephenson (2016).

Também seriam interessantes pesquisas empíricas que pudessem avaliar a consistência da pele psíquica em relação à capacidade criativa em diversos níveis.

A partir da soma das revisões sobre a ansiedade no campo junguiano, continuamos não possuindo um conceito único e conciso, mas diversas formas de manifestação e percepção. Embora tenham percepções diferentes, as diferentes escolas concordam no aspecto praticamente inevitável da ansiedade frente situações de ameaça afetiva, seja ela iminente ou distante. Mesmo as visões que tendem à uma negativização da patologia, entendem sua quase absoluta inevitabilidade.

Tendo a possibilidade de compreensão da ansiedade de forma assimilável à teoria e à consciência, bem como múltipla em manifestações e leituras tendo sempre um aspecto inconsciente, o termo opera entre uma manifestação enquanto conceito e imagem. Assim como Pã, possui seu lado instintivo natural e outro racional humano que coabitam a mesma estrutura fenomenológica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade de compreensões reflete o policentrismo de fundamentos junguianos. Qualquer tentativa de conceitualização excessivamente estrita não capturará o fenômeno, bem como excessivamente inespecífica não promoverá relação. A produção desse trabalho possibilitou novas articulações entre diferentes visões sobre a ansiedade dentro do campo junguiano. Não só o resultado dos levantamentos, mas como sua descrição e discussão trazem tanto ao psicólogo que busca uma compreensão acadêmica e teórica, quanto prática, novas possibilidades de relação com o fenômeno.

A aplicação da visão simultaneamente enquanto conceito e enquanto imagem também pode se expandir para outros fenômenos psicológicos ou termos diagnósticos. Ela mantém uma consciência sobre estarmos falando da mesma coisa a partir de diferentes visões ao discutirmos qualquer aspecto.

Embora o texto tenha uma alma própria, que possibilitaria descrever sua realização por si mesmo, abordei a forma de escrita a partir da minha experiência pessoal nesse processo trabalhoso e gratificante de produção literária.

Para a prática clínica, recomendo o uso da imagem, onde a compreensão da ansiedade serve apenas como suporte de possibilidades relacionais do fenômeno individual que o paciente apresenta. Nesse caso, não se deve fazer tentativas diagnósticas, de definição de ansiedade ou não ansiedade, mas de compreender a imagem e suas relações.

Para a prática teórica e acadêmica, sugiro a percepção de alguns pontos centrais à ansiedade, como: sensação de risco iminente; forte ou constante presença de necessidade de ação; mudanças significativas em algum aspecto de vida; mudanças significativas na própria identidade; instabilidade nas relações interpessoais; instabilidade social ou econômica; sentimento de culpa ou vergonha; ambivalência emocional; bloqueio de criatividade ou de espontaneidade; atitudes inadequadas.

Sendo o *citrinitas* alquímico a fase de ação (R. M. Franklin, 2016, pp. 80–81), a ansiedade pode ser entendida como um vazamento dos elementos dessa fase para as demais,

onde existe uma presença constante daquilo que eternamente está por vir, seja uma ação, seja uma ameaça, seja uma realização, que mesmo que se concretize, nunca ganha consistência psíquica suficiente.

A ansiedade não é um único deus mitológico nem um diagnóstico, é muito mais uma tonalidade gradual, que tinge de sua presença mais ou menos a forma em que nos relacionamos com nossas experiências, ditando o tom em que são vividas, de forma interligada com a forma que cada um experimenta ela.

Apesar de distinções entre Ansiedade Natural que mobiliza o sujeito, e Ansiedade Neurótica que paralisa sua ação estarem presentes na literatura (R. May, 1974, p. 49), elas dizem respeito à uma preocupação materialista e produtivista (1974, p. 89). Essa preocupação não só é real, como também atinge e aflinge diretamente a alma humana que se culpa. Devemos ter a consciência de sua intenção produtivista heroica, e perante isso, podemos assumir uma postura arquetípica e desqualificar sua importância, cientes do materialismo ser a sombra da alma, ou também arquetipicamente tentarmos agir também como profissionais da alma do mundo, cientes que nossa intervenção deve ir além das paredes do consultório ou salas de estudo. Particularmente, prefiro a segunda opção, que nos tira do conforto de nossas poltronas e nos coloca implicados no processo coletivo.

9 REFERÊNCIAS

- Abbott, R. A., Whear, R., Rodgers, L. R., Bethel, A., Thompson Coon, J., Kuyken, W., Stein, K., & Dickens, C. (2014). Effectiveness of mindfulness-based stress reduction and mindfulness based cognitive therapy in vascular disease: A systematic review and meta-analysis of randomised controlled trials. *Journal of Psychosomatic Research*, 76(5), 341–351. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2014.02.012>
- Abramson, L. H. (2008). 1968: Movies and The failure of nostalgia. In *American Cinema of The 1960s: Themes and Variations* (pp. 193–216). Rutgers University Press. <https://doi.org/10.36019/9780813544717-012>
- Adamczyk, R. R. (2019). *Reimagining physical disability: A second look at its phenomenal and archetypal significance*. (Vol. 80, Issues 4-A(E)). ProQuest Information & Learning.
- Agudo, C. O., & Trinca, A. M. T. (2012). Era uma vez: o universo do contar histórias e sua inserção no hospital. *Bol. Acad. Paul. Psicol. (Impr.)*, 331–352. <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-67352#.XNCHvddypbg.mendeley>
- Ahlert, R. (2009). “Der tod und das madchen”: Suizidalitat und tod als symbol des ubergangs in der weiblichen entwicklung. [“Death and the maiden”: Suicidality and death as a symbol of transition for female development.]. In *Analytische Psychologie* (Vol. 40, Issue 158, pp. 456–473). Brandes & Apsel.
- Andersson, A. L. (2019). *Healing through photography: Developing the latent image of the psyche*. (Vol. 80, Issues 2-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- APA. (2002). *Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5th ed.). Artmed. <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudioeducador/2015/DSM V.pdf>
- Association, A. P. (2020). *APA Dictionary of Psychology*. <https://dictionary.apa.org/>
- Ayers, M. Y. (2003). *The eyes of shame*. (Vol. 64, Issues 2-B, p. 954). ProQuest Information & Learning.
- Balaščík, D. (2013). Late relapse of childhood separation anxiety, its development and psychosomatic archetypal transformation . *Ceska a Slovenska Psychiatrie*, 109(4), 191–195. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84883617226&partnerID=40&md5=ace5ced9c14553113f3036adbf4e5441>
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.
- Beavers, K. (2015). Awakening the love within: A boy’s sandplay process. In *Journal of Sandplay Therapy* (Vol. 24, Issue 2, pp. 45–65). Sandplay Therapists of America.
- Beier, M. A. (2014). *The shadow of technology* (Vol. 75, Issues 5-B(E)). ProQuest

Berry, P. (2014). *O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*.

Vozes.

Bisagni, F. (2012). Shrapnel: Latency, mourning and the suicide of a parent. *Journal of Child Psychotherapy*, 38(1), 22–31. <https://doi.org/10.1080/0075417X.2011.651840>

Bitter, W. (1948). Die Angstneurose; Entstehung und Heilung. [Anxiety neurosis; origin and cure.]. *Beiheft Zur Schweizerischen Zeitschrift Fur Psychologie Und Ihre Anwendungen*, 16, 191.

Boucharlat, J. (1969). Reflection on the unconscious and imaginary in the child, through the AT 9 projective test. In *Annales Médico-Psychologiques* (Vol. 1, Issue 3, pp. 450–461). Elsevier Science.

Bovensiepen, G. (2009). Identity formation in adolescence. In *Jung Today* (Vol. 2, pp. 149–161). Nova Science Publishers, Inc. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84931422728&partnerID=40&md5=a6633cba45e4d4b6656c76166eabb388>

Bovensiepen, G. (2010). Living in the soap bubble: The infertile couple and the standstill of the transcendent function in the treatment of an adolescent girl. *Journal of Analytical Psychology*, 55(2), 189–203. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2010.01836_2.x

Bowlby, J. (1990). *Apego e perda. A natureza do vínculo*. Martins Fontes.

Bright, G. (2009). Regression in the countertransference: Working with the archetype of the abandoned child. *Journal of Analytical Psychology*, 54(3), 379–394. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2009.01786.x>

Bromberg, M. H. P. F. (2000). *A psicoterapia em situações de perda e luto*. Livro Pleno.

Bunster, J. (1995). What to do about mother? An adolescent girl's dilemma. In *Incest fantasies & self destructive acts: Jungian and post-Jungian psychotherapy in adolescence*. (pp. 141–151). Transaction Publishers.

Bütz, M. R. (1992). Chaos, an Omen of Transcendence in the Psychotherapeutic Process. *Psychological Reports*, 71(3), 827–843. <https://doi.org/10.2466/pr0.1992.71.3.827>

Byington, C. A. B. (2005). Freud e Jung: o que a emoção não deixou reunir. Um estudo da psicologia simbólica junguiana / Freud and Jung: a reunion hindered by emotion. A study of Jungian symbolic psychology. *Junguiana*, 23, 29–38.

[http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-](http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/freud_e_jung_o_que_a_emocao_nao_deixou_reunir.pdf)

[content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/freud_e_jung_o_que_a_emocao_nao_deixou_reunir.pdf](http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/freud_e_jung_o_que_a_emocao_nao_deixou_reunir.pdf)

Cantz, P. (2018). Apocalyptic exceptionalism and existential particularity: The rise in popularity of dystopian myths and our immortal “other.” In *Memories and monsters:*

- Psychology, trauma, and narrative*. (pp. 11–22). Routledge/Taylor & Francis Group.
<https://doi.org/10.4324/9781315159713>
- Carlomagno, M. C., & Rocha, L. C. da. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1), 173–188. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1>
- Ceccarelli, P. (2005). O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia Em Estudo*, 10(3), 471–477. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300015>
- Chodorow, J. (2000). Marian Chace annual lecture: The moving imagination. In *American Journal of Dance Therapy* (Vol. 22, Issue 1, pp. 5–27). Springer.
<https://doi.org/10.1023/A:1005536025646>
- Cochrane, M., Flower, S., Mackenna, C., & Morgan, H. (2014). A jungian approach to analytic work in the twenty-first century. *British Journal of Psychotherapy*, 30(1), 33–50. <https://doi.org/10.1111/bjp.12060>
- Cohen, K., Auld, F., & Brooker, H. (1994). Is alexithymia related to psychosomatic disorder and somatizing? *Journal of Psychosomatic Research*, 38(2), 119–127.
[https://doi.org/10.1016/0022-3999\(94\)90085-X](https://doi.org/10.1016/0022-3999(94)90085-X)
- Crocq, M.-A. (2015). A history of anxiety: from Hippocrates to DSM. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 17(3), 319–325. <https://doi.org/10.31887/DCNS.2015.17.3/macrocq>
- Cruz, M. G. da, & Coelho, R. M. (2003). O papel do Sagrado no envelhecimento. *Bol. Iniciaç. Cient. Psicol*, 41–56. <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-28779#.XNCIgsAPKTc.mendeley>
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das escalas Beck*. Casa do Psicólogo.
- Davies, M. (1989). The body in child analysis. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 34, Issue 2, pp. 129–141). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1989.00129.x>
- Dawn, H. (2018). *Dreams that were used as legal evidence in the New England witch trials from 1661 to 1692*. (Vol. 78, Issues 12-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Diamond, S. A. (2018). Existential Therapy and Jungian Analysis: Toward an Existential Depth Psychology. In *Journal of Humanistic Psychology*. SAGE Publications Inc.
<https://doi.org/10.1177/0022167818809915>
- Dimitrakos, N. M. (2019). *Maiden of the mer: An imaginal approach to female voice*. (Vol. 80, Issues 2-B(E)). ProQuest Information & Learning.
<https://www.pacifica.edu/dissertation-oral-defense/maiden-mer-imaginal-approach-female-voice/>

- Doksat, M. K. (2003). Depression and cytokines from evolutionary perspective . *Klinik Psikofarmakoloji Bulteni*, 13(3), 97–108.
<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-0142089851&partnerID=40&md5=bd0a3af4ffb5174113b285222f33c820>
- Dolan, J. (2015). Crumbling rejuvenation: Archetype, embodiment and the “aging beauty myth.” In *The happiness illusion: How the media sold us a fairytale*. (pp. 75–88). Routledge/Taylor & Francis Group.
<https://pdfs.semanticscholar.org/6bb7/611ef22e743c236403aedf5a37521daeff21.pdf%0A>
- Dowd, A. (2012). Primal negation as a primitive agony: Reflections on the absence of a place-for-becoming. *Journal of Analytical Psychology*, 57(1), 3–20.
<https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01948.x>
- Downe, S. (2004). Pastoral idylls, erotic anxieties and heroic subjectivities in Sibelius’s lemminkäinen and the Maidens of the Island and first two symphonies. In *The Cambridge Companion to Sibelius* (pp. 35–48). Cambridge University Press.
<https://doi.org/10.1017/CCOL9780521815529.005>
- Espinosa, B. B., & Gutiérrez, T. R. (2010). Lo esencial es invisible a los ojos: payasos que humanizan y promueven salud. *Aletheia*, 31, 4–15.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=es
- Fine, G. A. (1992). Manufacturing tales: Sex and money in contemporary legends. In *Manufacturing tales: Sex and money in contemporary legends*. (p. 212). University of Tennessee Press.
- Fordham, M. (2006). *A criança como indivíduo* (10th ed.). Cultrix.
- Fortim, I., & Araujo, C. A. de. (2013a). Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 33(11), 292–311. <https://doi.org/1468-5922.12359>
- Fortim, I., & Araujo, C. A. de. (2013b). Psicologia analítica e as dependências: uma revisão. *Junguiana*, 12–22. http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-59390#.XNBP2N_GwG4.mendeley
- Franklin, E. F. (2015). *Acutonicsrtn self-care program and stress: Multiple case study exploration of an intervention to ameliorate symptoms of severe stress and compassion fatigue in nurses*. (Vol. 75, Issues 11-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Franklin, M. A. (2016). Imaginal mindfulness—Imaginal intelligence: Musings on the languages of shadow and light in art, meditation, and clinical practice. In *Shadows and*

- light: Theory, research, and practice in transpersonal psychology: Principles and practices, Vol. 1* (pp. 101–121). University Professors Press.
- Franklin, R. M. (2016). *Tabuleiro Alquímico: uma técnica psicoterápica*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Franz, M.-L. von. (1996). *O caminho dos sonhos* (Cultrix (ed.); 10th ed.). Cultrix.
- Franz, M.-L. von. (1997). *C. G. Jung: seu mito em nossa época* (Cultrix (ed.); 10th ed.). Cultrix.
- Freeman, D. R. (2015). Archetypal identification: An alternative for spiritual well-being assessment. In *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought* (Vol. 34, Issue 2, pp. 158–176). Taylor & Francis.
<https://doi.org/10.1080/15426432.2014.973987>
- Gailor-Loflin, H. (2006). *Imagining leadership, imagining society: Pathways to leadership development in social change organizations*. (Vol. 67, Issues 2-B, p. 1204). ProQuest Information & Learning.
- Giaccardi, G. (2015). Unconscious processes, instrumental music and the experience of the sublime: An exploration through Messiaen's quartet for the end of time. *British Journal of Psychotherapy*, 31(4), 448–462. <https://doi.org/10.1111/bjp.12176>
- Giglio, J. S. (1994). Psicoterapia na ansiedade - abordagem junguiana. *Inf. Psiquiatr*, 53–55.
<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-1534#.XNCHo36oWeE.mendeley>
- Giles, S. P. (2000). *The unnested woman: An investigation of dreams of midlife women who have experienced divorce from a long-term mate* (Vol. 61, Issues 4-B, p. 2200). ProQuest Information & Learning.
- Goldberg, S. B., Tucker, R. P., Greene, P. A., Davidson, R. J., Wampold, B. E., Kearney, D. J., & Simpson, T. L. (2018). Mindfulness-based interventions for psychiatric disorders: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 59, 52–60.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2017.10.011>
- Goorden, C. (1998). The aporetic character of drewermann's therapeutic theology. *Bijdragen*, 59(3), 267–290. <https://doi.org/10.1080/00062278.1998.10739704>
- Gordillo, T. (2016). "To build a bridge: Myth and legend to reframe mental health in young adult readers." *Youth Voice Journal*, 6.
- Gorenstein, C., Wang, Y.-P., & Hungerbühler, I. (2016). *Instrumentos de avaliação em saúde mental* (1st ed.). Artmed.
- Gregory, T. (2011). The rise of the productive non-place: The contemporary office as a state of exception. *Space and Culture*, 14(3), 244–258.
<https://doi.org/10.1177/1206331211412264>

- Guttzeit, G. (2015). Fearful fantasy: Figurations of the oedipus myth in scorsese's shutter Island (2010). In *Fear and Fantasy in a Global World* (Vol. 81, pp. 143–162). Brill. https://doi.org/10.1163/9789004306042_009
- Hall, J. A. (1997). *Jung e a interpretação dos sonhos: Manual de Teoria e Prática* (Cultrix (ed.); 12th ed.).
- Harris, D. L. (2012). Hands in the sand. In *Techniques of grief therapy: Creative practices for counseling the bereaved*. (pp. 61–66). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Hemingway, A. (2011). *The near-death experience: A mythic model for conscious living and dying* (Vol. 71, Issues 9-B, p. 5773). ProQuest Information & Learning.
- Heyer, G. (2015). The making of a tragedy: Perversion in the perception of truth. *Journal of Analytical Psychology*, 60(5), 642–656. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12177>
- Heyer, G. (2016). Race, religion and a cat in the clinical hour. *The Journal of Analytical Psychology*, 61(4), 434–449. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12239>
- Hillman, J. (1984). *O Mito da Análise: três ensaios sobre psicologia arquetípica*. Paz e Terra.
- Hillman, J. (2010). *Re-vendo a psicologia*. Vozes.
- Hillman, J. (2011a). *Psicologia Alquímica*. Vozes.
- Hillman, J. (2011b). *Suicídio e alma* (4^a). Vozes.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Vozes.
- Hillman, J. (2015). *Pã e o Pesadelo*. Paulus.
- Hillman, J. (2018). *Uma investigação sobre a imagem*. Vozes.
- Hillman, J. (1999). *O Livro do Puer: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus* (2nd ed.). Paulus.
- Hillman, J., & Ventura, M. (1995). *Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior* (1st ed.). Summus.
- Hilton, L., Hempel, S., Ewing, B. A., Apaydin, E., Xenakis, L., Newberry, S., Colaiaco, B., Maher, A. R., Shanman, R. M., Sorbero, M. E., & Maglione, M. A. (2017). Mindfulness Meditation for Chronic Pain: Systematic Review and Meta-analysis. *Annals of Behavioral Medicine*, 51(2), 199–213. <https://doi.org/10.1007/s12160-016-9844-2>
- Hinton III, L. (2018). Is Jung Existential or Not? Reflections on Temporality and Everydayness. In *Journal of Humanistic Psychology*. SAGE Publications Inc. <https://doi.org/10.1177/0022167818820464>
- Hinton, A. (2011). Genocide, categorical certainty, and the truth: Questions from the Khmer Rouge Tribunal. *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 390–396. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_4.x
- Hinton, D. (2011). Agoraphobia, infinite space, and epistemic rupture: Europe at the end of

- the 19th century. *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 386–389.
https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_3.x
- Hinton III, L. (2011). Introduction: Fragmentation of the Unus Mundus. *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 375–380. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_1.x
- Hinton IV, L. (2011). Facing the “Alzheimer-ed subject.” *Journal of Analytical Psychology*, 56(3), 381–385. https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2011.01915_2.x
- Hirata, R. A. (2005). O complexo de Chronos e o descompasso emocional. *Junguiana*, 67–77.
<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-472391#.XNCIWhxlaSI.mendeley>
- Honig, B. (2009). Democracy and the foreigner. In *Democracy and the Foreigner*. Princeton University Press.
- Horne, M. (2008). Evil acts not evil people: Their characteristics and contexts. *Journal of Analytical Psychology*, 53(5), 669–690. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2008.00759.x>
- Hornung, K. G. (2018). *Woman and predator: Intimate partner violence at home and in “bluebeard”* (Vol. 79, Issues 8-A(E)). ProQuest Information & Learning.
- Hougham, R. (2012). The matrix, group processes and dramatherapy. *Arts in Psychotherapy*, 39(1), 60–65. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2011.11.007>
- Hubback, J. (1990). Tearing to pieces: Pentheus, the Bacchae and analytical psychology. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 35, Issue 1, pp. 3–17). Blackwell Publishing.
<https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1990.00003.x>
- Jakes, K. (2017). Songs of our fathers: Gender and nationhood at the liberation of France. *Rhetoric and Public Affairs*, 20(3), 385–419.
<https://doi.org/10.14321/rhetpublaffa.20.3.0385>
- Jilek, W. G., & Jilek-Aall, L. (1978). Initiation in Papua New Guinea: psychohygienic and ethnopsychiatric aspects. *Papua and New Guinea Medical Journal*, 21(3), 252–263.
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/291235>
- Juliana Xavier Dalbem, & Dell’Aglío, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12–24. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a03.pdf>
- Jullien-Palletier, V. (1998). Phobia, the ultimate creation. In *Cahiers Jungiens de Psychanalyse* (Vol. 93, pp. 69–80). Cahiers Jungiens de Psychanalyse.
- Jung, C. G. (1995a). *A Dinâmica do Inconsciente. OC VIII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995b). *Estudos alquímicos. OC XIII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995c). *Freud e a Psicanálise. OC IV*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995d). *Índices Gerais. OC XIX*. Vozes.

- Jung, C. G. (1995e). *O espírito na arte e na ciência. OC XV*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995f). *Psicogênese das doenças Mentais. OC III*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995g). *Psicologia e alquimia. OC XII*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995h). *Psicologia em transição. OC X*. Vozes.
- Jung, C. G. (1995i). *Tipos psicológicos. OC VI*. Vozes.
- Jung, C. G. (1997). *A vida simbólica 1. OC XVIII/I*. Vozes.
- Jung, C. G. (2010). *O Livro Vermelho: Liber Novus*.
- Jung, C. G. (2014). *Collected Works of C. G. Jung*. Princeton University Press.
- Jung, C. G. (2019a). *Estudos sobre Psicologia Analítica. OC VII*. Vozes.
- Jung, C. G. (2019b). *O Eu e o Inconsciente. OC VII/II*. Vozes.
- Jung, C. G., & Wilhelm, R. (2013). *Segredo da flor de ouro: Um livro de vida chinês* (15th ed.). Vozes.
- Kalsched, D. E. (1998a). Archetypal defenses in the clinical situation: A vignette. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 43, Issue 1, pp. 3–17). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00003>
- Kalsched, D. E. (1998b). Reply to Reid Anderson. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 43, Issue 4, pp. 597–599). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00056>
- Kalsched, D. E. (2003). Daimonic elements in early trauma. *The Journal of Analytical Psychology*, 48(2), 145–169; discussion 191–9, 201–205. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12733232>
- Kalsched, D. E. (2014). *O mundo interior do trauma: Defesas arquetípicas do espírito pessoal* (Paulus (ed.)). Paulus.
- Kast, V. (1997). *A Imaginação Como Espaço da Liberdade. Diálogos Entre o Ego e o Inconsciente*. Loyola.
- Kast, V. (2006). *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*. Paulus.
- Keyes, D. (2010). *Post-Jungian/auteur studies: Tim Burton's oeuvre*. (Vol. 55, Issue 41). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/a0021226>
- Khodarahimi, S. (2010). Snake mother imagery in generalised anxiety disorder. In *International Forum of Psychoanalysis* (Vol. 19, Issue 3, pp. 165–171). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1080/08037060903524407>
- Kloss, R. J. (1985). The pain of love and the pain of loss: Flannery O'Connor's "The Enduring Chill." In *Journal of Evolutionary Psychology* (Vol. 6, Issues 1–2, pp. 134–146). Institute for Evolutionary Psychology.
- Kostihova, M. (2016). Digging for perfection: Discourse of deformity in Richard III's

- excavation. *Palgrave Communications*, 2. <https://doi.org/10.1057/palcomms.2016.46>
- Kuiken, D., & Nielsen, T. (1996). Individual differences in orienting activity mediate feeling realization in dreams: I. Evidence from retrospective reports of movement inhibition. In *Dreaming* (Vol. 6, Issue 3, pp. 201–217). Human Sciences Press, Inc. <https://doi.org/10.1037/h0094455>
- Kwok, P. F. (2015). *Oncologists and death: From a heroic angle of repose*. (Vol. 75, Issues 11-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Lafer, J. (2017). *Welcoming the stranger: On the importance of a clinical attitude of curiosity when working With children as patients* (Vol. 78, Issues 2-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Langs, R. (2014). An Archetypal Mental Coding Process. *Biosemiotics*, 7(2), 299–307. <https://doi.org/10.1007/s12304-014-9214-z>
- Langs, Robert. (2008). Unconscious death anxiety and the two modes of psychotherapy. In *Psychoanalytic Review* (Vol. 95, Issue 5, pp. 791–818). Guilford Publications. <https://doi.org/10.1521/prev.2008.95.5.791>
- Leite Júnior, A. C., Katzer, T., & Ramos, D. G. (2017). Three Cases of Hair Loss Analyzed by the Point of View of the Analytical Psychology. *International Journal of Trichology*, 9(4), 177–180. https://doi.org/10.4103/ijt.ijt_106_16
- López-Pedraza, R. (1997). *Ansiedade Cultural* (1st ed.). Paulus.
- Maggert, W. T. (2018). *Corrupting masculinity: Cultural complexes of the archetypal masculine shared between men*. (Vol. 78, Issues 9-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Maiello, S. (2008). Encounter with a traditional healer Western and African therapeutic approaches in dialogue. *Journal of Analytical Psychology*, 53(2), 241–260. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2008.00719.x>
- Martin-Vallas, F. (2009). From end time to the time of the end: Some reflections about the emergence of subjectivity. *Journal of Analytical Psychology*, 54(4), 441–460. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2009.01796.x>
- Mathers, D. (2001). *An introduction to meaning and purpose in analytical psychology*. Brunner-Routledge.
- Maturana, H. R., & Verden-Zöller, G. (2004). *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano*. Palas Athena.
- May, C. F. (2018). *The sacred womb: The evolution of the psyche through pregnancy and childbirth* (Vol. 78, Issues 7-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- May, R. (1974). *Psicologia e dilema humano* (Zahar (ed.); 1st ed.).

- <https://drive.google.com/open?id=1Mzcz9PfFhWW6EtzRFjokwCj1kSe4q8YR>
- May, R. (1977). *O Significado de Ansiedade* (Zahar (ed.)).
- Mccormick, L. J. (1997). *A study of the dreams of AIDS hospice volunteers*. (Vol. 58, Issues 5-B, p. 2690). ProQuest Information & Learning.
- Mizen, R. (2014). On the capacity to suffer one's self. *The Journal of Analytical Psychology*, 59(3), 314–332. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12080>
- Moraes, I. F., Amaral, C. M. dos S., & Bastos, F. D. C. (2021). Teses de doutorado em Gestão do Esporte no Brasil: uma revisão integrativa metodológica. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 27, e27012. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.103915>
- Morrow, M. E. (2001). *Pathological narcissism and the denial of mortality: An integration of Jungian and object relations perspectives*. (Vol. 62, Issues 1-B, p. 558). ProQuest Information & Learning.
- Murray, S. A., Kendall, M., Boyd, K., Grant, L., Highet, G., & Sheikh, A. (2010). Archetypal trajectories of social, psychological, and spiritual wellbeing and distress in family care givers of patients with lung cancer: secondary analysis of serial qualitative interviews. *BMJ (Clinical Research Ed.)*, 340, c2581. <https://doi.org/10.1136/bmj.c2581>
- Nelson, A. F. (2015). *Anxiety in the process of individuation. an in-depth psychological study*. (Vol. 75, Issues 7-B(E)). ProQuest Information & Learning. <https://pqdtopen.proquest.com/pubnum/3615868.html?FMT=AI>
- Neumann, E. (2000). *O medo do feminino: E outros ensaios sobre a psicologia feminina* (Paulus (ed.)). Paulus.
- Neumann, E. (2008). *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina no inconsciente* (Cultrix (ed.); 13th ed.). Cultrix.
- Nguyen, T. T. T., Bellehumeur, C., & Malette, J. (2018). Images of god and the imaginary in the face of loss: A quantitative research on vietnamese immigrants living in canada. *Mental Health, Religion & Culture*. <https://doi.org/10.1080/13674676.2018.1499715>
- Nielsen, N. P., & Nava, V. (1975). Images of monsters in the Rorschach test. *Rassegna di Studi Psichiatrici*, 64(5), 702–714. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-0016685141&partnerID=40&md5=82c446dfade7db220f4daa4fd6999930>
- Nixon, G., Solovvoniuk, J., & McGowan, V. (2006). The Counterfeit Hero's Journey of the Pathological Gambler: A Phenomenological Hermeneutics Investigation. In *International Journal of Mental Health and Addiction* (Vol. 4, Issue 3, pp. 217–232). Springer. <https://doi.org/10.1007/s11469-006-9021-0>
- Oliveira, S. R. (2012). O suicídio e os apelos da alma: reflexões sobre o suicídio na clínica junguiana com pacientes adolescentes. *O Mundo Da Saúde*, 36(1), 103–110.

- <https://doi.org/10.15343/0104-7809.2012361103110>
- Parisi, S. (2009). *Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica* [Universidade de São Paulo].
<https://doi.org/10.11606/T.47.2009.tde-09122009-152719>
- Patti, C. J. (2012). Split shadows: Myths of a lost father and son. *Qualitative Inquiry*, 18(2), 153–161. <https://doi.org/10.1177/1077800411429091>
- Peled, A., & Geva, A. B. (2014). “Clinical brain profiling”: A neuroscientific diagnostic approach for mental disorders. *Medical Hypotheses*, 83(4), 450–464.
<https://doi.org/10.1016/j.mehy.2014.07.013>
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3). <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Peppler, J. K. (2018). *The psychology of home: An archetypal study of relationship to place* (Vol. 78, Issues 9-B(E)). ProQuest Information & Learning.
- Perls, F. (1988). *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular*. LTC - Livros Técnicos e Científicos.
- Perry, C. (2007). Jan Lee: An individual journey. In *British Journal of Psychotherapy* (Vol. 23, Issue 2, p. 284). Blackwell Publishing. https://doi.org/10.1111/j.1752-0118.2007.00023_2.x
- Pervin, L. A., Reik, L. E., & Dalrymple, W. (1966). *The College Dropout and the Utilization of Talent*. Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9781400876013>
- Ponzanesi, S. (2014). Queering European sexualities through Italy’s fascist past: Colonialism, homosexuality, and masculinities. In *What’s Queer about Europe?: Productive Encounters and Re-Enchanting Paradigms* (pp. 81–90). Fordham University Press.
<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84923492594&partnerID=40&md5=1a2c84be65c15b3924502f96860b918e>
- Prior, N. (2008). OK computer: Mobility, software and the laptop musician. In *Information, Communication & Society* (Vol. 11, Issue 7, pp. 912–932). Taylor & Francis.
<https://doi.org/10.1080/13691180802108982>
- Proner, B. D. (2016). Erratum to: Withdrawal notice: ‘Bodily states of anxiety: the movement from somatic states to thought’, by Barry D. Proner. (*Journal of Analytical Psychology*, 2005, 50, 3, (311-331), 10.1111/j.0021-8774.2005.00535.x). *Journal of Analytical Psychology*, 61(4), 560. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12250>
- Proner, B. D. (2017). The latency complex: the dead hand of anti-development. *Journal of Analytical Psychology*, 62(4), 567–584. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12337>

- Rawlinson, B. (1996). The seeds of the pomegranate: Images of depression. In *Dramatherapy: Clinical studies*. (pp. 151–178). Jessica Kingsley Publishers.
- Reay, B., Attwood, N., & Gooder, C. (2013). Inventing sex: The short history of sex addiction. In *Sexuality & Culture: An Interdisciplinary Quarterly* (Vol. 17, Issue 1, pp. 1–19). Springer. <https://doi.org/10.1007/s12119-012-9136-3>
- Ricci, F. (2014). The Sopranos: Born under a bad sign. In *The Sopranos: Born Under a Bad Sign*. University of Toronto Press.
- Romanyshyn, R. D. (2013). *The Wounded Researcher: Research with Soul in Mind*. Spring Journal.
- Russack, N. W. (1984). Amplification: The spiral. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 29, Issue 2, pp. 125–134). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1984.00125.x>
- Sampaio, R., & Mancini, M. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83–89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos* (Imago (ed.)). Imago.
- Samuels, A. (2005). Will the post-Jungians survive? In R. & F. Group (Ed.), *Post-Jungians Today: Key papers in contemporary analytical psychology*. Routledge/Taylor & Francis Group.
- Satia, P. (2011). “A rebellion of technology”: Development, policing, and the British Arabian imaginary. In *Environmental Imaginaries of the Middle East and North Africa* (pp. 23–59). Ohio University Press. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84904084892&partnerID=40&md5=28d8aa5d5cb196023bf20ee023e7e5e1>
- Satinover, J. (1985). Jung’s relation to the mother. In *Quadrant: Journal of the C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology* (Vol. 18, Issue 1, pp. 9–22). C. G. Jung Foundation for Analytical Psychology.
- Scarabel, C. A. (2011). *A experiência da puérpera com o parto prematuro e internação do seu recém-nascido numa unidade de terapia intensiva neonatal: estudo a partir da psicologia analítica* [Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.47.2011.tde-17042012-113540>
- Schermer, V. L. (2008). Commentary: The complexity of gender. In *Group* (Vol. 32, Issue 1, pp. 57–70). Mental Health Resources. https://www.jstor.org/stable/41719178?seq=2#metadata_info_tab_contents%0A
- Schore, A. N. (2019). *The Development of the Unconscious Mind*. W. W. Norton & Company.

- Sempruch, J. S. (2018). Feminist visions and socio-political meanings of non-monogamous love. In *Feminism and the Power of Love: Interdisciplinary Interventions* (pp. 117–136). Taylor and Francis. <https://doi.org/10.4324/9781315200798>
- Serbena, C. A., & Raffaelli, R. (2003). Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. *Psicologia Em Estudo*, 8(1), 31–37.
- Sgarlata, D. J. (1996). *Psychoanalysis, analytical psychology and gender characterization in the modern novel: Reception of Freudian theory in Breton's Nadja and Jungian theory in the works of Hesse*. (Vol. 57, Issues 1-A, p. 243). ProQuest Information & Learning.
- Shirazi, M. A., & Wan Yahya, W. R. (2014). P A Jungian approach to self-fragmentation of twentieth century in orwell's nineteen eighty four. *International Journal of Applied Linguistics and English Literature*, 3(6), 224–233.
<https://doi.org/10.7575/aiac.ijalel.v.3n.6p.224>
- Sidoli, M. (1986). The volcano and the iceberg: The analysis of an eleven-year-old boy. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 31, Issue 2, pp. 135–152). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1986.00135.x>
- Sidoli, M. (2000). The little puppet: Working with autistic defences in mother–infant psychotherapy. In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 45, Issue 2, pp. 159–175). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00150>
- Silveira, N. da. (2006). *O Mundo das Imagens* (Ática (ed.)).
- Silverstein, S. M. (2007). Integrating Jungian and self-psychological perspectives within cognitive-behavior therapy for a young man with a fixed religious delusion. In *Clinical Case Studies* (Vol. 6, Issue 3, pp. 263–276). Sage Publications.
<https://doi.org/10.1177/1534650106287224>
- Simpson, R., Booth, J., Lawrence, M., Byrne, S., Mair, F., & Mercer, S. (2014). Mindfulness based interventions in multiple sclerosis - a systematic review. *BMC Neurology*, 14(1), 15. <https://doi.org/10.1186/1471-2377-14-15>
- Sinason, M. D. A., & Cone-Farran, A. M. (2007). The new, the now and the nowhere in Kalsched's archetypal self-care system. In *Who owns Jung?* (pp. 111–131). Karnac Books.
- Skar, P. (2004). Chaos and self-organization: emergent patterns at critical life transitions. *The Journal of Analytical Psychology*, 49(2), 243–262. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.2004.00456.x>
- Sonnekus, T. (2013). “We’re not faggots!”: Masculinity, Homosexuality and the Representation of Afrikaner Men Who have Sex with Men in the Film *Skoonheid* and Online. *South African Review of Sociology*, 44(1), 22–39.

<https://doi.org/10.1080/21528586.2013.784446>

- Spiegelman, J. M. (1988). The impact of suffering and self-disclosure on the life of the analyst. In *The analytic life: Personal and professional aspects of being a Jungian analyst*. (pp. 71–78). Sigo Press.
- Steinberg, W. (1990). Circle of care: Clinical issues in Jungian therapy. In *Circle of care: Clinical issues in Jungian therapy*. (p. 157). Inner City Books.
- Stephenson, C. E. (2016). *Ages of Anxiety: Jung's Types as Inspiration for Poetry, Music, and Dance*. Spring Journal.
- Strong, L. (2006). *Psychopomp stories: Contemplating death in a spiritually diverse society* (Vol. 67, Issues 3-A, p. 965). ProQuest Information & Learning.
- The PRISMA Group. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335–342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Thibaudeau, C. (2013). The psychoanalysis of suspicion -otherness put to the test . *Topique*, 122(1), 45–60. <https://doi.org/10.3917/top.122.0045>
- Toivonen, K. I., Zernicke, K., & Carlson, L. E. (2017). Web-Based Mindfulness Interventions for People With Physical Health Conditions: Systematic Review. *Journal of Medical Internet Research*, 19(8), e303. <https://doi.org/10.2196/jmir.7487>
- Ulson, G. (1988). *O método Junguiano* (Ática (ed.)).
- Valladão, L. S. (2017). *Ansiedade e Contemporaneidade: Uma Leitura Junguiana*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- van Son, J., Nyklicek, I., Pop, V. J., Blonk, M. C., Erdtsieck, R. J., Spooren, P. F., Toorians, A. W., & Pouwer, F. (2013). The Effects of a Mindfulness-Based Intervention on Emotional Distress, Quality of Life, and HbA1c in Outpatients With Diabetes (DiaMind): A randomized controlled trial. *Diabetes Care*, 36(4), 823–830. <https://doi.org/10.2337/dc12-1477>
- Vance, D. E. (2014). Review of Gods and diseases: Making sense of our physical and mental wellbeing. In *Journal of Religion, Spirituality & Aging* (Vol. 26, Issue 4, pp. 370–372). Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1080/15528030.2014.937195>
- Vecchi, L. (2001). Lawfull avarice”: Rachel speght’s mortalities memorandum and the necessity of women’s education. *Women’s Writing*, 8(1), 3–20. <https://doi.org/10.1080/09699080100200171>
- Waddell, T. (2014). Wild/lives: Trickster, place and liminality on screen. In *Wild/lives: Trickster, Place and Liminality on Screen*. Taylor and Francis. <https://doi.org/10.4324/9781315787619>

- Wahba, L. L. (2017). A estranheza do outro e os limites da tolerância. *Junguiana*, 35(2), 5–12. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Weber, B. E. (2017). Psychological implications of a vision disorder. *Journal of Analytical Psychology*, 62(2), 205–226. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12305>
- Weisel, A. (2015). Virtual reality and the psyche. Some psychoanalytic approaches to media addiction. *Journal of Analytical Psychology*, 60(2), 198–219. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12144>
- West, M. (2017). Self-disclosure, trauma and the pressures on the analyst. *Journal of Analytical Psychology*, 62(4), 585–601. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12338>
- Wharton, B. (1993). The eye and the “I.” In *The Journal of Analytical Psychology* (Vol. 38, Issue 1, pp. 77–85). Blackwell Publishing. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1993.00077.x>
- Wharton, B. (1996). In the last analysis: archetypal themes in the analysis of an elderly patient with early disintegrative trauma. *Journal of Analytical Psychology*, 41(1), 19–36. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1996.00019.x>
- WHO. (2017). *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>
- Wiener, J. (1994). Looking Out and Looking In: Some reflections on ‘body talk’ in the consulting room. *Journal of Analytical Psychology*, 39(3), 331–350. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1994.00331.x>
- Wilke, H.-J. (1989). Faust and care: Reflections on transcending heroics. In *Analytische Psychologie* (Vol. 20, Issue 75, pp. 4–18). Brandes & Apsel.
- Wilkinson, M. (2006). The dreaming mind-brain: A Jungian perspective. *Journal of Analytical Psychology*, 51(1), 43–59. <https://doi.org/10.1111/j.0021-8774.2006.00571.x>
- Withers, R. (2015). The seventh penis: Towards effective psychoanalytic work with pre-surgical transsexuals. *Journal of Analytical Psychology*, 60(3), 390–412. <https://doi.org/10.1111/1468-5922.12157>
- Zettl, L. A. (1999). *Knights in shining armor: A phenomenological exploration of the experience of trauma in emergency service personnel and the impact of somatic experiencing*. (Vol. 60, Issues 2-B, p. 847). ProQuest Information & Learning.
- Zimmermann, E. B. (1997). *Dança meditativa e caixa de areia associadas à análise verbal como técnica facilitadora de integração de processos simbólicos / Meditative dance and sand box associated with the verbal analysis as a facilitating technique of symbolic*

process integration. [Universidade Estadual de Campinas].

http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/309885/1/Zimmermann_ElisabethBauch_D.pdf

Zinda, E. S. (2018). *American cerberus: Pit bulls and psyche in the United States*. (Vol. 79, Issues 1-B(E)). ProQuest Information & Learning.